



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**CLÁUDIA RUTE OLIVEIRA NOVO GOMES FEIJÃO**

**A dignidade humana na Criação:**  
**Para além da ecologia ambiental.**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Mestre Juan Francisco García Ambrosio**  
**Professor Doutor Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira**

**Lisboa**  
**2022**

*«Queres saber de que cor são os sonhos de Deus?*

*Volta a olhar o mundo pela primeira vez.*

*Queres saber o lugar da morada de Deus?*

*Volta a olhar o homem pela primeira vez.»*

*José Tolentino Mendonça*

*Hino diocesano da Jornada Mundial da Juventude, Roma 2000*

Ao meu melhor Amigo,  
Aquele que é o Princípio e o Fim,  
que me criou à *Sua imagem e semelhança*,  
e que nunca me falta!

Aos meus pais  
que me amam e apoiam incondicionalmente  
e estão sempre presentes!

Aos meus colegas,  
amigos que se tornaram nesta jornada!

Aos professores,  
todos com quem me cruzei e tornaram possível esta caminhada,  
e em especial, à Professora Cooperante, Mestre Aida Félix,  
que reencontrei 30 anos depois, cujo sorriso cativante e sereno mantém;  
ao Professor Mestre Juan García Ambrosio,  
pela tranquilidade que sempre transmitiu e pela imensa paciência;  
e ao Professor Doutor Alfredo Teixeira,  
pela sua disponibilidade!

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>ABSTRACT</b> .....	7
<b>SIGLÁRIO</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 - A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA</b> .....	13
1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada .....	13
1.1. Caracterização da Escola .....	14
1.2. Caracterização da Turma .....	17
2. Reflexão global da Prática de Ensino Supervisionada .....	19
2.1. Experiência em contexto escolar e em sala de aula .....	19
2.2. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada .....	23
3. Unidade Letiva 1 do 7º ano "As Origens" .....	27
3.1. Análise da Unidade Letiva .....	27
3.2. Da lecionação (planificação IV) e respetiva reflexão .....	32
3.3. Ecologia: integral e ambiental .....	61
<b>CAPÍTULO 2 - ECOLOGIA INTEGRAL E DIGNIDADE HUMANA</b> .....	65
1. A dignidade humana nos relatos da Criação .....	66
1.1. O género literário nas narrativas da criação .....	68
1.2. A dignidade humana em Gn 1 .....	72
1.3. A dignidade humana em Gn 2 .....	77
1.4. Orientações decorrentes do Evangelho da Criação .....	82
2. Ecologia integral na <i>Laudato Si'</i> .....	86
2.1. Ecologia ambiental, económica e social .....	90
2.2. Ecologia cultural .....	94
2.3. Ecologia da vida quotidiana .....	96
2.4. O princípio do bem comum .....	99
2.5. A justiça intergeracional .....	102
<b>CAPÍTULO 3 - CONTRIBUTOS DA EMRC PARA A PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA E O CUIDADO DA CASA COMUM</b> .....	106
1. Uma (pequena) reformulação à "Criação: um acontecimento inacabado" .....	108
2. Um contributo da EMRC para a vivência da dignidade humana: Clube <i>Ger(a)ção</i> .....	116
<b>CONCLUSÃO</b> .....	124
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	126

## ÍNDICE DE IMAGENS E QUADROS

### Imagens

Imagem 1: Síntese final da aula um .....	39
Imagem 2: Síntese final da aula três .....	49

### Quadros

Quadro 1: Resumo UL 1 “As Origens” .....	31
Quadro 2: Planificação aula um .....	35
Quadro 3: Planificação aula dois .....	40
Quadro 4: Planificação aula três .....	45
Quadro 5: Planificação aula quatro .....	50
Quadro 6: Planificação aula cinco .....	54
Quadro 7: Planificação aula seis .....	59
Quadro 8: Proposta de planificação aula quatro .....	111
Quadro 9: Proposta de planificação aula cinco .....	113
Quadro 10: Apresentação-resumo do Clube <i>Ger(a)ção</i> .....	122

## **RESUMO**

A questão ecológica é, no contexto atual, uma preocupação premente e inadiável para a Humanidade. Todavia, não pode restringir-se apenas à questão ambiental; ela tem de ser considerada numa perspectiva holística e onde o ser humano é elemento fundamental.

Este trabalho, fruto da lecionação e análise crítica da Unidade Letiva 1 do 7.º ano "As Origens" realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, visa a reflexão sobre a ecologia integral e a dignidade humana tendo como pilares orientadores as narrativas da criação presentes no Livro do Génesis e a Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco sobre o cuidado com a Casa Comum.

Considerando o papel do ser humano como corresponsável pela Criação, concluiremos este trabalho apresentando uma proposta de lecionação do tema "Criação: um acontecimento inacabado", onde se introduz a *Laudato Si'*, culminando com a contribuição que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode ter na escola para o desenvolvimento integral dos alunos, o Clube *Ger(a)ção*.

## **PALAVRAS-CHAVE**

EMRC; Criação; Dignidade Humana; Ecologia Integral; Ecologia Humana; *Laudato Si'*; Clube *Ger(a)ção*; Prática de Ensino Supervisionada

## **ABSTRACT**

The ecological issue is, in the current context, a pressing and urgent concern for Humanity. However, it cannot be restricted only to the environmental issue; it has to be considered in a holistic perspective and where the human being is a fundamental element.

This work, the result of the teaching and critical analysis of the Teaching Unit 1 of the 7th year "As Origens" carried out within the scope of Supervised Teaching Practice, aims to reflect on integral ecology and human dignity having as guiding pillars the narratives of creation present in the Book of Genesis and Pope Francis' Encyclical Letter *Laudato Si'* on Care for the Common Home.

Considering the role of human being as co-responsible for Creation, we will conclude this work by presenting a teaching proposal on the theme "Creation: an unfinished event", where *Laudato Si'* is introduced, culminating with the contribution that the subject of Catholic Moral and Religious Education can have in the school for the integral development of the students, the *Ger(a)çã*o Club.

## **KEYWORDS**

CMRE; Creation; Human Dignity; Integral Ecology; Human Ecology; *Laudato Si'*; *Ger(a)çã*o Club; Supervised Teaching Practice

## **SIGLÁRIO**

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CL – Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*

CV – Carta Encíclica *Caritas in Veritate*

ChV – Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EV – Carta Encíclica *Evangelium Vitae*

FT – Carta Encíclica *Fratelli Tutti*

Gn – Livro do Génesis

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

LS – Carta Encíclica *Laudato Si'*

QA – Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*

VD – Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a humanidade, fruto de uma abordagem mais incisiva sobre a influência e repercussão de determinados comportamentos humanos na natureza, tem revelado maior sensibilidade para as questões ambientais, o que se tem refletido nas agendas sociais e políticas, quer nacionais quer internacionais, onde a ecologia está cada vez mais na ordem do dia revelando-se um tema transversal a todas as áreas. Porém, o grande ênfase continua a estar na ecologia ambiental relegando a ecologia humana para segundo plano, esquecendo a máxima que «tudo está estreitamente interligado no mundo» (LS 16).

A Igreja também tem refletido sobre estas questões e, ao longo dos tempos, o Magistério tem contribuído para a forma como a questão ecológica tem sido abordada, alertando também, porque a ela está intimamente unida, para a ecologia humana. A Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum do Papa Francisco deu um contributo importante neste sentido, sensibilizando para o desafio urgente de proteger a Terra. No entanto, este desafio só pode ser superado se toda a humanidade se mostrar unida em colaborar na busca do seu desenvolvimento integral. Por isso, é imprescindível uma ecologia que abarque as múltiplas dimensões e onde o ser humano tem um lugar específico em virtude da sua dignidade face a tudo aquilo que o rodeia. Destinada a todos os homens de boa vontade, esta Carta Encíclica relembra que, na tradição judaico-cristã, o ser humano, criado à “imagem e semelhança” de Deus tem uma dignidade diferente das demais criaturas e que, por isso, é chamado a ser colaborador de Deus na obra da Criação pelo que a ecologia tem de ser uma ecologia integral.

O tema deste Relatório resulta do trabalho e da reflexão produzida a este propósito na sequência da Prática de Ensino Supervisionada (PES), que se realizou no Agrupamento de Escolas da Damaia, no concelho da Amadora, com o objetivo de desenvolver competências ao nível pedagógico na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas da Faculdade de Teologia de Lisboa da Universidade Católica Portuguesa. E surge da conjugação de dois aspetos: do facto da dignidade humana ser um tema que, de modo especial, nos apraz, e, em particular, no âmbito da Unidade Letiva 1 "As Origens" do 7.º ano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), onde o tema é abordado com base nas

narrativas da criação (bem como a questão ecológica também ligada à criação como acontecimento inacabado); e do facto de, como já se referiu, a ecologia "verde" apresentar uma preponderância maior do que a ecologia humana não podendo, neste sentido, deixar de se citar o Papa Francisco quando diz que: «às vezes nota-se a obsessão de negar qualquer preeminência à pessoa humana, conduzindo-se uma luta em prol das outras espécies que não se vê na hora de defender igual dignidade entre os seres humanos» (LS 90).

Face à, ainda, existente iliteracia religiosa, concretizada no desconhecimento da cultura bíblica, associada à dificuldade em estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé, mostram-se necessários itinerários que capacitem, no caso concreto deste Relatório da PES, os alunos para uma hermenêutica religiosa da realidade, bem como para a importância de conceitos como ecologia integral e corresponsabilidade do ser humano na obra da Criação, onde se inserem o cuidado do outro e da natureza, para que, desta forma, deixe de se valorizar a ecologia ambiental em detrimento da ecologia humana, e se concretize uma verdadeira ecologia, a ecologia integral.

Numa fase da vida em que os alunos procuram respostas às questões fundamentais da vida, a construção de um projeto pessoal de vida está interligado com a realidade que rodeia cada aluno. O conhecimento da perspectiva religiosa das origens, do sentido da vida, da dignidade humana e da vocação do ser humano como responsável pela Casa Comum permite que os alunos aprendam «a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência»<sup>1</sup>, pois possibilita-lhes «conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos»<sup>2</sup> que enformam o agir perfeccionando, deste modo, o contributo dessa mensagem para a cultura e para a história. Neste âmbito, a questão ecológica ganha uma nova perspectiva onde a sua integralidade encontra fundamento na Criação, onde tudo se encontra em estreita ligação e para onde as ações humanas devem dirigir-se: para o bem comum que é da responsabilidade de todos e de cada um, sendo o ser humano chamado a viver a solidariedade e a fraternidade como nos lembrou o Papa Francisco:

À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desori-

---

<sup>1</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 5; daqui em diante designado *Programa de EMRC*.

<sup>2</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de EMRC*.

entados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos<sup>3</sup>.

Neste sentido, a disciplina de EMRC, ao procurar o desenvolvimento e a formação integral dos alunos, releva-se importante nesse percurso dado que a dignidade humana está no âmago da disciplina, e da qual também decorre a questão da ecologia. A centralidade do ser humano, enquanto "imagem e semelhança" de Deus, assume uma dignidade excecional face às demais criaturas e está intimamente ligada à ecologia porquanto a obra da Criação o implica em todas as dimensões da sua vida. Reconhecer a Casa Comum na sua integralidade é assumir e valorizar tudo e toda a criatura como fruto da bondade e do amor de Deus, que no ser humano assume o seu esplendor tornando-o Seu colaborador, torna-o cocriador com o mandato assumido na expressão "dominai" a qual continua a não ser corretamente interpretada. A EMRC é o lugar primordial para interpretar, sob a perspetiva religiosa, o mundo e a vida, e, como tal, a questão ecológica, onde todas as realidades - ambiental, económica, social, cultural e humana - se encontram plasmadas, embora com maior enfoque para a ecologia humana que não está, nem pode estar, dissociada das demais. Tendo os seus alicerces nos valores evangélicos decorrentes das narrativas bíblicas da Criação, conduz os alunos pela sua mensagem para que, ao interpretar a realidade e a vida, possam descobrir um outro modo de compreender e habitar a Terra, adotando comportamentos responsáveis na vida quotidiana.

Assim, este Relatório está estruturado em três capítulos, sendo que o Capítulo I refere-se à Prática de Ensino Supervisionada, contextualizando e refletindo sobre a mesma, bem como apresentação da Unidade Letiva 1 "As Origens". No Capítulo II pretende-se refletir sobre a Ecologia Integral e a dignidade humana, sendo que num primeiro ponto abordar-se-á a dignidade humana nas narrativas da criação, explanando, num primeiro subponto, o género literário que as informam; no segundo ponto deste capítulo, debruçamo-nos sobre a Ecologia Integral na Carta Encíclica *Laudato Si'*. O terceiro e último capítulo deste trabalho consubstancia uma proposta de resposta aos desafios que, neste âmbito, se colocam à disciplina de EMRC.

Por fim, parece-nos relevante referir que, embora a PES tenha decorrido durante o ano letivo 2018-2019, fruto de circunstâncias supervenientes que promoveram uma

---

<sup>3</sup> Papa Francisco, "Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia de 27 de março de 2020", acedido a 21 de novembro de 2021, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200327\\_omelia-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html).

transformação ao nível profissional no final desse ano letivo obrigaram-nos a uma adaptação pessoal com implicações na redação deste trabalho pelo que apenas agora se considera estarem reunidas as condições para apresentar o presente Relatório.

## CAPÍTULO 1 - A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Neste capítulo abordaremos a Prática de Ensino Supervisionada realizada no âmbito do Mestrado de Ciências Religiosas que confere habilitação profissional para a docência da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, a qual visou mobilizar e potenciar o desenvolvimento de competências bem como a reflexão crítica sobre o desempenho e os desafios que se coloca(ra)m no quotidiano da prática pedagógica e do processo ensino-aprendizagem.

### 1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

A primeira preocupação do professor é (deve ser) conhecer a realidade da escola onde vai lecionar, compreendendo o contexto social e cultural com que se vai deparar, pois os alunos «trazem consigo uma enorme variedade de origens culturais, talentos e necessidades»<sup>4</sup> pelo que a caracterização da escola é de extrema relevância. Da mesma forma, e para melhor responder às necessidades dos seus alunos, o professor deve procurar conhecer a(s) sua(s) turma(s) uma vez que «um dos mais importantes desafios que enfrentará enquanto professor, é o de compreender a diversidade dentro do grupo de alunos e perceber como estes aprendem»<sup>5</sup>.

Tendo conhecimento do contexto multicultural da escola e da turma, o professor poderá procurar instrumentos que o possam ajudar no conhecimento das diferentes culturas dos seus alunos de forma a compreender e a valorizar as suas experiências pessoais; ao entrar em contacto com as culturas e origens dos seus alunos o professor não só demonstrará respeito e valorização da diferença e das experiências de cada um, como também promoverá aulas relevantes do ponto de vista da multiculturalidade ensinando os seus alunos a respeitar e a valorizar essa mesma diversidade<sup>6</sup>, cabendo-lhe a tarefa de «interligar o mundo e as culturas dos seus alunos com o mundo da escola e da sala de aula. É encontrar formas de incluir a cultura dos alunos em todas as aulas e todas as actividades.»<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> Richard Arends, *Aprender a ensinar*, 7ª edição (Madrid: Mc Graw-Hill, 2008), 40.

<sup>5</sup> Arends, 41.

<sup>6</sup> Cf. Arends, 65.

<sup>7</sup> Arends, 67.

Neste sentido, proceder-se-á à caracterização da escola e da turma onde decorreu a PES. Importa ressaltar que os dados a seguir apresentados relativos à turma são os que, na altura e também em razão das limitações decorrentes do Regime Geral da Proteção de Dados, nos foram disponibilizados.

### **1.1. Caracterização da Escola**

A Escola Básica 2 3 Professor Pedro d' Orey da Cunha situa-se na Rua Bernardino Machado e é a escola sede do Agrupamento de Escolas da Damaia. Este Agrupamento foi criado em 2004, ainda que tenha sofrido, nos anos seguintes, várias alterações na sua composição, sendo atualmente constituído também pelas escolas básicas Padre Himalaia, Águas Livres e Cova da Moura, e pelo Jardim de Infância da Damaia.

A escola sede tem como patrono Pedro d'Orey da Cunha. Doutorado em Ciências da Educação, deixou diversos escritos sobre a deontologia docente e sobre a educação ética na família e na escola. A sua escolha para patrono da escola sede deveu-se à perspetiva humanista e intercultural do ato educativo que sempre propugnou, fruto da sua ligação à problemática das famílias migrantes e à sua integração na sociedade<sup>8</sup>.

Situado na freguesia das Águas Livres (na antiga freguesia da Damaia), concelho da Amadora, o Agrupamento de Escolas da Damaia está, geograficamente, bem situado face às outras escolas do Agrupamento bem como em relação aos demais agrupamentos existentes na freguesia (Agrupamento de Escolas Dom João V e Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves). Tem boas acessibilidades quer através de transportes públicos (Comboios de Portugal, Carris, Vimeca) quer através de transporte privado, o que possibilita o rápido acesso a outras freguesias do concelhos bem como a vários locais pois encontra-se junto a uma das entradas/saídas do IC 19.

O Agrupamento de Escolas da Damaia está, desde 1996, inserido no programa TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, sendo a sua missão promover a formação pessoal e social dos alunos, bem como o seu sucesso escolar, assente na solidariedade e cooperação de toda a comunidade educativa, onde o ensino inclusivo

---

<sup>8</sup> Cf. Agrupamento de Escolas da Damaia, "Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia. Uma escola de todos... a construir o futuro", acedido a 04 de outubro de 2018, [http://aedamaia.pt/media/media/Projeto\\_Educativo.pdf](http://aedamaia.pt/media/media/Projeto_Educativo.pdf).

possa proporcionar igualdade de oportunidades com vista à sua realização pessoal e comunitária<sup>9</sup>.

Disso são, diariamente, lembrados os professores da Escola Básica 2 3 Professor Pedro d' Orey da Cunha nas palavras do seu patrono:

temos que ensinar muitas coisas e muito aos nossos alunos. Temos de os preparar para uma vida de rigor, de qualidade e de extrema complexidade. Quanto mais exigimos deles, contanto que seja com respeito, com o devido encorajamento e compreensão, mais eles se sentem queridos, desejados e entusiasmados pela aprendizagem. O melhor que lhes podemos dar é a preparação necessária, para que eles, sejam autónomos, empreendedores e ativos, possam estar aptos a lutar por uma vida de qualidade<sup>10</sup>.

Neste sentido, o «Agrupamento tem dado um contributo relevante para o desenvolvimento da comunidade envolvente, nomeadamente ao nível da inclusão de crianças/alunos provenientes de meios socioeconómicos bastante desfavorecidos»<sup>11</sup>; a este propósito não se pode deixar de referir que o Bairro da Cova da Moura, incluído por decisão do Conselho de Ministros em Janeiro de 2007, no Programa dos Bairros Críticos, está na circunscrição deste Agrupamento, estimando-se que a população residente seja cerca de oito mil habitantes, "agregadas" em famílias numerosas que partilham habitações precárias e com rendimentos escassos.<sup>12</sup>

No que se refere à população escolar, ela é heterogénea, dada a diversidade cultural existente, sendo que, no ano letivo 2013/2014, a percentagem de alunos estrangeiros representava 14%, dos quais a maioria era de origem cabo-verdiana<sup>13</sup>; no entanto, há também alunos oriundos de países como Brasil, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, de vários países do Leste europeu bem como, mais recentemente, da China. Apesar destes dados serem referentes ao ano letivo 2013/2014, tal não se apresenta como algo de excecional se atendermos a que:

a cidade da Amadora tem uma forte matriz multicultural decorrente de uma elevada presença de comunidades estrangeiras no seu território, e que de acordo com os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de 2016, representam cerca de 9% do total da

---

<sup>9</sup> Cf. Agrupamento de Escolas da Damaia.

<sup>10</sup> a frase está escrita na parede da sala de professores da EB 2 3 Professor Pedro D' Orey da Cunha.

<sup>11</sup> Inspeção-Geral da Educação e Ciência, "Avaliação Externa das Escolas. Relatório do Agrupamento de Escolas da Damaia - 2013/2014", acedido a 08 de outubro de 2018, [http://www.igec.mec.pt/upload/AEE\\_2014\\_Sul/AEE\\_2014\\_AE-Damaia-Amadora\\_R.pdf](http://www.igec.mec.pt/upload/AEE_2014_Sul/AEE_2014_AE-Damaia-Amadora_R.pdf), 5.

<sup>12</sup> Cf. Agrupamento de Escolas da Damaia, "Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia".

<sup>13</sup> Cf. Inspeção-Geral da Educação e Ciência, "Avaliação Externa das Escolas. Relatório do Agrupamento de Escolas da Damaia - 2013/2014".

população divididas por 99 diferentes nacionalidades. No entanto, se considerarmos a nacionalidade e a naturalidade dos residentes esta percentagem sobe para cerca de 18% o que reforça a posição da Amadora como uma das cidades do país com maior diversidade cultural<sup>14</sup>.

Mais, segundo o II Plano Municipal para a Integração de Migrantes da Amadora para 2018-2020, e de acordo com os dados fornecidos pelos 12 agrupamentos do concelho da Amadora respeitantes ao ano letivo 2017/2018, 13% dos alunos são estrangeiros, sendo os países com maior incidência Cabo Verde, Brasil e Guiné Bissau<sup>15</sup>.

Conforme consta do Relatório da Avaliação Externa das Escolas, no ano 2013/2014 frequentaram o Agrupamento 1445 crianças e alunos, distribuídos pela educação pré-escolar, pelos três ciclos de escolaridade e pelos cursos vocacionais e de educação e formação de tipo II; destes, apenas 47% beneficiam da ação social. No que se refere às habilitações académicas dos pais e encarregados de educação «9% têm formação de nível superior e 31% secundário e superior. No que respeita à sua ocupação profissional, 13% exercem atividades de nível superior e intermédio.»<sup>16</sup>.

No que em concreto se refere à Escola Básica 2 3 Professor Pedro d' Orey da Cunha, estiveram inscritos, no ano letivo 2013/2014, 730 alunos: no 2º ciclo, 319 alunos; no 3º ciclo, 346; nos cursos vocacionais, 44 alunos; e no curso de educação e formação, 21 alunos.<sup>17</sup>

Relativamente ao ano letivo 2018/2019, segundo o Plano Plurianual de Melhoria do Agrupamento, verificou-se uma pequena descida no número total de alunos no Agrupamento dado que estavam inscritos 1377 alunos, sendo que frequentaram a escola sede 698 alunos (321 alunos no 2.º ciclo e 377 alunos no 3.º ciclo); a percentagem de alunos estrangeiros representava 21,64%<sup>18</sup>.

Existia um bom ambiente interpessoal entre o corpo docente o que permitiu um efetivo trabalho colaborativo e interdisciplinar; por outro lado, havia também um bom

---

<sup>14</sup> Câmara Municipal da Amadora, "II Plano Municipal para a Integração de Migrantes da Amadora - 2018/2020", acedido a 24 de outubro de 2018, [http://www.cm-amadora.pt/images/INTERVENCAO\\_SOCIAL/REDE\\_SOCIAL/PDF/2plano\\_municipal\\_integra\\_migrantes\\_2018\\_2020.pdf](http://www.cm-amadora.pt/images/INTERVENCAO_SOCIAL/REDE_SOCIAL/PDF/2plano_municipal_integra_migrantes_2018_2020.pdf), 9.

<sup>15</sup> Cf. Câmara Municipal da Amadora.

<sup>16</sup> Inspeção-Geral da Educação e Ciência, "Avaliação Externa das Escolas. Relatório do Agrupamento de Escolas da Damaia - 2013/2014".

<sup>17</sup> Cf. Agrupamento de Escolas da Damaia, "Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia".

<sup>18</sup> Cf. Agrupamento de Escolas da Damaia, "Plano Plurianual de Melhoria", acedido a 28 de dezembro de 2021, <https://www.aedamaia.pt/index.php/agrupamento/documentos/plano-de-estudos-desenvolvimento-do-curriculo>

relacionamento com a comunidade educativa, ou seja, havia uma boa interação entre a escola e o meio sociocultural envolvente - pais, famílias, instituições locais, grupos profissionais, associações e empresas.

O respeito e a vivência da multiculturalidade levou a que tenha sido atribuído ao Agrupamento o *Selo de Escola Intercultural* (Direção-Geral da Educação e Alto Comissariado para as Migrações).

## 1.2. Caracterização da Turma

A turma que foi atribuída ao par pedagógico de que fiz parte foi a turma A do 7º ano. A turma era constituída por 21 alunos, dos quais 9 eram do sexo masculino e 12 do sexo feminino; desses 21 alunos, estavam inscritos na disciplina de EMRC 17 alunos, 7 alunos e 10 alunas. Apesar das raparigas estarem ligeiramente em maior número tal não foi um elemento tido em consideração aquando da planificação e produção de materiais dado que «todos os alunos devem gozar do mesmo respeito e sentimento de valorização» pelo que todas as ações do professor «devem mostrar aos rapazes e às raparigas, que confia nas suas capacidades e que tem elevadas expectativas em relação a todos os aspectos do seu trabalho»<sup>19</sup>.

A média de idades da turma era 13 anos, apresentando os alunos uma média de idades maior do que a das alunas (13,9 vs. 12,9), sendo que quatro alunos eram repetentes (desconhece-se se as retenções foram no mesmo ano ou noutra ano/ciclo).

Existiam nesta turma 7 alunos referenciados com Necessidades de Saúde Especiais (NSE), todos inscritos em EMRC. Como refere Arends:

as crianças devem ser educadas num ambiente o menos restritivo possível. Isto significa que as crianças com dificuldades devem, na medida do possível, ser incluídas em salas de aula regulares. Os alunos com dificuldades físicas, emocionais e de aprendizagem pouco severas, devem passar todo o seu dia escolar numa sala de aula regular. Aqueles que têm problemas ligeiramente mais sérios, devem receber apoio complementar por parte de um professor de ensino especial, durante ou fora das aulas regulares<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 78.

<sup>20</sup> Arends, 53.

Tal encontra eco no Decreto-Lei nº 54/2018, de 5 de Julho, pelo que todos os alunos frequentaram as aulas com exceção de um que, devido à mobilidade reduzida, assistia às aulas da disciplina numa outra turma visto a aula ser lecionada às terças-feiras das oito horas e quinze minutos às nove horas e cinco minutos na sala 206 situada no primeiro andar do bloco C.

Relativamente à ação social, beneficiaram de apoio social escolar (ASE) 11 alunos, dos quais 10 estavam inscritos na disciplina. O estatuto socio-económico não influenciou o desempenho dos alunos e o relacionamento entre pares, o que também foi potenciado pela ação das professoras estagiárias que procuraram estimular os alunos de forma a ajudá-los a melhorar as respetivas competências<sup>21</sup>.

No que diz respeito às habilitações académicas dos pais/encarregados de educação, encontravam-se entre o 2º ciclo e o ensino secundário, sendo que apenas um dos pais tinha licenciatura e um outro bacharelato.

Na lecionação da disciplina procurou-se ter em consideração, no processo de ensino-aprendizagem, a diversidade e a riqueza cultural dos alunos para promover aprendizagens significativas, bem como ter especial atenção à forma de exposição em virtude de alguns alunos não terem o português como língua materna (de nacionalidade ou de descendência cabo-verdiana) o que poderia ter dificultado a compreensão de determinados conceitos, pois, como refere Richard Arends, «o professor deve reconhecer que a língua é um factor importante da escolarização e desenvolver formas de trabalhar com os alunos que têm línguas e dialectos diferentes como primeira língua»<sup>22</sup>.

Por outro lado, e como já se referiu, procurou-se valorizar e desafiar cada aluno a alcançar o seu máximo potencial<sup>23</sup>, independentemente do seu estatuto socioeconómico, género, etnia e língua, assegurando, acima de tudo, que todos tinham as mesmas oportunidades de aprendizagem sem, no entanto, olvidar as especificidades que é trabalhar com a diversidade social, entre género, étnica e linguística, e sabendo que «os problemas relativos à diversidade não podem ser resolvidos pelo trabalho individual dos professores. Pelo contrário, são necessárias acções a nível escolar, para tornar o ensino mais receptivos a alunos com origens diferentes ou com necessidades especiais»<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> Cf. Arends, 81.

<sup>22</sup> Arends, 71.

<sup>23</sup> Cf. Arends, 82.

<sup>24</sup> Arends, 81.

## **2. Reflexão global da Prática de Ensino Supervisionada**

Terminado o “itinerário” que consubstanciou a PES, assume especial relevância a reflexão sobre a experiência em contexto escolar e em sala de aula, bem como a avaliação da própria prática de ensino supervisionada, uma vez que «a reflexão serve o objectivo de atribuição de sentido com vista a um melhor conhecimento e a uma melhor actuação»<sup>25</sup> de forma a possibilitar uma

interacção harmoniosa entre a prática e os referentes teóricos. Uma prática reflexiva leva à (re)construção de saberes, atenua a separação entre teoria e prática e assenta na construção de uma circularidade em que a teoria ilumina a prática e a prática questiona a teoria<sup>26</sup>.

### **2.1. Experiência em contexto escolar e em sala de aula**

Lecionar na Escola Básica 2 3 Pedro d’Orey da Cunha mostrou-se muitíssimo positivo. E antes de tecer quaisquer outras considerações não posso deixar de referir o desafio pessoal que se desenhava no momento em que soube o local onde se iria realizar a prática de ensino supervisionada... afinal iria regressar à "minha" escola, agora como professora; a "minha" escola, com alguns dos "meus" professores - como a professora cooperante – mas uma escola bastante diferente no que à diversidade cultural, social e religiosa dos alunos diz respeito. Porém, e dado que o contexto não era de todo desconhecido, augurava uma boa experiência o que procurei também transmitir à minha colega do núcleo da PES, pelo que não é, pois, de estranhar que esta experiência se tenha revelado muitíssimo positiva e enriquecedora.

No primeiro dia, a professora cooperante apresentou os membros do núcleo da PES aos alunos da turma em que iriam lecionar, aos outros professores da disciplina de EMRC, aos demais professores e ao pessoal não docente, tendo conduzido as professoras estagiárias numa visita pelos diferentes espaços da escola para conhecimento da comunidade escolar e respetivos serviços tendo aquelas interagido também com os alunos e docentes do 1º ciclo e da Educação Especial (neste caso no

---

<sup>25</sup> Isabel Alarcão, "Ser Professor Reflexivo" em *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*, org. Isabel Alarcão (Porto: Porto Editora, 1996), 180.

<sup>26</sup> Maria João Amaral, Maria Alfredo Moreira e Deolinda Ribeiro, "O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo. Estratégias de supervisão" em *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*, 99.

Centro de Apoio à Aprendizagem). Atendendo que o Agrupamento de Escolas da Damaia, em particular a Escola Básica 2 3 Pedro d'Orey da Cunha, recebe regularmente núcleos da PES do mestrado em Ciências Religiosas, a nossa presença foi encarada como algo normal mas simultaneamente o caloroso acolhimento com que fomos recebidas fez-nos perceber o excelente ambiente existente, fruto das boas relações interpessoais entre todos os membros da comunidade escolar, o que nos permitiu a fácil e rápida integração.

O conhecimento do contexto sócio-cultural da comunidade escolar é de extrema relevância, sendo que, uma das formas de ter contacto com as realidades que constituem o mosaico escolar, é a proximidade com o referido contexto. Neste sentido, procurou-se participar, sempre que possível, nas atividades realizadas ao longo do ano; houve o envolvimento na atividade da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento - Dia da Dignidade - a convite da professora cooperante (que é a coordenadora da disciplina na Escola) o que se fez pensando na possibilidade de ampliar o conhecimento da vida e do contexto escolar bem como promover uma aproximação aos membros da comunidade escolar com vista a uma melhor e rápida integração, bem como a participação nas atividades do grupo disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica já anteriormente planificadas e aprovadas em Conselho Pedagógico da escola, nas quais se procurou estreitar laços com os alunos e com os demais colegas que acompanharam as atividades, como foram os casos do Magusto - para os 5.ºs anos, e Visita aos Templos Religiosos - para os alunos do 7.º ano sendo que, em relação a esta atividade, e considerando que as professoras estagiárias lecionaram este ano de escolaridade e que a mesma se insere no âmbito da Unidade Letiva 2 "As Religiões", foi proposto e aceite pelo grupo disciplinar serem as professoras estagiárias a desenvolverem-na com a elaboração do guião e a animar a visita. Referir, ainda a propósito desta atividade, que, embora a visita e o conhecimento dos espaços e ritos tivesse sido importante, o ponto alto do dia (para muitos) foi o almoço que contribuiu, sem dúvida, para uma (ainda) maior interação e convívio entre alunos e professores, devendo ser ressaltado o comportamento exemplar dos alunos ao longo de todo o dia.

Foi, ainda, promovida pelo núcleo da PES, no primeiro período, uma atividade alusiva ao tempo do Natal direcionada para o corpo docente e não docente da escola: promoveu-se um presépio "interativo" associado a pequenas "missões". Cada elemento da comunidade escolar - elementos da Direção, professores, assistentes operacionais,

administrativos - foi convidado a retirar uma frase ao acaso (estavam dobradas de forma a não ser lido o seu conteúdo) que, correspondendo a uma figura e à sua "função" no presépio, consistiria na sua missão para esse Natal. Pretendeu-se, acima de tudo e dentro do respeito pela identidade religiosa e espiritual de cada um, propor um agir ético tendo como fundamento o bem comum e o cuidado do outro ainda que alicerçado nos valores evangélicos. O presépio foi colocado na sala de professores tendo feito, desde o primeiro momento, bastante sucesso o que levou à sua colocação num lugar de destaque e deslocado para o refeitório no dia do almoço de Natal dos professores; quanto à missão para esse Natal, muitos foram aqueles que a quiseram "tirar" tendo servido também para momentos de diversão e alegria entre todos (espera-se que tenha dado fruto pois não se sabe se foram concretizadas todas as referidas "missões").

Fruto do trabalho realizado aquando da época natalícia, que motivou elogios do corpo docente e não docente do Agrupamento, o Departamento das Humanidades convidou as professoras estagiárias para conceberem e construírem o painel do departamento para a respetiva semana na escola, tendo, nesse sentido, lhes dado total liberdade para a sua construção. O painel esteve exposto até ao final do ano letivo, sendo que às professoras estagiárias foi solicitado um texto sobre a Semana das Humanidades para o site da Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (Educris).

Todas as atividades de intervenção na escola alicerçaram-se, sempre, no trabalho colaborativo, e promoveram e facilitaram a rápida, eficaz e enriquecedora integração na comunidade escolar, o que possibilitou que, "entrando" na dinâmica da escola, as professoras estagiárias se sentissem parte da escola e não apenas de passagem tornando a experiência muito positiva.

Não muito diferente foi a experiência em contexto de sala de aula, cujo balanço é muitíssimo positivo. Aliada à confiança e à serenidade com que sempre lecionei, a reflexão sobre a prática letiva permitiu também realizar uma avaliação e a sua reorientação de forma a potenciar as aprendizagens dos alunos. Isso também foi tido em consideração aquando da produção dos materiais, isto é, tudo o que foi produzido teve sempre em conta as necessidades dos alunos - as suas características e as suas dificuldades/qualidades - para que as aprendizagens fossem significativas. Assim, procurou-se recorrer a *«estratégias de ensino de cariz construtivista*, que permitem olhar os alunos nas suas particularidades e tratá-los como indivíduos com

especificidades e existência própria e não como membros indiferenciados de um grupo»<sup>27</sup> sem olvidar que tal «exige que se tenha em consideração que as formas como os alunos compreendem as situações são influenciadas pelas suas próprias identidades»<sup>28</sup>; por isso, e porque não existem abordagens superiores a outras, foi realizada uma seleção do modelo a adotar tendo sempre presente que tal depende dos objetivos que se pretendem alcançar e das características da turma<sup>29</sup>. Como refere Arends:

os professores necessitam de diferentes abordagens para conseguirem alcançar os seus objectivos com diferentes populações de alunos. A utilização de uma abordagem ou método único já não é suficiente. Quando existem várias opções, os professores podem seleccionar a abordagem que melhor serve um determinado objectivo ou turma, assim como os modelos que podem ser utilizados para promover a motivação, o envolvimento e o sucesso dos alunos<sup>30</sup>.

Deste modo, as estratégias utilizadas foram diversificadas, tiveram sempre em consideração as características da turma e dos alunos, e procuraram ser o mais motivadoras e interessantes para que os alunos adquirissem e consolidassem os conteúdos, e fossem capazes de os mobilizar noutros contextos.

As metodologias adotadas foram, sempre que possível, centradas nos alunos, optando-se por reduzir o método expositivo ao estritamente necessário de modo que os alunos pudessem participar ativamente na construção das suas aprendizagens, para que, através do diálogo e da partilha de ideias/experiências, pudessem desenvolver as «competências de comunicação e processos de pensamento (lógica, análise e síntese), uma melhor compreensão de conceitos, através do diálogo num ambiente que treina o respeito e a dignificação de todos»<sup>31</sup>; tal não obstou a que, em alguns momentos, se direccionasse o trabalho em aula.

Mostra-se, por isso, importante considerar como modelos de ensino nucleares os «designados como *Aprendizagem Cooperativa - Investigação em Grupo, Discussão em*

---

<sup>27</sup> Rui Machado de Medeiros e Maria Helena Pedrosa de Jesus, "O questionamento na sala de aula: sua relevância no desenvolvimento de estratégias de supervisão" em *Supervisão - Investigações em Contexto Educativo*, org. Isabel Alarcão (Ponta Delgada: Universidade de Aveiro-Governo Regional dos Açores-Universidade dos Açores, 2005), 390.

<sup>28</sup> Rui Machado de Medeiros e Maria Helena Pedrosa de Jesus, "O questionamento na sala de aula: sua relevância no desenvolvimento de estratégias de supervisão".

<sup>29</sup> Cf. Arends, *Aprender a ensinar*, 23.

<sup>30</sup> Arends, 25.

<sup>31</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa EMRC*, 158.

*Sala de Aula, a Pedagogia do Serviço e Exposição* (que, sendo centrada no docente, combinada com os demais modelos revela-se muito útil na transmissão da cultura)»<sup>32</sup>.

Por outro lado, o trabalho colaborativo com a colega que constituiu o par pedagógico e com a professora cooperante foi bastante frutífero e aliciente, tendo permitido não só a partilha de recursos, estratégias e/ou ideias como também experiências, preocupações e receios, o que conduziram ao crescimento como docente.

No que diz respeito aos alunos, atores principais neste percurso, mostraram-se ao longo de todo o ano letivo bastante participativos, empenhados, motivados, tendo sido estabelecida desde o início uma boa e próxima relação com os alunos, caracterizada pelo respeito, diálogo, escuta, empatia e confiança, o que permitiu que o trabalho realizado fosse profícuo e que os comportamentos fossem bem controlados e geridos de forma pacífica dado o ambiente tranquilo (ainda que com a energia e agitação própria da faixa etária dos alunos) e o bem-estar demonstrado pelos alunos que em todas as aulas foi perceptível, o que, conseqüentemente, também promoveu o desenvolvimento da sua parte afetiva; é de salientar, ainda, que o respeito e colaboração com a professora estagiária estendeu-se sempre aos pares visível no silêncio que se verificava e atenção que demonstravam aquando da intervenção/participação dos colegas. Também é de referir, ainda que decorrente do que atrás se diz, que foi possível recorrer a vários recursos na mesma aula sem que houvesse dispersão dos alunos mesmo quando surgiram "imprevistos" mostrando-se, nestes casos, a solicitude dos alunos na tentativa de ajudar sem perderem a noção do "estar em aula", pelo que eles foram, sem dúvida, também um factor que contribuiu para o "sucesso" que foi a prática de ensino supervisionada.

Por tudo o que se referiu neste ponto, a experiência da lecionação foi muitíssimo positiva e enriquecedora quer enquanto docente quer enquanto pessoa com tudo o experienciado no ambiente escolar.

## **2.2. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada**

Ao iniciar a prática de ensino supervisionada - que se afigurou como novidade uma vez que, apesar de já lecionar, a minha formação base não teve, em momento algum, pendor académico-pedagógico, ainda que tenha, posteriormente, realizado uma formação ao

---

<sup>32</sup> Arends, 25.

nível da prática pedagógica - as expectativas, como em qualquer momento marcado pela novidade, eram elevadas caracterizadas, também, pelo receio e pelo anseio que pautou esse momento (que tinha a certeza seria benéfico e enriquecedor para a minha prática letiva futura). Foram, pois, várias as emoções que me assolaram no início de ano/estágio: motivação face ao facto de adquirir ferramentas que permitiriam melhorar a minha prática letiva, o que se apresentava, na minha perspetiva, também como um desafio que não podia deixar de assumir, associada à ansiedade por conhecer a turma, quem e como seriam os alunos, como iria decorrer o ano ao nível da mais-valia que foi o acompanhamento da professora cooperante e da troca de experiências com todos os outros "atores" da comunidade escolar, e por tudo o que este estágio proporcionou.

O facto de já lecionar foi uma mais-valia não só pela visão que já tinha da profissão mas também pela gestão que em determinados momentos se mostrou necessário fazer, quer ao nível da planificação, das estratégias, dos recursos ou mesmo dos comportamentos, o que me permitiu estar sempre tranquila; porém, tal também poderia ser encarado com apreensão no que aos eventuais vícios já adquiridos diz respeito e que poderiam ter acarretado alguma dificuldade na prática pedagógica (o que não foi o caso).

Parti para esta jornada com o desejo de aprender, de aprender com ... com a professora cooperante - que teve, desde o primeiro dia, um papel fundamental neste percurso, com o seu acolhimento permanente, mostrando-se sempre disponível para auxiliar em tudo o que se mostrasse necessário, ajudando a ultrapassar eventuais obstáculos, acompanhando e orientando continuamente -, com a minha colega com quem constituí o par pedagógico através de um trabalho colaborativo que foi uma mais-valia para ambas, com os outros professores da Escola, com os professores da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, com os outros colegas da turma do mestrado com quem partilhei medos, anseios, preocupações, e, como não podia deixar de ser, com os alunos com quem fiz este caminho e que me ajudaram, mesmo sem o saberem, a crescer não só como docente mas também como pessoa em tudo o que eles tiveram, sempre, para dar.

Atendendo que cada aluno é único e «é uma pessoa em crescimento constante, com dúvidas, conflitos e esperanças, que necessita de uma referência para se confrontar e aprender, necessita ser interpelado e ajudado a optar pelo bem e pela verdade»<sup>33</sup>, o papel

---

<sup>33</sup> Fernando Moita, "A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual", *Pastoral Catequética*, ano 9, nº 26 (2013): 67.

do professor é de extrema importância, pois, nos dias de hoje, ele é um educador, é aquele que, mais do que instruir, conduz e acompanha os seus alunos na missão do seu desenvolvimento integral como ser humano. Como refere D. Tomaz Nunes, «foi ultrapassada a visão do professor como aquele que tem por função promover a instrução. Hoje, ninguém porá em causa que todo o professor é um educador»<sup>34</sup>. Desta forma, e porque «o professor ensina, aprende, forma, educa, apoia, comunica ... mas acima de tudo ele É. Não basta possuir um certificado ou um diploma. É necessário que assuma, com responsabilidade, o seu papel de educador da PESSOA»<sup>35</sup>, o professor de EMRC tem um papel fundamental no itinerário desta disciplina, uma vez que «reconhece-se, assim, como servidor e sementeiro de fraternidade»<sup>36</sup>. Recorrendo ao Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, *Educação, um tesouro a descobrir*, refere Juan Ambrosio que o propósito da disciplina de EMRC na escola, e como tal do professor de EMRC, é

contribuir para *um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico*, como continua a afirmar o texto, *de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as guerras*, no fundo tudo aquilo que atinge a dignidade humana (...) de modo a promover um pleno desenvolvimento humano para o qual é necessário intervir no sentido da construção de uma sociedade mais equilibrada e de um futuro mais sustentável<sup>37</sup>.

Tal sempre esteve presente ao longo da minha prática letiva, fruto da reflexão realizada sobre a importância e o papel que o professor desempenha enquanto mediador da aprendizagem dos alunos, procurando, por isso e sempre, ajudar os alunos a discernir, a desconstruir, a descobrir, a conduzi-los na procura e encontro do sentido através do diálogo e da interação, de modo que, ao promover essa relação educativa "dialogante" e de confiança, os alunos não se sentissem constrangidos e procurassem esclarecer/obter respostas, fomentando a empatia, a confiança e o acolhimento na relação com eles, consciente que a relação pedagógica deve ter também um carácter relacional dado que o professor de EMRC é um «fazedor de pontes e profeta da alegria e de esperança»<sup>38</sup> que

---

<sup>34</sup> Tomaz Silva Nunes, "Missão e Singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica", *Pastoral Catequética*, ano 7, nº 19 (2011): 117.

<sup>35</sup> Educris, "Ser Professor", acessado a 29 de dezembro de 2017, <http://www.educris.com/v3/120-perfil/919-ser-professor>.

<sup>36</sup> Moita, "A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual", 67.

<sup>37</sup> Juan Ambrosio, "Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição 2014", *Pastoral Catequética*, ano 10, nº 31/32 (2015): 65.

<sup>38</sup> Ambrosio, 71.

não pode deixar de se interessar pela vida dos seus alunos, valorizando as suas experiências. Com isto também se criou espaço para que todos interviessem sabendo que as suas opiniões eram escutadas e respeitadas, e onde as intervenções eram valorizadas o que também alimentou positivamente a autoestima dos alunos.

Por outro lado, o prazer de ensinar perceptível, decerto, pelos alunos, visto que procurei apresentar sempre «uma postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor»<sup>39</sup>, possibilitou que o processo de ensino-aprendizagem se tenha mostrado eficaz bem como tenha sido um dos alicerces para o bom ambiente existente em cada aula.

Deste modo, e pelo que também já se referiu no ponto anterior, a avaliação global do trabalho realizado é muitíssimo positiva, tendo promovido melhorarias na minha prática pedagógica, com um maior incremento, essencialmente, ao nível dos conhecimentos científico-pedagógicos possibilitando a articulação da teoria com a prática, visando, sempre, o constante aperfeiçoamento, adquirindo novos conhecimentos e ampliando o leque de metodologias a adotar para que o processo ensino-aprendizagem fosse mais eficaz, mais motivador. Tal foi possível pela abertura e adaptação à novidade e à assimilação de toda a experiência que vivenciei e que foi factor de desenvolvimento e crescimento enquanto docente e pessoa; no entanto, este processo de crescimento é contínuo, não se esgota com o término do estágio, visto que «aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e juízos críticos»<sup>40</sup> o que tive e terei sempre em consideração até porque os docentes «tornam-se progressivamente mais competentes mediante a atenção prestada ao seu próprio processo de aprendizagem e ao desenvolvimento das suas características e competências específicas»<sup>41</sup>.

Após a reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada, impõe-se proceder, de seguida, à análise da Unidade Letiva trabalhada nesse âmbito e da sua planificação.

---

<sup>39</sup> António Estanqueiro, *Boas práticas na Educação. O papel dos professores* (Lisboa: Editorial Presença, 2010), 32.

<sup>40</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*, 28.

<sup>41</sup> Arends.

### **3. Unidade Letiva 1 do 7º ano "As Origens"**

Atendendo à faixa etária dos alunos, em que já se colocam questões de sentido, esta UL - "As Origens" - apresenta especial interesse (e motivação) para estes não só porque lhes permite articular aprendizagens de outras disciplinas mas, acima de tudo, lhes propõe uma perspetiva diferente de "ler" a realidade e a (própria) existência, capacitando-os, através de uma chave de leitura religiosa, para o estabelecimento de uma relação entre a cultura e a fé, mobilizando as aprendizagens para a relação consigo próprios, com os outros e com o mundo; tal deve-se também ao facto de

na fase da adolescência o ser humano torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita, ou ainda não acredita, isto é, pensa e reflete hipoteticamente. Desta forma, adquire a capacidade de ultrapassar, pelo pensamento, situações vividas e a projetar ideias para o futuro.<sup>42</sup>

Por outro lado, e observando os valores fundamentais que estão na base humanista do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (centralidade da pessoa e a dignidade humana), esta UL possibilita que os alunos disponham de valores e competências que lhes permitam intervir na vida dos indivíduos e das sociedades, tomem decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e sejam capazes de participar na vida cívica de forma ativa, consciente e responsável<sup>43</sup>.

Neste sentido, procurar-se-á realizar uma breve análise da UL 1 "As Origens" para, de seguida, apresentar a planificação das aulas lecionadas bem como a respetiva reflexão.

#### **3.1. Análise da Unidade Letiva**

Considerando que a disciplina de EMRC tem como grande finalidade a formação integral dos alunos, capacitando-os progressivamente para, através do reconhecimento da sua identidade, a construção de um projecto pessoal de vida, o que o faz a partir do diálogo entre a cultura e os saberes adquiridos nas outras disciplinas e a mensagem e os valores cristãos<sup>44</sup>, e porque «o aluno é uma pessoa em crescimento constante, com

---

<sup>42</sup> Direção-Geral da Educação, "Aprendizagens Essenciais - Ensino Básico", acessido a 29 de setembro de 2018, <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>.

<sup>43</sup> Cf. Ministério da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, coord. Guilherme d'Oliveira Martins (Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017), 10.

<sup>44</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, "Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade", acessido a 30 de dezembro de 2018, <http://www.conferencia>

dúvidas, conflitos e esperanças, que necessita de uma referência para se confrontar e aprender, necessita ser interpelado e ajudado a optar pelo bem e pela verdade.»<sup>45</sup>, esta primeira Unidade Letiva apresenta uma especial relevância uma vez que visa, inicialmente, que os alunos sejam capazes de construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, questionando, para tal, a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano, relacionando os dados da ciência com a perspectiva religiosa, conseguindo, assim, articular os conteúdos específicos de outras disciplinas (a título exemplificativo CFQ, CN, História) com os conteúdos específicos da disciplina de EMRC, para, de forma contínua, conduzi-los à interpretação religiosa do sentido da vida, estabelecendo, assim, um diálogo entre a cultura e a fé, bem como dar-lhes a conhecer a mensagem e cultura bíblicas, para que ao identificar os valores evangélicos, e dotados de ferramentas que lhes permita interpretar a realidade, possam amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, assumindo comportamentos responsáveis em situações vitais do quotidiano que implicam o cuidado da criação também como eco do respeito e admiração pela obra da criação. Ou seja, “As Origens” ao permitir a interdisciplinaridade com várias disciplinas do 7º ano, dado que apresenta conteúdos comuns, permite dar-lhes o cunho específico da disciplina abrindo horizontes na atribuição de sentido da vida e no desenvolvimento do seu agir ético. Neste sentido, as suas metas articuladas com os respetivos objetivos (e conteúdos programáticos) permitirão alcançar as aprendizagens essenciais, a saber:

- a) Identificar as teorias do Big-Bang e evolução das espécies sobre a origem do Universo e do ser humano (CFQ, CN, TIC, Hist);
- b) Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas (P, CD, Hist, CFQ);
- c) Conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação (Hist, EV, P, TIC);
- d) Reconhecer, na mensagem bíblica a excecionalidade da pessoa humana perante toda a Criação (Hist); e
- e) Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem.

---

episcopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade.

<sup>45</sup> Moita, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, 67.

Para tal esta UL começa por apresentar a perspectiva científica das origens (do universo, da vida e do ser humano) levando os alunos, de seguida, a “contactar” com a leitura simbólica das origens presente nas cosmogonias para que, ao relacionarem os dados da ciência e a leitura religiosa sobre o sentido da vida e da existência humana, estabeleçam uma relação de complementaridade e de diálogo entre ciência e religião. Por outro lado, coloca-os também perante a perspectiva bíblica das origens através das narrativas da Criação no livro dos Génesis, cujo género literário e a sua simbologia os conduzirá ao conhecimento da sua mensagem fundamental e da cultura bíblica. Dado que a temática da origem da vida está presente nos textos de outras tradições religiosas, esta UL faz referência aos mesmos para que os alunos possam identificar, pelo conhecimento dos respetivos textos sagrados sobre a temática, o núcleo central das várias tradições religiosas.

De seguida, esta UL “pretende” que os alunos desenvolvam uma atitude de respeito e admiração pela obra da Criação, identificando valores evangélicos e reconhecendo exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso, “apresentando-lhes” o Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis, mas que também se sintam impelidos a adotar comportamentos responsáveis para com a criação compreendendo-se a si mesmos como colaboradores com Deus na obra da criação, como cocriadores, corresponsáveis por esta. Neste sentido, São Francisco de Assis mostra-se:

um modelo belo e motivador [...] que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior (LS 10).

Este tema é de extrema relevância para a formação integral dos alunos dado que, ao procurar, pelo exemplo de São Francisco de Assis, que os alunos compreendam a dimensão universal da Criação e concebam a (necessidade da) adoção de comportamentos éticos na relação das pessoas com a Terra e com todas as criaturas, e, conseqüentemente, com o outro, com o outro "eu", pretende-se formar cidadãos responsáveis e conscientes da realidade que os rodeia e da tomada de decisões que têm influência no "mundo" do outro.

Não só pelo que vivemos atualmente, com a destruição do nosso planeta mas acima de tudo pelo reducionismo a que está votado a mais sublime de todas as criaturas, esta

Unidade, e este último tema que a "conclui", conduz os alunos a compreenderem que a dignidade humana é o valor ético supremo e que, na perspectiva crente, advém da singularidade do ser humano ser "imagem e semelhança" de Deus, ele foi criado por vontade de Deus e com uma vocação específica, e, como tal, também se encontra ancorada à relação que ele próprio tem com a Criação que é reflexo do amor e da bondade de Deus. Deste modo, compreende-se que «o ser humano não se pode considerar separado da natureza. As questões ambientais, económicas e sociais estão interligadas»<sup>46</sup>.

Por fim, referir que, no que diz respeito aos três Domínios de Aprendizagem<sup>47</sup> - Religião e Experiência Religiosa, Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida, Ética e Moral - determinados a partir das Finalidades da disciplina e presentes ao longo do currículo da disciplina, "As Origens" é predominantemente enformada pelo Domínio Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida com quatro Metas<sup>48</sup>, sendo que o da Religião e Experiência Religiosa apresenta duas Metas e o da Ética e Moral apenas uma Meta.

De forma a realizar o seu enquadramento, apresenta-se de seguida um quadro-resumo também com os Objetivos<sup>49</sup> correspondentes a cada Meta:

---

<sup>46</sup> António Martins, "Para uma ecologia integral - acentuações de Laudato Si'", em *Eu vim para que tenham vida. A vida que brota de Deus no acontecer da história*, coord. José Eduardo Borges de Pinho (Fátima, Santuário de Fátima, 2017), 176.

<sup>47</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de EMRC*, 8: «áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências)»

<sup>48</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, 7: «definem o que o professor pretende que os alunos aprendam» e são definidas a partir das Finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica

<sup>49</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, 9: «tipo de resultados de aprendizagem que se esperam da leção de determinados conjuntos de conteúdos, descrevem a intenção do professor em relação ao desenvolvimento e à mudança pretendidos no aluno; redigidos a partir das ações que os alunos devem concretamente realizar, são mensuráveis através dos instrumentos de avaliação adequados; organizam-se a partir das **Metas Curriculares** tal como organizadas para os **Domínios** definidos»

UL 1 "As Origens"		
	Metas	Objetivos
<b>Religião e Experiência Religiosa</b>	<p><b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história</p> <p><b>C.</b> Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas</p>	<p><b>1.</b> Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano</p> <p><b>4.</b> Conhecer textos sagrados de outras tradições religiosas sobre a temática da origem da vida</p>
<b>Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</b>	<p><b>F.</b> Conhecer a mensagem e cultura bíblicas</p> <p><b>G.</b> Identificar os valores evangélicos</p> <p><b>K.</b> Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso</p> <p><b>L.</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé</p>	<p><b>3.</b> Conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica</p> <p><b>5.</b> Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação</p> <p><b>2.</b> Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos</p>
<b>Ética e Moral</b>	<p><b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p>	<p><b>6.</b> Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação</p>

Quadro 1: Resumo da UL 1 “As Origens”

Daqui ressalta, de imediato, que, prevalecendo o Domínio Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida, os conteúdos específicos estão relacionados com a fé cristã pelo que é imprescindível acautelar o risco de uma “exposição” de cariz catequético o que maculará a especificidade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, e que é diferente do da catequese:

a Catequese “tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele”. Pretende formar e educar discípulos de Cristo pelo amadurecer da fé inicial, de modo a que vivam numa comunhão íntima com Ele. Isso supõe o ensino orgânico e sistemático da doutrina cristã e “o testemunho vivo de uma comunidade cristã”, na qual o catequizando se insere progressivamente. A EMRC tem uma natureza diferente da Catequese, quanto às finalidades, aos destinatários e aos conteúdos. Além disso, exerce-se num ambiente também diferente. Situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade

própria: “O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”<sup>50</sup>.

### **3.2. Da lecionação (planificação IV) e respetiva reflexão**

A gestão do programa é fundamental na prática letiva do professor dado que lhe permite adequar o programa ao número previsível de semanas do ano letivo e, desse modo, proceder à seleção de conteúdos caso haja necessidade em virtude do número previsível de aulas assim o obrigar<sup>51</sup>.

Deste modo, uma boa gestão do programa está na base da boa planificação o que «evita uma prática de ensino entregue ao acaso»<sup>52</sup> que também não deverá olvidar os recursos disponíveis da escola e as características dos alunos pelo que, na elaboração da planificação, o professor deverá ter em consideração «as turmas e os alunos, de modo a adaptar a lecionação tanto aos Objetivos e conteúdos»<sup>53</sup>. A planificação é, assim, um "instrumento" valiosíssimo para o professor pois permite-lhe uma análise e reflexão sobre o que vai fazer nas suas aulas (e nas diferentes turmas) possibilitando-lhe uma boa gestão das suas aulas (quer ao nível das estratégias e dos recursos, bem como do tempo) promovendo aprendizagens significativas.

A planificação pautou-se pela reflexão sobre o que se pretendia que os alunos aprendessem em cada aula, tendo procurado recorrer a estratégias e recursos diversificados sempre centrados nos alunos, com vista a que as aulas fossem o mais participadas possíveis e que as respetivas sínteses pudessem ser construídas pelos alunos e não unicamente "dadas" pela professora (ainda que, em determinados momentos, fossem direcionados para tal) de forma que se possibilitasse, desse modo, a aquisição e consolidação dos conteúdos transmitidos, isto é, aprendizagens significativas.

---

<sup>50</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, "Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade", 8.

<sup>51</sup> Cf. Educris, "Gestão Anual do Programa", acessido a 30 de dezembro de 2018, [www.educris.com/v2/98-didatica-da-disciplina/878-gestao-anual-do-programa](http://www.educris.com/v2/98-didatica-da-disciplina/878-gestao-anual-do-programa).

<sup>52</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de EMRC*, 159.

<sup>53</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Optou-se por não lecionar, e deste modo aprofundar, os textos sagrados de outras tradições religiosas, por questões de gestão do número de aulas previsíveis, apesar de ter sido tratado em aula, possibilitando o contacto, ainda que de forma breve e célere, com tais narrativas, centrando-nos de forma mais aprofundada nas narrativas da Criação no Livro do Génesis até porque muitos dos alunos já tiveram contacto com as mesmas sem, no entanto, o adequado enquadramento e significado.

Outro momento de grande relevância no processo ensino-aprendizagem é a avaliação, «pelo que deverá estar contemplada nas planificações (momentos e métodos de avaliação)»<sup>54</sup>. Porque a avaliação deve ser contínua e sistemática, pois uma «avaliação regular e sistemática fornece aos alunos e professores informação válida para determinar estratégias de aprendizagem mais corretas»<sup>55</sup>, optou-se por atribuir maior relevância à avaliação formativa, baseando-se na aprendizagem ativa dos alunos para a mobilização dos seus conhecimentos na realidade quotidiana, cujos instrumentos de avaliação se consubstanciaram na grelha de observação da aula e na realização da ficha de trabalho como forma de aferir da sua capacidade de refletir e olhar criticamente para a realidade circundante consubstanciada nas suas intervenções que permitiram ter e dar feedback do que os alunos consolidaram; no entanto, a avaliação sumativa não foi descurada tendo-se realizado uma ficha de avaliação sumativa uma vez que:

a sua finalidade é resumir o desempenho de um determinado aluno, grupo de alunos ou professor perante um conjunto de objectivos de aprendizagem. As avaliações sumativas são concebidas para que se possa fazer juízos sobre os resultados. As informações obtidas pelas avaliações sumativas são utilizadas para determinar as notas.<sup>56</sup>

De referir também que foi entregue aos alunos uma ficha de autoavaliação com o intuito de desenvolver «uma maior responsabilização pessoal por parte dos alunos, que acabará certamente por ter consequências ao nível do processo EA, promovendo uma maior atenção e vinculação às diversas tarefas educativas.»<sup>57</sup>. Neste sentido, os resultados globais (e também individuais) alcançados tal como as referências e associações que realizam ao longo das aulas corroboraram a aquisição e assimilação dos conteúdos lecionados com os alunos a mobilizarem as aprendizagens em diferentes contextos.

---

<sup>54</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, 160.

<sup>55</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, 161.

<sup>56</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 211.

<sup>57</sup> Juan Ambrosio, "Avaliar em EMRC. Pistas para um caminho", (Lisboa: texto não publicado para uso dos alunos da disciplina de Currículo, Planificação e Avaliação, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2018), 26.

Apresentam-se, de seguida, as planificações das aulas lecionadas da Unidade Letiva 1 "As Origens" bem como a respetiva reflexão, importando referir que a numeração dos anexos indicados nessas planificações reportam ao portefólio da PES:

**Sumário: A origem do universo e da vida. A leitura científica e religiosa.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano	Os dados da ciência sobre a origem do universo e do ser humano	<b>A origem do universo e da vida:</b> - brainstorming - visualização de imagens e respetiva análise	5'  5' 15'	Quadro+Giz/ caneta  Quadro+Patafix+Anexo1	O professor está atento a:  Participação Participação e Interpretação
		A leitura religiosa sobre o sentido da vida e da existência humana e a sua relação com os dados da ciência	<b>Perspetiva religiosa da origem do universo e da vida:</b> - brainstorming - visualização de imagens e respetiva análise	5' 15'	Quadro+Giz/ caneta Quadro+Patafix+Anexo2	Participação Participação e Interpretação
		Elaboração da síntese final da aula		5'	Caderno	

**Proposta de Síntese:** A origem do universo e da vida pode ser entendida num diálogo entre a ciência e a fé.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

\* Identificar as teorias do Big-Bang e evolução das espécies sobre a origem do Universo e do ser humano; (CFQ, CN, TIC, Hist)

\* Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas; (P, CD, Hist, CFQ)

### Descrição sumária da aula:

A aula inicia-se com o acolhimento aos alunos e com o registo do sumário da aula no quadro seguindo-se o resumo da aula anterior de forma a fazer a ligação com a presente aula.

No quadro (em cada uma das extremidades) desenham-se duas "personagens", a Maria Ciência e o Manuel Cristão - cada uma com dois balões que ajudarão os alunos na aquisição dos conhecimentos -, as quais funcionarão em associação com as imagens que cadenciadamente serão apresentadas no decurso do brainstorming<sup>58</sup> (teoria do Big Bang, Reações Químicas, Evolução das Espécies, Criação do Mundo e do Homem por Deus, Adão e Eva).

Questionar-se-á os alunos sobre a origem do universo, direcionando-os para as quatro questões que se colocam ao ser humano: *quando, como, porquê e para quê?* (as quais deverão ser apontadas no centro do quadro, entre as duas personagens se for o caso); tendo em consideração as suas respostas, serão afixadas as imagens e complementadas com os dados que se julguem relevantes.

Pretende-se que os alunos sejam capazes de perceber, conforme proposta de síntese, que ciência e fé não se contradizem mas que há um carácter complementar entre elas atendendo a que as questões a que cada uma responde são diferentes pelo que a origem do universo e da vida pode ser entendida num diálogo entre a ciência e a fé.

Neste sentido, e como se referiu atrás, para facilitar a compreensão/aquisição dos conteúdos pelos alunos (e até mesmo a construção da síntese da aula) deverão ser escritas, no momento final da aula e antes da síntese (e sempre indagando os alunos), em cada balão das personagens as perguntas a que a Ciência e a Religião pretendem responder.

---

<sup>58</sup> as personagens aqui referidas visam facilitar a compreensão dos alunos que a Ciência e a Religião não se contradizem mas complementam-se, atendendo a que cada uma responde a diferentes questões de sentido

### **Relatório da aula um (lição nº3)**

A lição nº 3 - primeira aula da unidade letiva 1 «As Origens» - teve como sumário *A origem do universo e da vida. A leitura científica e religiosa.*

Tendo em consideração a respetiva meta, os objetivos e as aprendizagens essenciais que os alunos devem alcançar, para a lecionação dos conteúdos recorreu-se à utilização do quadro da sala de aula com imagens (v. portefólio da PES) e com a “participação” de dois personagens, a "Maria Ciência" e o "Manuel Cristão", de forma a possibilitar não só o enquadramento das duas perspetivas (científica e religiosa) mas também conduzir os alunos à relação existente entre as duas. Optou-se por esta estratégia mais simples em detrimento de um vídeo explicativo, ou de um powerpoint, pois permitiu mobilizar, de forma mais dinâmica, a atenção e o interesse dos alunos impelindo-os a participarem ativamente até porque os dois personagens tinham, cada um, na sua posse dois balões oferecidos pelos alunos e cuja “mensagem” correspondia à “individualidade” de cada uma das personagens, ou seja, pretendeu-se que os alunos conseguissem identificar os dados científicos, a perspetiva religiosa, soubessem definir o âmbito de cada uma e, conseqüentemente, a relação existente entre ciência e fé.

A planificação foi concretizada, sendo que a metodologia adotada - utilização do quadro com imagens em associação às personagens - facilitou e mostrou-se eficaz bem como reforçadora da aquisição de conhecimentos, e apresentou-se como motivadora o que se aferiu pela participação dos alunos, uma vez que a "Maria Ciência" e o "Manuel Cristão" prenderam a atenção daqueles associados à aplicação cadenciada das imagens no quadro o que chamou a atenção e ajudou a “arrumar” as ideias. Visualmente, consistiu, no final, no esquema dos conteúdos planificados (v. imagem 1). Deste modo, não foi necessário proceder-se a quaisquer alterações ao que fora planificado dado que o resultado perspetivado foi alcançado excedendo até o esperado uma vez que foram eles que construíram, por si próprios, a síntese final sem que tivesse sido necessário qualquer tipo de auxílio da parte da professora.

A relação estabelecida com os alunos foi excelente, onde se mostrou muito positiva a personalização de cada um ao chamá-los pelos respetivos nomes. Os alunos comportaram-se muitíssimo bem, entraram e estiveram sempre corretamente em sala de aula, participando ativamente, demonstrando interesse e motivação, respeitando a

professora e os colegas, o que conduziu a que tivessem sido eles próprios, como já se referiu, a construírem a síntese final da aula.

Conclui-se, assim, que foi uma aula bem conseguida, com uma apresentação simples mas apelativa dos conteúdos com uma boa utilização do quadro (fugindo ao powerpoint) tendo-se trabalhado bem todos os conteúdos da planificação, e a construção da aula assente nos desenhos conduziu a que fossem alcançadas as respetivas aprendizagens essenciais. Dada a serenidade e tranquilidade que se procurou promover foi criado um bom ambiente de aprendizagem mostrando-se a professora atenta quando notava alguma distração, chamando a atenção de forma discreta, positiva e criativa o que também motivou os alunos para a aula, tal como conseguiu que fossem os próprios a construírem a síntese da aula.

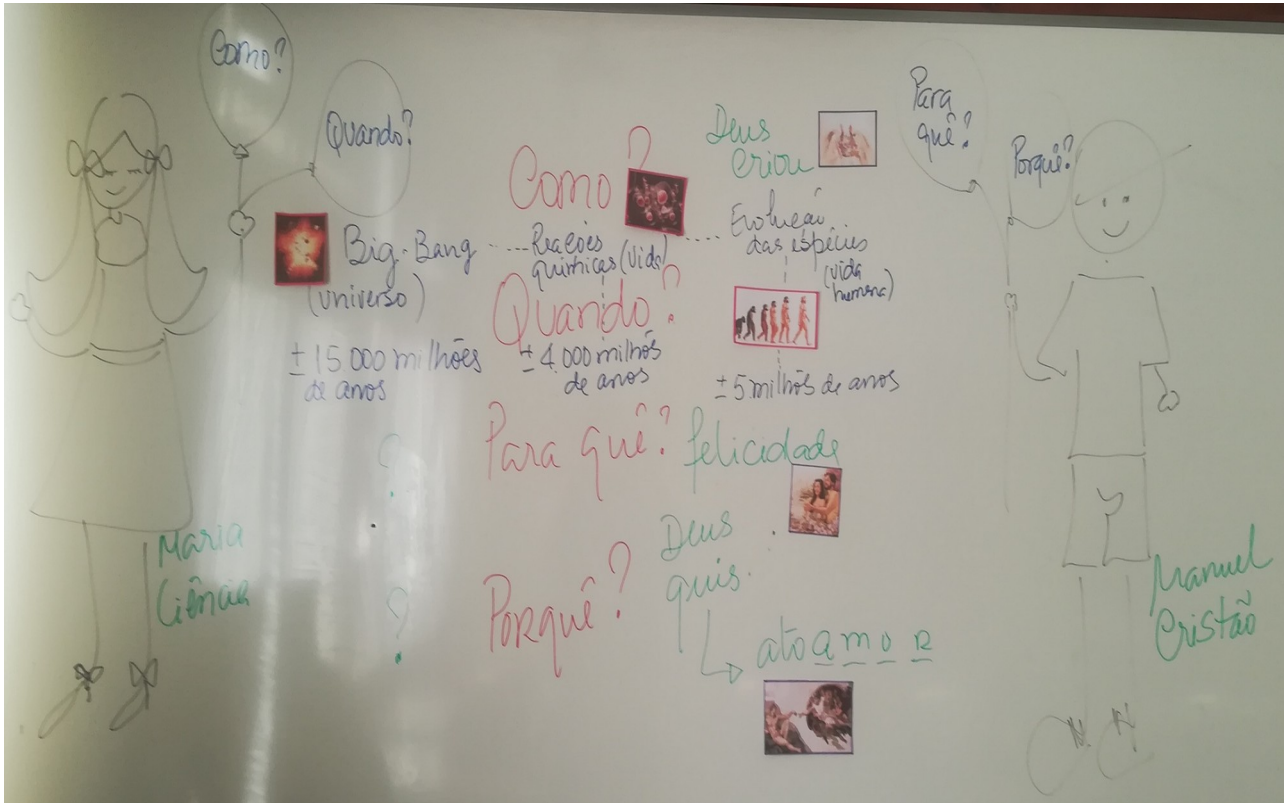


Imagem 1: Síntese final da aula um

**Sumário: A narrativa da Criação no livro do Génesis.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé	2. Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos	A narrativa da criação no livro do Génesis (Gn 1-2,24)	Acolhimento, sumário e resumo da aula anterior	5'	Manual/Bíblia	O professor está atento a:
			<b>Narrativa da Criação:</b> - leitura do texto bíblico (pelos alunos)	5'		Participação
			- género literário	15'		Participação e Interpretação
			- análise e interpretação da simbologia (Adão e Eva; homem e mulher; Homem imagem de Deus; Nome; Sete; Jardim do Éden)	20'		Participação e Interpretação
			Elaboração da síntese final da aula	5'	Caderno	

**Proposta de Síntese:** A narrativa da Criação no livro do Génesis explica simbolicamente a origem do universo e da vida estabelecendo uma relação entre Deus e o mundo.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

\* Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas (P, CD, Hist, CFQ)

\* Conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação (Hist, EV, P, TIC)

### **Descrição sumária da aula:**

Após o acolhimento, registrar-se-á no quadro o sumário seguindo-se o resumo da aula anterior como ponte para a presente aula.

Recorrendo à Bíblia e/ou ao manual, realiza-se a leitura da narrativa da Criação no Livro de Génesis; esta leitura deverá ser realizada pelos alunos de modo a envolvê-los, desde logo, na dinâmica e no conteúdo que se selecionou para esta aula.

Segue-se, recorrendo ao manual coadjuvado pelo Powerpoint, à explicação do género literário e do simbolismo presente nesta narrativa, o que se fará também com os recortes para os alunos colarem nos cadernos.

A aula termina com a respetiva síntese.

**Nota:** tendo em conta a gestão do programa que se fez, e recorrendo a uma metodologia holística, esta (e/ou a próxima) aula é propícia à referência aos textos sagrados de outras tradições religiosas (Meta C, Objetivo 4)

## **Relatório da aula dois (lição nº4)**

A lição nº 4 - segunda aula da unidade letiva 1 «As origens» - teve como sumário *A narrativa da Criação no livro dos Génesis*. Pretendeu-se, nesta aula, estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé, levando os alunos a conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos pelo que a aula incidiu na narrativa da criação no livro do Génesis (Gn 1-2,24); desta forma, procurou-se que os alunos sejam capazes de discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas; e conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação.

Para a lecionação dos conteúdos procedeu-se à leitura do texto bíblico a partir do manual, por dois alunos, e à utilização de um powerpoint para explicar a simbologia presente no mito das origens do livro do Génesis associado a recortes para os alunos colarem nos seus cadernos de forma a consolidarem conhecimentos (v. portefólio). Optou-se por estas estratégias tendo em vista o total envolvimento dos alunos de forma a assimilarem o conteúdo transmitido no texto bíblico em análise: com a leitura feita pelos alunos conseguiu-se que seguissem atentamente o texto (o que talvez não tivesse sucedido se a professora o tivesse lido) e o compreendessem, bem como se sentiram integrados e participantes ativos no “objeto” central da aula; com a colagem dos recortes associada ao powerpoint, permitiu-lhes, visualmente, assimilarem os conteúdos, fomentando, simultaneamente, o uso do caderno. Tal promoveu, primordialmente, dois sentidos: a visão e o tato (colagens). Com isso conseguiu-se também que se mantivessem, ao longo de toda a aula, atentos, interessados e uma interação harmoniosa entre os próprios alunos.

Importa salientar que, no que diz respeito aos recortes das imagens para colar no caderno, embora aparentasse ser uma atividade “infantil” (possibilidade de as pintar), motivou os alunos e prendeu a sua atenção, tendo-se mostrado interessados em embelezar as referidas imagens, e fomentou uma interação e cooperação harmoniosa e ordenada entre todos alunos com a partilha do material (cola).

Desta forma, os meios usados na lecionação desta aula foram adequados e mostraram-se facilitadores no processo ensino-aprendizagem uma vez que a leitura do texto bíblico a partir do manual pelos alunos promoveu a sua atenção, empenho e

interesse, para além de, ao utilizar o manual, compreenderem-no como um instrumento de trabalho com conteúdos enriquecedores. Por outro lado, também a colagem no caderno dos recortes que materializam os elementos simbólicos das narrativas da Criação, com a indicação do significado de cada um, se mostraram adequados não só porque permitem o uso do caderno como instrumento de trabalho imprescindível, a par do manual, como acautela a aquisição e consolidação dos conhecimentos.

Todavia, tendo a leitura do texto bíblico sido assegurada pelos alunos, verificou-se, ao nível do tempo planificado para tal, uma pequena discrepância em virtude de terem demorado mais do que seria expectável na leitura, ainda que tivessem lido corretamente o texto em causa; apesar de ter ponderado realizar a respetiva leitura como forma de assegurar o cumprimento do tempo previsto para tal, a professora estagiária optou por envolver os alunos, “sacrificando” o respetivo tempo previsto na planificação (podia ter dado mais tempo aquando da planificação para o caso de os alunos realizarem uma leitura mais demorada, como veio a suceder e foi tido como hipótese pela professora). Os alunos também se mostraram “lentos” a copiar o significado correspondente a cada elemento simbólico.

Relevante foi também a iluminação da sala de aula que em determinados diapositivos do powerpoint tornou impercetível as ressalvas feitas a negrito o que pode levar a que, em situações futuras e a título exemplificativo, se opte pela alteração do tamanho da letra para relevar os termos/frases chave.

Apesar do que se referiu, a aula e as aprendizagens foram conseguidas, integrando-as harmoniosamente com a aula anterior, e a metodologia adotada - leitura pelos alunos, recortes e powerpoint - facilitou a aquisição de conhecimentos, até pelo facto de os alunos terem uma participação ativa em cada um dos momentos da aula, mostrando-se, qualquer uma, motivadora e geradora da sua participação. Neste sentido, não foram feitas alterações relevantes ao plano da aula, apesar do tempo excedido na leitura. Por se considerar que o conteúdo abordado é de extrema relevância para que os alunos alcancem as aprendizagens essenciais, manteve-se o planificado ressalvando, no entanto e em virtude da iluminação da sala, que os termos/frases chave foram ditados pela professora.

Em relação aos alunos comportaram-se de forma adequada, demonstrando saber-estar, interesse, empenho e motivação, participando ativamente na dinâmica da aula, e revelando uma boa relação entre pares, consubstanciada na interação e cooperação que foi visível aquando da partilha (ordenada e quase silenciosa) de material.

**Sumário: A mensagem fundamental do livro do Génesis.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas	3. Conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica	A mensagem fundamental do Génesis	Acolhimento, sumário e resumo da aula anterior	5'	Manual+Quadro+Giz/caneta	O professor está atento a:
			<b>Mensagem bíblica de Génesis:</b> - análise e interpretação	15'		Participação
			- construção dialogada do resumo das narrativas da Criação pelos alunos através de imagens	25'		Participação, Motivação e Criatividade
			Elaboração da síntese final da aula	5	Caderno	

**Proposta de Síntese:** Segundo o livro do Génesis, Deus é a origem de todas as coisas e, por amor, criou o homem e a mulher para serem felizes.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

\* Reconhecer, na mensagem bíblica a excepcionalidade da pessoa humana perante toda a Criação; (Hist)

### **Descrição sumária da aula:**

Após o acolhimento aos alunos e o registo do respetivo sumário, o resumo da aula anterior reveste-se de especial importância para fazer a ligação com o que se pretende da aula presente.

Atendendo à simbologia constante na narrativa da Criação, esta aula visa a análise e interpretação da mensagem nela constante conduzindo a que os alunos possam, por si e com o recurso a imagens (algumas das quais já presentes nas aulas anteriores até como forma de reforçar os conteúdos - Criação do mundo e do homem por Deus, Adão e Eva, Jardim do Éden - bem como outras que pretendem evocar a felicidade como o projeto de Deus para o ser humano), construir um resumo das narrativas da Criação e que lhes permitirá elaborar, sem dificuldades, a síntese da aula.

O manual apresenta-se, como sempre, como um valioso instrumento de trabalho para os alunos.

## **Relatório da aula três (lição nº5)**

A lição nº 5 - terceira aula da unidade letiva 1 «As origens» - teve como sumário *A mensagem fundamental do Livro do Génesis.*, apresentando os seguintes elementos a trabalhar e as aprendizagens essenciais que os alunos devem alcançar: conhecer a mensagem e cultura bíblicas (meta F), conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica (objetivo 3) e, como tal, a mensagem fundamental do Génesis (conteúdo), para que os alunos sejam capazes de reconhecer, na mensagem bíblica a excecionalidade da pessoa humana perante toda a Criação (AE).

Para a lecionação dos conteúdos utilizou-se o quadro para, com imagens aplicadas de forma cadenciada e com a participação ativa dos alunos, chegar à mensagem fundamental do Livro do Génesis (v. imagem 2), os quais acompanharam o que iam construindo também no respetivo caderno. Optou-se por esta estratégia para promover o seu envolvimento de forma a consolidarem os conteúdos já lecionados, o que lhes permitiu, sem grande complexidade, elaborarem, eles próprios, a síntese da aula, pelo que pode concluir-se que a metodologia adotada - utilização do quadro com imagens - mostrou-se eficaz bem como permitiu a consolidação dos conteúdos, e apresentou-se como motivadora o que se aferiu pela participação dos alunos que elaboraram a síntese da aula de forma natural decorrente do que os próprios foram "levando" para o decurso da aula através do diálogo participado associado às imagens que iam sendo colocadas no quadro.

A aula decorreu de forma muito fluida e as aprendizagens foram conseguidas permitindo a consolidação dos conteúdos das aulas anteriores o que foi perceptível no diálogo participado durante todo o tempo da aula. Por isso, não foram efetuadas quaisquer alterações ao plano de aula em virtude de se ter concretizado o planificado.

Os alunos comportaram-se muito bem, demonstrando interesse, empenho e motivação, participando ativamente na dinâmica da aula, e revelando uma boa relação entre pares. Como já se havia referido anteriormente, sabaram estar e comportar-se em sala de aula, o que também é fruto da boa gestão dos seus comportamentos o que permitiu que a relação de empatia criada pela professora os levasse à autorresponsabilização como concretizado nesta aula: um dos alunos, que

se sentava numa mesa das filas mais atrás, pediu para mudar de lugar porque não conseguia ver bem o quadro, ao que a professora anuiu e indicou-lhe um lugar junto de um outro colega ao que aquele imediatamente, e de forma bastante sincera, respondeu não poder ficar naquele lugar porque iria conversar com o colega e, sem querer, perturbaria a aula. Há ainda a referir que, à semelhança da aula anterior, os alunos continuam "lentos"; porém, esta lentidão deve ser encarada como "relativa" pois deve-se ao seu interesse e ao facto de quererem ter sempre o caderno organizado, e, acima de tudo, como "construtiva" do pensamento, ainda que possa tentar direcioná-los visto terem ritmos diferentes de pensar.

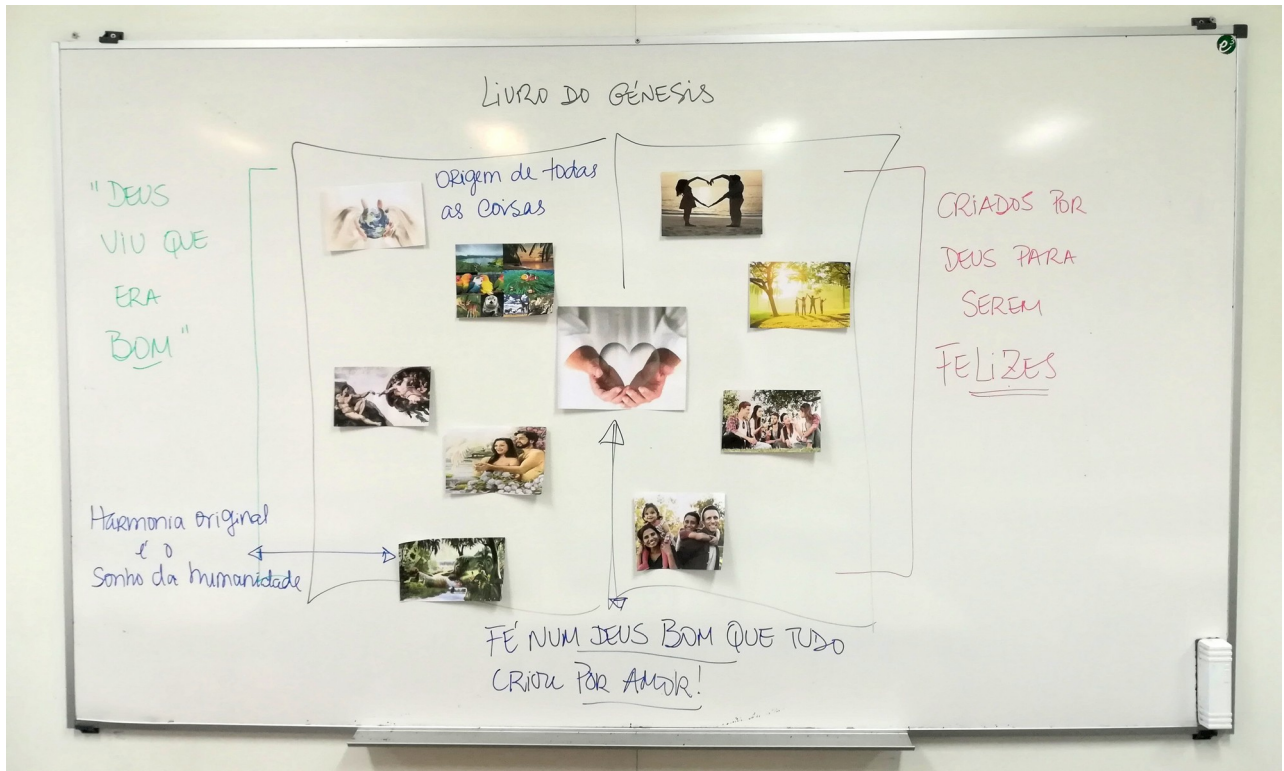


Imagem 2: Síntese final da aula três

**Sumário: A Criação como um acontecimento inacabado. Colaborar com Deus na Criação.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa		
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<b>6.</b> Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação	Como se colabora com Deus na obra da criação	Acolhimento, sumário e resumo da aula anterior	5'	PPT (Anexo6)+PC/ Datashow	O professor está atento a:		
			<b>Observação de imagens:</b> - interpretação e debate	10'			Participação e Motivação	
			<b>Desafios ecológicos:</b> - identificação de problemas e conselhos	10'			Manual	Participação e Motivação
			<b>Cartas às Nações</b> - redação de propostas para cuidar da Criação (a pares e com redação orientada) - leitura das cartas	10'			Caderno	Motivação e Criatividade
			Elaboração da síntese final da aula	5'			Caderno	Participação e Motivação

**Proposta de Síntese:** O ser humano é chamado a ser colaborador na criação pelo que deve assumir comportamentos responsáveis para cuidar dela e colocar os seus dons ao serviço de tudo e de todos.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

\* Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem. (CFQ, CN, Geog, EF, TIC, CD)

### **Descrição sumária da aula:**

O sumário é registado no quadro após o acolhimento aos alunos.

Após o resumo da aula anterior, o qual deve fazer a ponte para a presente aula, apresenta-se o conteúdo a trabalhar nesta aula com recurso ao Powerpoint. Apresentam-se imagens apelando à interpretação dos alunos de forma a conceberem que cada pessoa é colaboradora na obra da Criação e que deve colocar-se (seus dons) ao serviço de todos e de tudo, prosseguindo-se com a explicação do termo "Ecologia" e questionando-os sobre a forma como o ser humano está a tratar a Casa Comum culminando com a apresentação de um diapositivo que resume os diferentes "atentados" ambientais à Criação. A questão e explicitação do que significa "dominar a terra" surge, pois, na sequência.

De forma a consciencializar os alunos das consequências que os atos do ser humano têm na Criação, e antes de identificar os desafios ecológicos que se colocam, é apresentada, através de fotografias, a instalação *Over Flow* de Tadashi Kawamata (MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia) que pretende dar uma perspetiva da poluição existente no mar, nomeadamente ao largo da costa portuguesa, numa visão conjunta acima e por baixo do mar.

Continuar-se-á, recorrendo ao manual, à identificação dos problemas e dos conselhos para uma vivência responsável na Casa Comum - cuja leitura será realizada por vários alunos (em cada elemento da Criação referido poderão ler dois alunos - um lê o problema e outro o conselho), cujos elementos aí referidos serão também complementados por imagens do Powerpoint e que culmina com a expressão "Ecologia Integral" do Papa Francisco explicitando o seu conceito.

A aula prossegue com uma atividade a pares: a redação de uma Carta às Nações com propostas para cuidar da Criação; a respetiva leitura será feita de seguida. Em caso de não se vislumbrar tempo suficiente para tal, esta atividade poderá ser remetida como trabalho individual a realizar em casa.

A aula termina com o registo da síntese nos respetivos cadernos.

## **Relatório da aula quatro (lição nº6)**

A lição nº 6 - quarta aula da unidade letiva 1 «As origens» - teve como sumário *A Criação como um acontecimento inacabado. Colaborar com Deus na Criação.*

Nesta aula pretendeu-se que os alunos amadurecessem a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (meta O), assumindo comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação (objetivo 6), e, dessa forma, compreenderem como se colabora com Deus na obra da criação, para que sejam capazes de assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem (AE).

Como estratégias para a lecionação dos conteúdos desta aula recorreu-se à utilização de um Powerpoint alusivo ao tema (v. portefólio) e ao manual da disciplina, o que se fez de forma complementar, não só para explicitar conceitos mas também como meio de envolver os alunos na temática abordada através da interpretação de imagens e da partilha das suas vivências.

A aula correu muito bem tendo sido apresentada uma visão diferente de algo que é comum a outras disciplinas, ou seja, conseguiu-se dar o cunho específico da disciplina no tema que é comum às outras disciplinas, onde a novidade é a compreensão que cada pessoa é colaboradora, é responsável pela Criação.

As estratégias utilizadas mostraram-se eficazes, apresentando elementos atuais (entre outros e a título exemplificativo, as fotografias da instalação "Over Flow" de Tadashi Kawamata exposta no MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, e os dados relativos aos níveis de CFC na Buraca) o que promoveu a captação da atenção dos alunos pois tais imagens e dados motivou-os para a aula, proporcionando a sua participação, por serem "próximos" de cada um e alertando-os para a temática. Fruto desta participação, não foi possível concretizar a atividade planificada; todavia, a professora estagiária não deixou de a ter em conta transformando-a num *TPC*.

Conclui-se, pois, que a metodologia adotada mostrou-se adequada, facilitadora e bastante eficaz no processo ensino-aprendizagem, com a consolidação dos conteúdos, visto os alunos terem mobilizado para a aula as próprias experiências, o que foi potenciado pela apresentação de algumas imagens aliadas a determinadas

informações complementares, o que se consubstanciou numa participação ativa daqueles, o que fez com que, atendendo à sua participação, se entendesse ser mais enriquecedor a partilha dos alunos em prole da atividade planificada tendo, por isso, procedido à alteração do planificado, remetendo a redação da Carta às Nações (inicialmente planificada para a aula como trabalho a pares) para atividade a realizar individualmente em casa.

Por fim, referir que os alunos comportaram-se bem, demonstrando interesse, empenho e motivação, participando ativamente na dinâmica da aula, ainda que alguns se tenham mostrado um pouco distraídos mas tal não só não perturbou a aula como não impediu que os mesmos conseguissem assimilar os conteúdos o que foi perceptível pela sua participação.

Como já foi referido a propósito das aulas anteriores, os alunos souberam estar e comportar-se em sala de aula, mantendo um relacionamento entre pares bastante positivo tal como com a professora, mostrando-se gentis, simpáticos e atentos. É de salientar ainda que, sem gravidade aparente, tem havido por parte de um ou outro aluno um ligeiro atraso na entrada na sala de aula; porém, não se pode deixar de referir que tal não interfere no decurso da aula uma vez que a respetiva entrada se pauta pela discrição e silêncio nem influencia a assimilação dos conteúdos por estes.

**Sumário:** O Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis. Realização e correção de ficha de trabalho.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa
<p><b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p> <p><b>G.</b> Identificar os valores evangélicos</p> <p><b>K.</b> Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso</p>	<p><b>6.</b> Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação</p> <p><b>5.</b> Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação</p>	<p>Como se colabora com Deus na obra da criação</p> <p>Cântico das Criaturas de S. Francisco de Assis</p>	<p>Acolhimento, sumário e resumo da aula anterior</p> <p>Leitura das Cartas às Nações (trabalho de casa)</p> <p><b>Cântico das Criaturas de S. Francisco de Assis:</b> - leitura - análise e interpretação</p> <p><b>Ficha de trabalho:</b> - realização - correção</p> <p>Elaboração da síntese final da aula</p> <p>Entrega da matriz para a ficha de avaliação sumativa</p>	<p>5'</p> <p>10'</p> <p>5'</p> <p>5'</p> <p>10'</p> <p>5'</p> <p>5'</p> <p>5'</p>	<p>Manual</p> <p>PPT (Anexo7)+PC/Datashow</p> <p>Anex08</p> <p>Caderno/Anex09</p> <p>Anexo10</p>	<p>O professor está atento a:</p> <p>Participação e Criatividade</p> <p>Participação/Motivação Participação/Interpretação</p> <p>Interesse/Motivação</p>

**Proposta de Síntese:** Para os crentes, a Criação é um presente de Deus para o ser humano que é preciso cuidar e respeitar.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

\* Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem. (CFQ, CN, Geog, EF, TIC, CD)

### **Descrição sumária da aula:**

Depois do acolhimento aos alunos, do registo do sumário no quadro e de realizado o resumo da aula anterior (que poderá já ter por "pano de fundo" o primeiro diapositivo do Powerpoint a utilizar nesta aula) , proceder-se-á à leitura das propostas para cuidar da Criação em virtude de ter sido remetida como atividade para realizar em casa.

De seguida, proceder-se-á à leitura do Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis (não sem antes contextualizar os alunos sobre o seu autor apresentando-se pois, uma pequena biografia) que está no manual; ato contínuo, insta-se os alunos a proceder à análise e à interpretação do mesmo mobilizando, para tal, os conteúdos anteriormente assimilados para compreender a Criação como um presente de Deus para a humanidade que é preciso respeitar sendo que é da responsabilidade de cada pessoa protegê-la, conservá-la, e amá-la. Como forma de tornar próximo dos alunos o conteúdo em questão, nomeadamente a relação de São Francisco de Assis com Deus e com a Criação, existe no Powerpoint uma imagem de uma jovem indígena retirada de uma curtametragem exibida no MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia na qual a mesma diz sentir as plantas como irmãs apelando à ideia presente no Cântico das Criaturas fazendo-se, assim, a ponte com o quotidiano.

Os alunos realizarão uma ficha de trabalho sobre o conteúdo lecionado ao longo da aula e proceder-se-á à respetiva correção.

A síntese da aula será feita através de um pequeno desdobrável que contém o Cântico das Criaturas e a ideia-chave da aula que os alunos colarão nos respetivos cadernos.

A aula termina com a entrega da matriz da ficha de avaliação sumativa que se realizará na aula seguinte.

## **Relatório da aula cinco (lição nº7)**

A lição nº 7 - quinta aula da unidade letiva 1 «As origens» - teve como sumário *O Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis. Realização de ficha de trabalho.*, apresentando os seguintes elementos a trabalhar e as aprendizagens essenciais que os alunos devem alcançar: amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (meta O); identificar os valores evangélicos (meta G); e reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso (meta K); assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação (objetivo 6); e desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação (objetivo 5) para que compreendam como se colabora com Deus na obra da criação, procedendo-se à análise e interpretação do Cântico das Criaturas de S. Francisco de Assis. Pretendeu-se, assim, que os alunos sejam capazes de assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem (AE).

Como estratégias para a lecionação dos conteúdos desta aula recorreu-se à utilização de um Powerpoint bem como ao manual da disciplina para leitura do Cântico das Criaturas e como coadjuvante na realização da ficha de trabalho a qual visou a consolidação dos conteúdos. Recorreu-se também a um desdobrável com o Cântico das Criaturas e com a síntese da aula para os alunos colarem nos respetivos cadernos. Ainda que não consubstancie uma estratégia desta aula, parece-nos de referir que lhes foi entregue a matriz da ficha de avaliação sumativa.

O Powerpoint utilizado é constituído por imagens e teve por objetivo dar a conhecer São Francisco de Assis como "amante" da natureza, e que, apesar de quase 800 anos após a redação do Cântico das Criaturas, nos dias de hoje há pessoas que, a exemplo de São Francisco de Assis, se identificam como irmã/irmão dos demais elementos da Criação (imagem da jovem indígena cuja fotografia foi tirada de um filme de Pedro Neves que esteve em exibição numa das salas do MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia); este Powerpoint termina com a imagem e síntese que consta do referido desdobrável. Não se pode deixar de referir que as condições que a sala apresenta interferem na projeção de determinados conteúdos e imagens principalmente em dias com claridade exterior, o que já se havia referido e é tido em

consideração quando se recorre a este tipo de estratégia. Acautelando esta situação, a professora estagiária já havia testado este Powerpoint no final da aula anterior; porém, e porque também não se mostrava expectável face às condições meteorológicas existentes, já no final da aula, a visualização da fotografia mostrou-se inviável, o que gerou algum "ruído" na aula rapidamente resolvido através do monitor existente na sala mas sem que tivesse o impacto que se pretendia junto de todos os alunos.

Em relação à leitura do Cântico das Criaturas, optou-se por ser a professora a realizar a respetiva leitura não só pela "lentidão" que os alunos demonstram em momentos similares mas, acima de tudo, pela entoação que a mesma pedia. Todavia, e após análise da aula, verificou-se que deviam ter sido aqueles a proceder à leitura (com leitura orientada) pois envolve-os mais na aula e, conseqüentemente, na respetiva dinâmica.

A utilização/introdução da ficha de trabalho como forma de consolidação de conteúdos foi uma estratégia bem conseguida, mostrando-se interessante a redação do email sobre São Francisco de Assis, ainda que as perguntas nelas constantes fossem óbvias mas teve-se em consideração as características da turma e dos alunos. Apesar de ter sido elaborada para os conteúdos desta aula em concreto, poderia ser mais global atendendo a que esta aula era conclusiva da unidade letiva.

Atendendo à alteração ao planificado da aula anterior, para esta aula estava planificada a leitura da Carta às Nações com propostas para cuidar da Criação, cuja redação havia sido remetida para trabalho individual em casa; todavia, como já se precavera a possibilidade dos alunos não realizarem o trabalho de casa, tal situação foi rápida e tranquilamente solucionada estendendo-se o prazo para a entrega até à próxima aula.

Quanto ao comportamento dos alunos, mantendo-se o que se tem vindo a referir, demonstraram interesse e empenho, embora nesta aula, surpreendentemente, se tivessem mostrado algo apáticos o que teve implicação do "andamento" da mesma, tornando-a menos dinâmica do que as aulas anteriores.

Ainda que a aula tenha corrido bem e os conteúdos assimilados, não se pode deixar de referir, e em jeito de conclusão, três aspetos essenciais quanto à eficácia das soluções adotadas: a) que a leitura do Cântico das Criaturas deveria ter sido feita

pelos alunos o que, de certo, promoveria uma dinâmica maior na aula e o respetivo envolvimento, ou poder-se-ia ter recorrido a uma leitura áudio do Cântico das Criaturas, ou mesmo uma versão ou um outro texto com o mesmo espírito, mais atual adaptado aos alunos; b) que as condições da sala influenciam a dinâmica que se pretende, o que obrigou a professora estagiária a adotar uma outra forma de apresentar a ideia-chave presente no diapositivo em causa; e c) que a ficha de trabalho deveria ter sido elaborada de forma mais global visto esta aula ser conclusiva da Unidade Letiva.

**Sumário:** Ficha de avaliação sumativa.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa
Todas as da Unidade Letiva	Todos os da Unidade Letiva	Todos os da Unidade Letiva	Acolhimento e sumário	5'	Anexo11	Empenho
			Entrega e leitura da ficha de avaliação	5'		
			Realização da ficha de avaliação	40'		

#### APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:

O aluno deverá ser capaz de:

- \* Identificar as teorias do Big-Bang e evolução das espécies sobre a origem do Universo e do ser humano; (CFQ, CN, TIC, Hist)
- \* Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas; (P, CD, Hist, CFQ)
- \* Conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação; (Hist, EV, P, TIC)
- \* Reconhecer, na mensagem bíblica a excecionalidade da pessoa humana perante toda a Criação; (Hist)
- \* Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem. (CFQ, CN, Geog, EF, TIC, CD)

Quadro 7: Planificação aula seis

#### Descrição sumária da aula:

A aula inicia com o acolhimento aos alunos e com o registo do sumário. É feita a distribuição e a leitura da ficha de avaliação aos alunos seguindo-se de imediato a sua realização.

## **Relatório da aula seis (lição nº8)**

A lição nº 8 - sexta aula da unidade letiva 1 «As origens» - teve como sumário *Realização de ficha de avaliação sumativa.*, apresentando como elementos e as aprendizagens essenciais que os alunos deviam alcançar todos os trabalhados ao longo das aulas anteriores.

Para a avaliação da aquisição dos conteúdos optou-se pela realização de uma ficha de avaliação sumativa a qual contempla todos os conteúdos trabalhados em aula. Procedeu-se à respetiva leitura, antes dos alunos iniciarem a sua realização, o que lhes permitiu compreenderem, desde logo, a sua estrutura bem como esclarecer eventuais dúvidas que pudessem surgir; mesmo ao longo da sua realização, esteve-se sempre disponível para esclarecer os alunos em dúvidas pontuais sobre a estrutura da mesma sendo que o acompanhamento e a resposta a tais solicitações foram sempre feitas em voz alta.

Esta estratégia - realização de ficha de avaliação sumativa - foi a adequada para o que se pretendeu.

Os alunos comportaram-se bem criando um ambiente propício à realização da ficha de avaliação tendo demonstrando empenho na sua realização. Salientar que um dos alunos chegou mais tarde por se ter sentido indisposto tendo iniciado a realização da ficha de avaliação mas não a concluiu, o que fará em data a agendar.

Subjacente à lecionação que se desenvolveu da Unidade Letiva "As Origens", e que aqui se apresentou, mostra-se-nos relevante abordar, no ponto seguinte, a questão da ecologia não só pela importância que o cuidado da Casa Comum reveste no contexto atual mas também porque há que entendê-la sob uma visão holística, isto é, uma ecologia integral onde cada um tem/deve ter uma participação ativa e consciente enquanto corresponsável pela obra da Criação.

### **3.3. Ecologia: integral e ambiental**

Falar de ecologia é, hoje e cada vez mais, um tema que preocupa todas as pessoas, de todas as idades, de todas as culturas, de todas as religiões. Todavia, esta é continuamente associada (apenas) à ecologia “verde”, à ecologia ambiental; disso é testemunho as inúmeras campanhas promovidas no espaço escolar, à semelhança do que acontece no espaço social.

Desde logo importa compreender o seu significado etimológico: o termo ecologia deriva do grego *oikos*, ou seja, casa. Neste sentido, não é de estranhar que a expressão “casa comum” fosse e seja utilizada como referência ao planeta Terra e a tudo o quanto nele existe, inclusive o ser humano; no entanto, tal ganhou especial força após o Papa Francisco ter redigido a Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum, onde outro termo ganhou vida, o “ecologia integral” que, até então, parecia inexistente e que nos (re)interpela a encontrar a interconexão que é/está inerente à Criação.

“As Origens” (cuja estrutura é anterior à *Laudato Si'*<sup>59</sup>), no âmbito do domínio Ética e Moral, e na sequência das metas e dos objetivos elencados anteriormente, pretende que os alunos amadureçam a sua responsabilidade perante a Criação, ao identificarem e assumirem comportamentos responsáveis que, no âmbito da disciplina, consubstanciam formas de colaborar com Deus na Criação. Deste modo, e porque é o cunho específico da disciplina que a fará distinguir-se das demais onde o tema da ecologia é tratado (por ex. Ciências Naturais, Físico-Química ou Cidadania e Desenvolvimento), é relevante consciencializar os alunos também para o facto que tudo está interligado na Criação e que a perspetiva ambiental está indissociada da vida e da dignidade humana

---

<sup>59</sup> o Programa de EMRC foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa em abril de 2014 sendo a Carta Encíclica *Laudato Si'* de maio de 2015

concretizada no princípio do Bem comum, i.e. para a “ecologia integral” onde, para além da questão ambiental, se incluem as dimensões humana e social.

Face à iliteracia religiosa cada vez mais crescente, importa desconstruir termos como “dominar” para se compreender que não está em causa a subjugação ao Homem de tudo quanto existe mas o cuidar, o proteger, acima de tudo, o respeitar e assumir toda a existência como dom de Deus onde tudo o que existe tem dignidade mas onde o ser humano é a criatura por excelência nesta obra grandiosa porque foi criada à “imagem e semelhança” de Deus. Neste sentido, «a revelação bíblica mostra-nos a existência humana como resultado da bondade divina, isto é, como um dom que suscita em nós gratidão e não nos dispensa da responsabilidade de cuidar dele»<sup>60</sup>.

Debruçando-nos sobre o Programa da disciplina no que se refere à Unidade Letiva 1 "As Origens", e em particular à parte "ecológica", somos de imediato assolados pela sensação que tal não é tido (grandemente) em consideração nos conteúdos aí elencados, isto é, o ser humano é mais um dos "elementos" criados dado que se apela ao cuidado e respeito por tudo o que foi criado, ao respeito pelos seres vivos e ao uso consciente dos recursos naturais; todavia, estando tudo interligado, a dignidade da vida humana é englobada nestes mas tal não é, real e diretamente, tido em consideração, o que pelo instrumento complementar, que é o manual da disciplina, é perceptível o seu tratamento paupérrimo: atende-se à crise ambiental, à crise energética, à crise de matérias-primas mas não há uma referência direta à crise social e humana com exceção do que está (minimamente) patente nos “desafios ecológicos”.

Esta aparente valorização da ecologia ambiental está de tal forma enraizada que foi patente na dificuldade que os alunos tiveram em associar a ecologia também ao cuidado do outro, isto é, para além da ecologia ambiental; confrontados com o facto de serem co-criadores e corresponsáveis na obra da Criação, os alunos não o associavam ao cuidado do outro, à dignidade da vida humana, mas interligavam-no apenas à ecologia ambiental deixando de fora - dos desafios que se colocam à humanidade - o cuidado com o seu semelhante; isso foi visível quando se referiram os problemas que afetam um dos elementos da Criação (Homem e Mulher) e com a novidade que demonstraram com a expressão "ecologia integral".

---

<sup>60</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, "Nota Pastoral Cuidar da vida até à morte: Contributo para a reflexão ética sobre o morrer", acedido a 30 de junho de 2019, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/cuidar-da-vida-ate-a-morte-contributo-para-a-reflexao-etica-sobre-o-morrer>, 2.

A visão holística da realidade, onde tudo está interligado, pode até ser concebida mas a prática continua a demonstrar o desfazamento existente de acordo com a (não) adoção de comportamentos responsáveis, não podendo ignorar-se os "estragos" evidentes e as respetivas consequências que já se repercutem no quotidiano do ser humano pelo que a questão ecológica é também uma questão social e antropológica, em que já não é possível ignorar a rutura existente entre o Homem e a sua Casa Comum reflexo da exploração desenfreada em busca da satisfação dos seus interesses económicos, numa ganância mor pelo proveito e poder sem considerar os recursos explorados tampouco no seu semelhante, o qual, não tão poucas vezes, é também objeto de exploração e indiferença.

Como refere Isabel Varanda:

ao longo dos séculos, o homem trabalhou a terra, dela retirou o seu sustento, decifrou muitos dos seus segredos e descobriu as suas potencialidades e capacidades, orientando-as em seu favor. Esta relação evoluiu na lógica do quantitativo, do cálculo, do proveito como se o homem tivesse diante de si a galinha dos ovos de ouro. Só tendo olhos para os ovos, esquece-se da galinha. E na voraz espiral de ganância, querendo mais e mais ovos, mata a galinha. Moral da história: fica sem ovos e fica sem galinha. Outrora, a natureza parecia ser um poço sem fundo, uma riqueza natural inesgotável à disposição do homem. Hoje, o homem olha o fundo do poço, uma natureza vulnerável, fragilizada, empobrecida e esgotada<sup>61</sup>.

A *Laudato Si'* vem chamar a atenção para a ecologia ambiental, económica, social, cultural, mas, acima de tudo, para essa interconexão existente em toda a Criação que abarca também o ser humano; cuidar, preservar, proteger, respeitar a Criação vai para além do ambiente, inclui o cuidado do outro, é criar condições para o bem comum e, como tal, para a humanidade. Por isso, mais do que uma ecologia “verde” tem de se abordar e fazer compreender que a ecologia é “integral”, que a dignidade humana na Criação está para além da ecologia ambiental:

tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão Sol, à irmã Lua, ao irmão Rio e à mãe Terra (LS 92)

---

<sup>61</sup> Isabel Varanda, "A Salvação Ecológica", *Cadernos ISTA*, ano 6, n.º 11 (2001): 108, acedido a 20 de janeiro de 2019 em [http://www.ista.pt/1/upload/ista\\_11\\_2001.pdf](http://www.ista.pt/1/upload/ista_11_2001.pdf).

pelo que hoje, «não podemos deixar de reconhecer que *uma verdadeira abordagem ecológica se torna sempre uma abordagem social*, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*» (LS 49).

Esta correlação é o cerne do capítulo seguinte onde abordaremos, de modo mais aprofundado, a ecologia integral, à luz da Carta Encíclica *Laudato Si'*, e a dignidade humana plasmada nas narrativas da criação do Livro do Génesis.

## CAPÍTULO 2 – ECOLOGIA INTEGRAL E DIGNIDADE HUMANA

O ponto de partida para abordarmos o tema da ecologia integral e da dignidade humana passa pelo reconhecimento e, até (dizei), pela interiorização da máxima que «tudo está estreitamente interligado no mundo» (LS 16) o que acarreta consequências na forma como nos posicionamos face aos outros, e às suas necessidades, bem como à própria natureza. O respeito pela natureza, através da sua conservação e preservação na exploração consciente e responsável dos seus recursos e no cuidado com todos os demais seres, traduz-se no respeito pela criação e, de igual forma, pela dignidade da pessoa humana, pela dignidade do outro que mais não é do que um outro "eu". O reconhecimento de que a Terra é a nossa Casa Comum é reconhecer que tudo o que existe estabelece entre si uma relação, e, no que diz respeito ao ser humano, é reconhecer que todas as pessoas têm uma origem comum, que se traduz também na igualdade de direitos (e deveres) e, como tal, no reconhecimento da mesma dignidade enquanto pessoa humana. Neste sentido, «a ecologia de que fala o Papa é *ecologia integral*, com implicações humanas, éticas e sociais: é um convite ardente ao coração e a melhorar as relações humanas entre si e as relações humanas com o mundo, sem descurar a relação com Deus»<sup>62</sup>.

Quando se fala em dignidade (*dignitas*, virtude, consideração) da vida humana, de imediato, somos remetidos para o núcleo central dos direitos fundamentais do ser humano alicerçado no valor da vida e no respeito por cada pessoa. Tal está estatuído no preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com o «reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis» e igualmente consagrado no seu Artigo 1.º: «Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade»<sup>63</sup>. Também a Constituição da República Portuguesa consagra o valor intrínseco da (dignidade da) vida humana<sup>64</sup>.

A dignidade da pessoa humana é, assim, uma característica inerente ao ser humano, apresentando-se como o valor basilar (eticamente considerado) da civilização moderna,

---

<sup>62</sup> Armindo Vaz, "Ecologia integral a partir de Gn 1", *Theologica*, vol. 51, fascículo 1 (2016): 61.

<sup>63</sup> Organização das Nações Unidas, "Declaração Universal dos Direitos Humanos", acedido a 08 de junho de 2019, <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

<sup>64</sup> A título exemplificativo, refere-se o artigo 24.º n.º 1: «A vida humana é inviolável».

ou seja, pelo facto de ser pessoa merece todo o respeito, apresentando-se, por isso, como valor ético supremo e, enquanto tal, uma das preocupações da sociedade moderna<sup>65</sup>.

Influenciando a conceção laica da dignidade humana na sua inalienabilidade, a perspetiva judaico-cristã compreende o valor da vida e da dignidade humana como dom gratuito de Deus<sup>66</sup> que é preciso respeitar e preservar. Como consagrado no Catecismo da Igreja Católica, «*a vida humana é sagrada* porque, desde a sua origem, postula a acção criadora de Deus e mantém-se para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é senhor da vida» (CIC § 2258). Cada pessoa é presença de Deus, pois o ser humano foi criado por Deus, criado "à sua imagem e semelhança"; o ser humano tem, por isso, um estatuto e dignidade diferentes das demais criaturas, apresentando-se como a obra-prima da Criação: «*O homem é o ponto culminante da obra da criação. A narrativa inspirada exprime essa realidade, fazendo nítida distinção entre a criação do homem e a das outras criaturas*» (CIC § 343).

Deste modo, abordaremos, de seguida, num primeiro ponto, a perspetiva cristã da dignidade humana ancorada nas narrativas da criação do Livro de Génesis, para, num segundo ponto, abordarmos a ecologia integral na Carta Encíclica *Laudato Si'*.

## **1. A dignidade humana nos relatos da Criação**

O projeto de amor e de felicidade de Deus para a pessoa humana foi percebido pelos autores do Livro do Génesis refletindo a bondade de Deus nos seus relatos da Criação (Deus viu que era bom! Deus considerou-a muito boa!). A relação que Deus estabelece com o ser humano é resultado do seu pensamento, do seu amor criando tudo o que existe para, no culminar do seu processo criador, "fazer" o homem à sua imagem e semelhança, i.e., capacitá-lo para o amor e para a felicidade, pois «Deus chama-nos à sua própria felicidade» (CIC § 1719) resultando daqui a dignidade da pessoa humana.

---

<sup>65</sup> Veja-se também a título de exemplo a *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia*, adotada em 2000, cujo espírito está imbuído do reconhecimento e respeito pela vida e da dignidade humana enquanto património ético europeu (<http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/index.html>).

<sup>66</sup> Cf. Papa Francisco, "Discurso ao Parlamento Europeu proferido em 25/11/2014", acedido a 03 de abril de 2019, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html): «Afirmar a dignidade da pessoa significa reconhecer a preciosidade da vida humana, que nos é dada gratuitamente».

Embora à primeira vista - fruto das leituras literalistas - as narrativas da Criação aparentem uma relação contraditória e incompatível, a sua leitura e interpretação responsável permite-nos compreender que a dualidade literária advém da interpretação da experiência humana pelos seus autores reconhecendo, na realidade que os circunda, a presença, a bondade e o amor de Deus, Nele encontrando o verdadeiro sentido e fundamento da vida humana e do mundo, e onde esse amor assume um carácter exponencial com a criação do ser humano. Ambas as narrativas se complementam e delas é perceptível que «a pessoa humana é a "única criatura sobre a terra querida por Deus por si mesma"» (CIC § 1703). É, pois, nestas narrativas da Criação que se fundamenta a génese da dignidade humana.

Considerando que a Bíblia «narra a história humana enquanto lugar de revelação de Deus [...] mérito de alguns *carismáticos*, que, com fina sensibilidade para o transcendente através de contacto com o divino, souberam "ver" e fazer "ver" pela fé a intervenção do seu Deus na história»<sup>67</sup>, importa compreender que os autores das narrativas da criação «exprimiram-se habitualmente na linguagem corrente do seu tempo: eles utilizam os materiais e os modos de expressão comuns entre outros povos»<sup>68</sup>.

A fé no mistério da Criação é uma experiência pessoal crente alicerçada e compreendida na universalidade da gratuidade de Deus que está para além da visibilidade e da racionalidade humanas, pelo que os autores das narrativas da criação dão-lhe "vida" no género literário adotado, que é o mito, e em concreto mito de origem ou mito de criação.

A "história das origens" é o reconhecimento da bondade de Deus para com a Humanidade, não é argumentação histórico-científica; é por isso que

as dificuldades em entender as narrativas bíblicas da criação da terra [...] têm diversas causas, a principal das quais encontra-se na chave de leitura adotada, que é literalista e historicista e entende tais narrações como se estivessem situadas em tempo histórico e descrevessem, como numa acta, algo objetivamente acontecido nos princípios do mundo<sup>69</sup>.

---

<sup>67</sup> Armindo Vaz, *Palavra viva, escritura poderosa: a Bíblia e as suas linguagens* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013), 27-29.

<sup>68</sup> Pierre Grelot, *Homem, quem és tu? As origens do homem. Os onze primeiros capítulos do Génesis* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1980), 8.

<sup>69</sup> Armindo Vaz, "Origem da terra segundo a Bíblia - Mito e fé", *Bíblica*, 50, 290 (2004): 36.

Assim, abordar-se-á, de seguida, o género literário que está presente nos relatos da criação e posteriormente a dignidade humana nas narrativas do Génesis 1 e 2.

### 1.1. O género literário nas narrativas da criação

A leitura e interpretação das narrativas da criação presentes no Livro do Génesis não pode ser realizada de forma leviana sob pena de se fazer uma leitura oca de sentido e irresponsável que, através de argumentos incorretos, deturpados, incoerentes e falsos, conduziu a leituras historicistas, como sucedeu durante largos séculos<sup>70</sup>, fundamentando o criacionismo que encontrou raiz nessas hermenêuticas historicistas, ou ainda quando, em resultado de leituras "concordistas", o evolucionismo tornava insustentável a leitura historicista da criação, ao tentar conciliar com elas dados provindos da ciência, colocando em causa a resposta às questões do ser humano. Neste sentido, refere Armindo Vaz que:

a interpretação das narrativas de criação em Gn 1-11 evoluiu muito desde fins do séc. XIX. Da sua *fácil* leitura como fonte do humano saber sobre o começo do mundo e da humanidade, aceitando a narração como factual, passou-se pela *difícil* leitura concordista que até meados do séc. XX procurava conciliar as conclusões das ciências com a narrativa de Gn 1-11, até à atual *fácil* leitura iluminada pelo contexto cultural, literário e religioso, oferecido pelas literaturas paralelas do «mundo da Bíblia»<sup>71</sup>.

É, por isso, imprescindível, para uma correta e verdadeira exegese, ler os textos bíblicos da criação tendo em consideração o respetivo género literário e o contexto cultural, histórico, literário e religioso em que os mesmos foram redigidos, ainda mais quando no Livro do Génesis encontramos dois relatos da criação que, literalmente, diferem consideravelmente entre si na forma e na ordem como os seres são chamados à existência<sup>72</sup>, o que uma leitura "despreparada" pode apenas descobrir contradições e levar a conclusões erróneas no que diz respeito à imagem de Deus Criador e ao que

<sup>70</sup> Tal devia-se ao facto destas narrativas serem a única chave do saber humano sobre a origem de tudo em razão da inexistência de dados científicos e de instrumentos hermenêuticos que permitissem a sua correta interpretação.

<sup>71</sup> Armindo Vaz, "Criação: o presente iluminado pelas origens", *Didaskalia*, 45, n.º 1 (2015): 226-227; no mesmo sentido, Armindo Vaz, "Narrativa da Criação: Mito e contemplação", *Humanística e Teologia*, 33, n.º 2 (2012): 157-158: «Até meados do século XX ainda se aceitava como verídica e fundamentada em cálculos matemáticos - somando cifras fornecidas pelas genealogias - uma idade precisa da criação do mundo e da humanidade e a data do dilúvio. Esta leitura literalista e historicista fertilizará no século XX o crescimento do criacionismo [...]. Na realidade, está superada pelo progresso das ciências naturais e históricas, que também enterrou o chamado "concordismo" (por pretender harmonizar as afirmações da Bíblia com as conclusões da ciência).»; ou Armindo Vaz, *Palavra viva, escritura poderosa*, 57-62.

significa "dominar a terra". Somente considerando o género literário e o contexto em que os mesmos foram redigidos é possível compreender correta e verdadeiramente os relatos bíblicos da criação e deles retirar sentido para as questões fundamentais que assolam o ser humano.

Assim, os relatos bíblicos da criação surgem como "mitos de origem" dado que os seus autores foram influenciados pelo contexto cultural, literário, histórico e religioso em que viviam - antigo Próximo Oriente - onde os mitos mesopotâmicos, em particular, imprimem a sua similitude às narrativas da criação do Génesis. Ou seja, as narrativas das origens do antigo Próximo Oriente são conhecidas como "mitos de origem" encontrando-se pontos de contacto entre essas narrativas e o texto bíblico uma vez que:

entre esse grande acervo de textos extrabíblicos mesopotâmicos recentemente descobertos estão os chamados *mitos de origem*. E os estreitos pontos de contacto entre eles e as narrações de Génesis 1-11 são inumeráveis. É para o mundo mesopotâmico que apontam inequivocamente os materiais que as integram [...]. Os paralelos literários e temáticos são tantos que podemos avançar esta conclusão: as narrações bíblicas foram influenciadas por eles, sem ser importante precisar se essa influência foi directa e a partir de escritos ou só indirecta<sup>73</sup>.

Há, pois, uma dependência do texto bíblico face aos textos extrabíblicos (mais antigos) uma vez que o narrador bíblico conhecia esses textos dado que teve contacto com eles; assim, ao escrever, ele foi influenciado pela intertextualidade, foi influenciado por aqueles mitos de origem pois «o que ele fez foi usar para a sua narração original vários motivos temáticos que ele encontrava na sua tradição cultural e que circulavam no seu meio»<sup>74</sup>. Porém, há, sem dúvida, uma grande diferença entre o mito de origem que informa os relatos bíblicos e os mitos extrabíblicos: a atribuição da criação ao Deus único e onipotente da religião monoteísta<sup>75</sup>.

Na realidade, não interessa que o narrador tenha sido influenciado por estes textos mas sim o contexto e o que pretendia dizer: significar a passagem da inexistência para a existência, isto é, sublimar o "momento" inaugural que servia ao narrador para marcar o

---

<sup>72</sup> Cf. Armindo Vaz, "Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si'*", acessado a 13 de outubro de 2018, <http://casacomum.pt/wp-content/uploads/2018/03/EcologiaBiblia-Macau-pArmVaz.pdf>.

<sup>73</sup> Armindo Vaz, "No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação", *Didaskalia*, 37, n.º 1 (2007): 46-47.

<sup>74</sup> Armindo Vaz, "As narrativas bíblicas da criação", *Memória*, ano 4, vol. 4 (1997): 131.

<sup>75</sup> Cf. Vaz, "Criação: o presente iluminado pelas origens", 229.

tempo meta-histórico para dar sentido ao seu tempo histórico. O mitógrafo, recorrendo ao «*mito de origem* relata as origens do mundo, de aspetos essenciais, problemas ou factos da existência humana. Põe a sua fundação num tempo antes da história com o intuito de a integrar na totalidade da vida.»<sup>76</sup>. O mitógrafo, para compreender o começo da existência de todas as coisas e o seu tempo, ele interpretava, nas origens, o mundo que conhecia trazendo para o presente o sentido que encontra nas origens, tempo este que é o tempo de Deus. Deste modo, as narrativas da criação, ao procurarem justificar o presente remontando ao tempo original, são relatos etiológicos pois visavam "explicar", compreender a complexidade da realidade existente atribuindo significado ao universo e à vida humana, e, por essa razão, também não são relatos históricos a não ser na medida em que são uma reflexão teológica sobre os acontecimentos e experiências humanas, isto é, «"são 'história verdadeira' porque as realidades cuja existência querem sublimar são as verdadeiras coisas da vida: o mundo e a humanidade"»<sup>77</sup>.

O mito de origem dá, então, sentido a uma realidade de início: é uma história imaginada com o intuito de significar, de atribuir sentido a determinada realidade da existência humana, onde a origem absoluta está no ato criador de Deus. O mitógrafo vê e mostra todas as coisas à luz de Deus, e vê Deus a intervir em todas as coisas; ele capta Deus em todas as coisas e vê todas as coisas na dependência de Deus. Deus é o sentido da vida e de todas as coisas. Por isso, todo o mito é uma concepção religiosa, é «*um autêntico ato de fé: o mitógrafo - sem dúvida o mitógrafo bíblico, verdadeiro contemplativo -, vê Deus em todas as coisas e apreende todas as coisas à luz de Deus. Para enchê-las de sentido último, atribui-as a um ato criador de Deus nas origens*»<sup>78</sup>.

É o resultado literário de uma atividade contemplativa face à vida humana por parte do mitógrafo; ensina o leitor a ser contemplativo pelo que este tem que procurar o sentido no texto não se ficando, apenas e tão só, pela "história" apresentando-se como «um convite a contemplar nele uma abertura ao transcendente»<sup>79</sup>. O propósito do texto é que o leitor intente ver tudo em ligação com Deus, como sentido único da existência humana, sentido verdadeiro e transcendente de todas as coisas; o ato criador é atribuído

---

<sup>76</sup> Vaz, 230.

<sup>77</sup> Armindo Vaz, "Espiritualidade da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si'*", 4; Cf. *O sentido último da vida projetado nas origens. Em vez de «a história de Adão e Eva»* (Marco de Canavezes: Edições Carmelo, 2011), 361-362.

<sup>78</sup> Vaz, "*Criação: o presente iluminado pelas origens*", 230; este autor fundamenta-se na obra de Jean Bottéro.

<sup>79</sup> Vaz, "Narrativa da Criação: Mito e contemplação", 172.

a Deus, sem o qual as coisas e o ser humano não existiriam. Deste modo, «os escritores inspirados oferecem-nos uma chave de leitura para decifrar a história humana, para interpretar correctamente [...] remontando-se às origens do tempo até ao íntimo do ser. Decifram a existência do homem captando-a no seu próprio princípio»<sup>80</sup>.

Para tal, o mitógrafo recorre à linguagem figurativa, imagética, à linguagem simbólica apontando para um sentido que ultrapassa o que o texto diz, que vai para lá do que a letra diz, com uma «*significação* simbólica, antropológica e religiosa, *escondida debaixo* do significado corrente das palavras»<sup>81</sup> razão pela qual não pode ser interpretada literalmente. A este propósito, diz-nos a Constituição dogmática *Dei Verbum* que é necessário que «o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de facto exprimiu servindo-se os géneros literários então usados» (DV 12).

O mito, enquanto veículo para transmitir verdade religiosa e antropológica das realidades humanas, tem uma abordagem diferente da das ciências, que apresenta um discurso de cariz lógico e analítico<sup>82</sup>; o mito não explica as coisas numa perspetiva científica mas visa atribuir sentido às realidades humanas razão pela qual a linguagem simbólica do mito comunica, através do desenrolar de imagens cadenciadas, uma mensagem de fé, de contemplação do seu autor, e «interpreta-as, joga com elas até exprimirem o que ele aprendeu na contemplação silenciosa»<sup>83</sup>. Neste sentido, «só se é fiel à intencionalidade dos textos bíblicos na medida em que se procura reencontrar no coração da sua formulação a realidade de fé que eles exprimem, e se esta se liga à experiência dos fiéis do nosso mundo» (VD 37).

As narrativas da criação, enquanto mito de origem, contam as origens do mundo e da humanidade recorrendo a uma "história" que entrelaça o divino com o natural e onde se sugere que a vida humana é preciosa<sup>84</sup> pelo que os seus autores «*recitando* a vida junto de Deus e à luz de Deus, pondo a sua origem num seu ato criador, dá-lhe valor, potencia-a, sublima-a e dignifica-a ao máximo»<sup>85</sup>.

---

<sup>80</sup> Grelot, "Homem, quem és tu? As origens do homem", 16-17.

<sup>81</sup> Vaz, "Ecologia integral a partir de Gn 1", 56.

<sup>82</sup> Cf. Vaz, *O sentido último da vida projetado nas origens. Em vez de «a história de Adão e Eva»*, 362.

<sup>83</sup> Vaz, "Criação: o presente iluminado pelas origens", 162.

<sup>84</sup> Cf. Vaz, "Narrativa da Criação: Mito e contemplação", 164.

<sup>85</sup> Vaz, 165.

Analisemos, então, a dignidade humana nas narrativas da criação presentes em Génesis 1 e 2.

## 1.2. A dignidade humana em Gn 1

Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.» (Gn 1, 26-28.31)

Como se referiu no ponto anterior, Gn 1 é um mito de origem ou mito de criação redigido no seio da fé monoteísta e influenciado pelo contexto cultural, histórico, literário e religioso conhecido pelo seu autor de onde é possível vislumbrar as semelhanças com os mitos de origem mesopotâmicos na sua finalidade, organização e narrativa lógica.

Esta narrativa, da escola sacerdotal, é, essencialmente, teológica: "explica" as origens (do universo e do ser humano) à luz de Deus, ou seja, o seu autor, fruto de uma atitude contemplativa, encontra Deus em tudo e vê tudo à luz de Deus<sup>86</sup>. Não deixa, no entanto, de ter um cunho marcadamente antropológico ao orientar-se para a obra prima de Deus: o ser humano.

Neste relato da Criação, o autor deixa bem patente que a criação consubstancia um ato de amor de Deus, é «uma iniciativa gratuita e amorosa de Deus, que não responde a nenhum tipo de necessidade, imposição ou problema para criar tudo quanto existe, mas cria unicamente por Amor, por Graça, respondendo a um impulso do seu coração sem medida»<sup>87</sup>.

Esta narrativa da criação apresenta uma linguagem simbólica, imagética, realçada por uma estrutura elaborada, simétrica e unitária com um ritmo cadenciado, pautada pela

---

<sup>86</sup> Cf. Vaz, "Ecologia integral a partir de Gn 1", 56: «o mitógrafo bíblico de Gn 1, verdadeiro contemplativo, via Deus em todas as coisas e via as coisas à luz de Deus; partia da convicção inquestionável de que a forma mais nobre de olhar para elas é vê-las em relação com o divino».

<sup>87</sup> Rui Santiago, *Estou em crer. Conversas sobre o Símbolo dos Apóstolos* (Porto: Tipografia Comercial, 1ª edição, 2014), 110.

harmonia que informa toda a narração e que faz transparecer a bondade de Deus, onde tudo é criado segundo um plano<sup>88</sup> e cuja organização faz sobressair:

a interdependência e solidariedade global de todos os elementos da natureza [...]. A linguagem mítica e a estrutura literária da narração, além de justificarem etiologicamente a organização actual dos seres, intentam integrá-los numa totalidade de sentido e num universo de valores. Os seres criados na segunda parte do corpo da narração correspondem simetricamente aos da primeira parte<sup>89</sup>.

Esse plano da criação atinge o ponto alto quando «Deus disse: "Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança"» (Gn 1, 26). Desde logo, é perceptível, na criação do ser humano, que ele é um ser pensado, querido por Deus que, ao contrário do que se verifica ao longo da narrativa, implica:

um plural deliberativo e declarativo. Deliberativo. Dada a importância da obra que está para criar, Deus não se limita a pronunciar uma ordem como tinha sucedido até então, mas dando um toque muito pessoal, Deus como que fala consigo mesmo, deixando ouvir a voz ressoar, não fora dele, mas, segundo o modo de dizer muito bíblico, no seu próprio coração. [...] Declarativo. Mas pode ser também que, com este «façamos», Deus fale não apenas a si mesmo, mas também aos homens para os interpelar e associar como *partners* da obra da criação<sup>90</sup>.

O ser humano foi criado para ser presença viva de Deus e participar da vida divina pelo que encerra em si a capacidade de se relacionar com o seu Criador, e distingue-se dos demais seres criados não porque lhes é superior mas porque é capaz de se compreender em relação também com eles e como elo mediador entre eles e Deus. Ao ser criado "à imagem e semelhança do Criador", ao ser humano é concedida a capacidade de amar, de ser em comunhão e em diálogo, e de se compreender, acima de tudo, na relação com Deus e ser capaz de O manifestar aos outros pelo que:

a forma privilegiada para conhecer Deus é, portanto, o homem, visto que ele é a sua representação mais semelhante. Situado no vértice de tudo o que foi criado e no momento

---

<sup>88</sup> Cf. António Augusto Tavares, "A Criação do homem nos mitos de origem", *Didaskalia*, 8 (1978): 51 «Trata-se de um verdadeiro poema da Criação que pretende dar uma classificação lógica dos seres, que são criados de acordo com um plano bem estabelecido».

<sup>89</sup> Vaz, "Ecologia integral a partir de Gn 1", 57-58.

<sup>90</sup> António Couto, *Pentateuco. Caminho de vida agraciada* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003), 221-222.

culminante do ato criativo, o homem aparece como a obra-prima de Deus: ele não é simplesmente uma "coisa boa" como as outras criaturas, mas "uma coisa muito boa"<sup>91</sup>.

O ser humano não é apenas uma (entre muitas) coisa<sup>92</sup>; ele é o mais íntimo de Deus, é aquele que se dá em comunhão, é ser relacional com Deus a quem dá resposta face à Sua revelação de amor<sup>93</sup>, ele é o representante de Deus na criação. Deste modo, o autor de Gn 1, na sua atitude contemplativa, «toma consciência de si e revê-se a si próprio como feito para Deus, compreendendo-se em Deus e à luz de Deus»<sup>94</sup>.

Como excelsa obra de Deus, criado à sua “imagem e semelhança”, ao ser humano é concedida uma incomensurável dignidade ao tornar-se participante na glória divina. Diz-nos o Santo Padre João Paulo II que:

o homem é chamado à plenitude de vida que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus. A sublimidade desta vocação sobrenatural revela a *grandeza* e o *valor precioso* da vida humana [...] *o valor incomparável de cada pessoa humana* (EV 2).

Ou seja, enquanto dom de Deus «ao homem foi dada *uma dignidade sublime*, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador: no homem, brilha um reflexo da própria realidade de Deus» (EV 34)<sup>95</sup>.

Tendo por fim último a comunhão com Deus Criador, que é o sentido de tudo e de todas as coisas e fonte da dignidade humana, o ser humano, enquanto ser em comunhão, encontra-se, e encontra Deus, também na relação com o seu semelhante, com o outro "eu" querido por Deus à sua “imagem e semelhança”, e, como tal, com a mesma

---

<sup>91</sup> Gianfranco Ravasi, *El Libro del Génesis: 1-11* (Barcelona, Heder, 1992), 50: «La vía privilegiada para conocer a Dios es, por consiguiente, el hombre, por ser su más parecida representación. Situado en el vértice de todo lo creado y en el momento culminante del acto creador, el hombre aparece como la obra maestra de Dios».

<sup>92</sup> Cf. CIC § 357: «por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de *pessoa*: ele não é apenas uma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com o seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar»; Conselho Pontifício "Justiça e Paz", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, "A Pessoa e os seus direitos", § 108, acessado a 15 de maio de 2019, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#\\_ftnref211](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#_ftnref211).

<sup>93</sup> Cf. Comissão Teológica Internacional, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*: «o ser humano existe em relação com outras pessoas, com Deus, com o mundo e consigo mesmo. De acordo com este conceito, o ser humano não é um indivíduo isolado, mas pessoa: um ser essencialmente relacional».

<sup>94</sup> Vaz, "Narrativa da Criação: Mito e contemplação", 167.

<sup>95</sup> ver também GS 19.

natureza e dignidade, que se apresenta como rosto vivo e presente de Deus, pelo que, na relação com o outro, também se efetiva a comunhão com Deus Criador.

Para se compreender, o ser humano precisa do outro semelhante para ser pessoa «pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros» (GS 12); por isso, Deus criou o ser humano como homem e mulher: ambos foram queridos por Deus e refletem a bondade e o amor de Deus<sup>96</sup>. É com o outro "eu" que se realiza a dimensão social, relacional do ser humano a qual reflete a sua relação com Deus:

*o homem e a mulher têm a mesma dignidade e são de igual nível e valor, não só porque ambos, na sua diversidade, são imagem de Deus, mas ainda mais profundamente porque é imagem de Deus o dinamismo de reciprocidade que anima o nós do casal humano. Na relação de comunhão recíproca, homem e mulher realizam-se a si próprios profundamente, redescobrimo-se como pessoas através do dom sincero de si<sup>97</sup>.*

Neste sentido, o homem e a mulher são feitos um para o outro, para a comunhão de pessoas, que se complementam e que, no outro "eu", se compreendem e se descobrem enquanto pessoas, enquanto humanidade, entrando em comunhão, no seu encontro, com Deus<sup>98</sup>.

Essa capacidade de ser ser em comunhão abarca, ainda, outro aspeto: a relação com a natureza, com o mundo criado. Enquanto representante de Deus, porque foi criado à Sua imagem e semelhança, o ser humano é chamado a ser corresponsável pela criação; pelo mandato divino de "dominar" a terra e tudo o que nela existe, o ser humano recebe a sua vocação: cuidar, proteger, zelar, preservar e melhorar tudo quanto existe com a mesma bondade do Criador:

*o homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandato de dominar a terra com tudo o que ela contém e governar o mundo na justiça e na santidade e, reconhecendo Deus como Criador universal, orientar-se a si e ao Universo para Ele; de maneira que, estando todas as coisas sujeitas ao homem, seja glorificado em toda a terra o nome de Deus (GS 34).*

A relação de domínio, na perspetiva do mitógrafo, não se concretiza numa relação de exploração, de submissão ou de subjugação ao ser humano da natureza e dos demais

---

<sup>96</sup> Cf. CIC § 369.

<sup>97</sup> Conselho Pontifício "Justiça e Paz", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, § 111.

<sup>98</sup> Cf. CIC § 372.

seres criados, mas «supõe o dever de olhar para o mundo e de evitar a indiferença para com ele»<sup>99</sup>. Neste sentido, diz-nos António Couto que:

este mandato não constitui o homem em *dono* da criação. Não se trata, na verdade, de um domínio despótico e prepotente. [...] Trata-se, antes, de se tornar servidor e colaborador do Senhor do céu e da terra, isto é, *com-criador* [...] para acolher o mundo como dom e saber dá-lo de novo gratuitamente como Deus<sup>100</sup>.

O ser humano é representante de Deus, verdadeiro dono da criação, que o mandata para "conduzir" o desenvolvimento da criação competindo-lhe cuidar, proteger, melhorar a criação, adotando comportamentos responsáveis para o concretizar.

Deste modo, esta narrativa da criação é uma reflexão sobre a origem e o fim do universo e do ser humano - que é Deus -, mas também é, porque a ela está associada, uma reflexão sobre a forma de "estar em", de viver, de "habitar" a Terra. Considerando que «"o Deus que o homem é chamado a 'representar' não é o Deus do domínio e do poder, mas do amor cuja criação é a doação do mundo à necessidade do homem"»<sup>101</sup>, a relação de *domínio* experienciada pelo ser humano no mundo é uma relação de amor pela natureza e por todos os seres criados, que implica respeitá-los, cuidá-los, protegê-los, preservá-los para viver de forma harmoniosa com tudo e com todos, o que mais não é do que a vocação humana: o ser humano é chamado a ser co-criador, ou seja, a cuidar, a zelar, a proteger, a melhorar o mundo que habita com vista ao bem comum, à felicidade plena que encontra em Deus, seu "princípio" e fim, e no encontro com os outros e com a própria natureza. E isto em forma de dom: a vida, a vida para si e para os outros na sua entrega, disponibilidade e cuidado.

Por ser imagem e semelhança de Deus, o ser humano é sujeito de uma dignidade extraordinária, tornando-o representante de Deus no mundo, para quem está orientado numa comunhão recíproca pela capacidade de com Ele se comunicar, na qualidade de elo majestoso entre as demais criaturas e o Criador (ele é a única mediação para Deus) e no encontro com o outro "eu" com quem se constrói pessoa numa dialética de doação plena, bem como na vivência da vocação a que é instado uma vez que «o homem deixa de ser um mero destinatário da criação [...] para ser constituído em com-criador»<sup>102</sup>; ele é chamado a atuar no mundo competindo-lhe, por isso, proceder com respeito e zelo

---

<sup>99</sup> Vaz, "Ecologia integral a partir de Gn 1", 60.

<sup>100</sup> Couto, *Pentateuco. Caminho de vida agraciada*, 222-223.

<sup>101</sup> Couto, 224.

<sup>102</sup> Couto, 226.

perante tudo o que foi criado preservando o amor e a bondade da criação. Assim, «o ser humano compreende-se em Deus, tomando mais consciência de si próprio e do mundo em que vive, apesar de ser só um pequenino ponto da imensidão do universo»<sup>103</sup>.

### 1.3. A dignidade humana em Gn 2

Quando o SENHOR Deus fez a Terra e os céus, e ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o SENHOR Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para a cultivar, e da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície, então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo. Depois, o SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que tinha formado. O SENHOR Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.» Então, o SENHOR Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o SENHOR Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!» (Gn 2, 4b-8,18.21-23)

À semelhança do que se referiu em relação a Gn 1, também o relato da criação plasmado em Gn 2 consubstancia um mito de origem ou mito de criação, redigido sob a influência do contexto cultural, histórico, literário e religioso em que o seu autor viveu, e no qual está plasmada a fé monoteísta no Deus Criador. Nele se vislumbra a pretensão do autor em dar sentido às realidades fundantes da vida e da existência humanas contemplando tudo à luz de Deus e em Deus, recorrendo, para tal, à linguagem simbólica intensamente de índole mais antropomórfica do que a narrativa presente em Gn 1, não deixando, porém, de, como religioso que é este género literário, apresentar grande sentido teológico.

Cronologicamente anterior a Gn 1, o mito da criação presente em Gn 2, de tradição javista<sup>104</sup>, deixa, desde logo e face àquele outro relato da criação, transparecer uma construção marcadamente antropocêntrica: Deus cria, no primeiro momento, a sua obra esplendorosa que é o ser humano.

---

<sup>103</sup> Vaz, "Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si'*", 5.

<sup>104</sup> Remonta ao século X a.C. enquanto a tradição sacerdotal data do séc. VI a.C.

E fá-lo a partir de um elemento natural: o pó da terra. O que significa que, tal como as demais criaturas, há uma ligação à natureza; o ser humano está intrinsecamente ligado à terra, à natureza; todavia, Deus insufla-lhe o sopro de vida pelo que

a vida que Deus dá ao homem é diferente e distinta, se comparada com a de qualquer outra criatura viva, dado que ele, apesar de emparentado com o pó da terra, *é, no mundo, manifestação de Deus, sinal da sua presença, vestígio da sua glória* [...]. A vida que Deus oferece ao homem, é um dom, pelo qual Deus participa algo de Si mesmo à sua criatura (EV 34).

É esse sopro divino que transforma a criatura formada do pó da terra num ser vivente: «é graça ao sopro da vida que Deus lhe insufla que se converte [...] numa pessoa viva capaz de se relacionar com Deus»<sup>105</sup>. É o dom gratuito de Deus que, após o ter moldado do pó da terra, como o oleiro que pensa, que sonha, que quer e cria a sua magnífica obra, infunde no ser humano um traço indelével do seu Criador<sup>106</sup> fazendo-o participante da sua glória, o que o torna portador de uma dignidade diferente que «não está ligada apenas às suas origens, à sua proveniência de Deus, mas também ao seu fim, ao seu destino de comunhão com Deus no conhecimento e no amor d'Ele» (EV 38).

Como refere Gianfranco Ravasi, «a grandeza do homem está em Deus lhe ter insuflado um especial "sopro de vida"»<sup>107</sup>. A narrativa de Gn 2 inicia-se, assim, com o sublimar da existência do ser humano, que é criatura querida, idealizada por Deus, que participa da bondade de Deus, a quem, por isso, é atribuída de uma especial dignidade que torna o ser humano diferente das demais criaturas.

Nele está, assim, plasmada a marca divina, princípio fundante da vida. Por amor, Deus toma nas suas mãos a "modelagem" do ser humano e infunde-lhe o sopro da vida, chamando-o à existência. Deus é o princípio, a origem da vida humana de quem esta depende, razão pela qual, não podendo existir o ser humano sem o seu Criador, aquele encontra em Deus não apenas a sua origem como também o seu fim, a sua meta final para quem tudo converge; Deus é o princípio e o fim da existência humana, e é na compreensão desse dom divino, que é a vida oferecida por vontade e iniciativa amorosa de Deus, que o ser humano se descobre com uma dignidade especial e em comunhão com Deus. Isto é, neste encontro com a sua origem - Deus, o ser humano descobre-se

---

<sup>105</sup> Grelot, "Homem, quem és tu? As origens do homem", 23.

<sup>106</sup> Cf. EV 35.

<sup>107</sup> Ravasi, *El Libro del Génesis*, 66: «La grandeza del hombre radica em que Dios ha insuflado em él un particular "aliento de vida"».

portador de uma dignidade especial, enquanto ser querido e criado por Deus e d'Ele dependente, e, conseqüentemente, compreende-se como pessoa nessa relação de comunhão com o Criador.

Ao "ter" em si a marca do Criador, «na vinda à existência dos seres, aparece como supremo o ser humano. A fé contempla-o ao mais alto nível, à luz de Deus, e exalta-o à máxima dignidade de todos»<sup>108</sup>. Desta forma, ele é o representante de Deus na criação, ele é o intermediário entre as coisas criadas e Deus compreendendo-se como tal na relação com a terra, da qual faz parte, e com Deus, seu "princípio" e fim.

Mas compreende-se e descobre-se a si próprio também na relação com o outro semelhante: Deus cria a mulher porque, sendo o homem um ser relacional, ainda não existia na criação um ser distintivo dos demais animais<sup>109</sup> com quem ele encontrasse semelhança, pelo que com «a aparição da mulher, isto é, de um ser que é carne da sua carne e osso dos seus ossos e no qual vive igualmente o espírito de Deus Criador, pode satisfazer a exigência de diálogo interpessoal, tão vital para a existência humana»<sup>110</sup>.

Deus cria a mulher a partir do homem; ela é, pois, da mesma origem e tem a mesma dignidade uma vez que ambos:

foram *criados*, quer dizer, foram *queridos por Deus*: em perfeita igualdade enquanto pessoas humanas, por um lado; mas, por outro, no seu respectivo ser de homem e de mulher. "Ser homem", "ser mulher" é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher têm uma dignidade inamissível e que lhes vem imediatamente de Deus, seu Criador. O homem e a mulher são, com uma mesma dignidade, "à imagem de Deus". No seu "ser homem" e no seu "ser mulher", reflectem a sabedoria e a bondade do Criador (CIC § 369).

A mulher não é um ser distinto do homem; ela é um ser semelhante ao homem, a quem, por isso, o homem nela se reconhece e reconhece-a como sendo "osso dos seus ossos, carne da sua carne"<sup>111</sup>. Neste encontro com o outro igual, o ser humano "completa-se", encontra o complemento que faltava:

<sup>108</sup> Vaz, "Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si*", 9.

<sup>109</sup> Cf. Vaz, *O sentido último da vida projetado nas origens*, 89-90; Cf. Couto, *Pentateuco: Caminho de vida agraciada*, 240: ao dar o nome aos animais, não encontra semelhança com os mesmos pelo que, não se identificando com os animais, há uma separação da pura animalidade, o que se apresenta como sinal distintivo do ser humano.

<sup>110</sup> Conselho Pontifício "Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, § 110

<sup>111</sup> autores como Tavares ("A criação do homem nos mitos de origem", 53) ou Couto ("*Pentateuco: Caminho de vida agraciada*", 242) concebem esta afirmação como o primeiro canto de amor.

O homem e a mulher são feitos "um para o outro": não é que Deus os tenha feito "a meias" e "incompletos"; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser "ajuda" para o outro, uma vez que são, ao mesmo tempo, iguais enquanto pessoas ("osso dos meus ossos") e complementares enquanto masculino e feminino (CIC § 372).

No entanto, isso não quer significar que o ser humano esteja "finalizado"; como explica Armindo Vaz, «porque cada um se faz *com* o outro, a pessoa [...] nunca está acabada, não está "dada", pode ser sempre mais: a relação pessoal é sempre "véspera de perfeição". Cada um precisa do outro como insubstituível e irrenunciável»<sup>112</sup>. Neste sentido, o ser humano vai-se construindo enquanto pessoa na experiência pessoal alicerçada no "tu", na relação que estabelece com o outro "eu" para ser, sempre e cada vez, mais pelo que, na distinção e complementaridade, projeta-se a sua dupla realidade pessoal do ser humano: o ser em si e ser para o outro<sup>113</sup>.

E nesse encontro com o outro, com a mesma origem e dignidade, verdadeiro ser complementar com quem o ser humano se identifica, se compreende, se *faz* pessoa, está subjacente a descoberta de si também em comunhão com Deus dado que «no outro, homem ou mulher, reflete-Se o próprio Deus, abrigo definitivo e plenamente feliz de toda a pessoa»<sup>114</sup>.

Vendo a presença e o reflexo de Deus em tudo o que foi criado e em todos os seres, humanos ou não, o autor desta narrativa exalta a relação de comunhão do ser humano com Deus também na relação com a natureza, com o mundo criado. E fá-lo, desde logo como já referimos, na ligação estreita e intrínseca do ser humano à terra ao moldá-lo do pó da terra; mas não só. Ao torná-lo vivente pelo "sopro de vida", atribuindo-lhe uma dignidade sublime, Deus torna o ser humano Seu representante na criação ao colocá-lo no jardim no Éden (local que Deus lhe entrega para que nele viva a plena felicidade e, para isso, em comunhão Consigo), com quem o ser humano estabelece uma relação de responsabilidade, pois cabe-lhe, dessa forma, colaborar com Ele no aperfeiçoamento da criação visível<sup>115</sup>. O respeito pela natureza advém da consciência do ser humano ser também ele criatura de Deus em comunhão com Ele pela comunhão com a natureza.

---

<sup>112</sup> Vaz, *O sentido último da vida projetado nas origens*, 95.

<sup>113</sup> Cf. Vaz, *O sentido último da vida projetado nas origens*, 96.

<sup>114</sup> Conselho Pontifício "Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, § 110.

<sup>115</sup> Cf. CIC § 378

Ao ser humano é dada a "missão" de dar nome aos animais, e de cultivar e guardar a terra; esta relação de *domínio* sobre tudo o que foi criado por Deus passa por «reconhecer as coisas por aquilo que são e estabelecer com cada uma delas uma relação de responsabilidade»<sup>116</sup> procedendo, para com elas, com o amor e a bondade de Deus, o que o torna co-criador no mundo:

Segundo o desígnio de Deus, o homem e a mulher são vocacionados para "dominarem a terra" como "administradores" de Deus. Esta soberania não deve ser uma dominação arbitrária e destruidora. A imagem do Criador, "que ama tudo o que existe" (*Sb* 11, 24), o homem e a mulher são chamados a participar na Providência divina em relação às outras criaturas. Daí a sua responsabilidade para com o mundo que Deus lhes confiou (CIC § 373).

Significa que o ser humano, que detém uma dignidade especial, enquanto representante de Deus é Seu colaborador e tem a responsabilidade de preservar o que existe, cuidar de tudo e de todos, proteger e melhorar o que Deus criou, estabelecendo com a criação uma relação de respeito, de amor por tudo o que existe<sup>117</sup>; deste modo, o ser humano, na sua relação com a criação, percebendo-a como dom gratuito e reflexo da bondade e do amor de Deus, descobre-se também em comunhão com Deus, fundamento de tudo.

O autor da narrativa da criação de Gn 2 contempla Deus em tudo quanto existe, e compreende-se à luz de Deus, Senhor da criação, origem e fim para quem a existência humana está orientada. Ao compreender-se na comunhão com Deus, com o outro "eu" e com a natureza, pela proximidade que existe com o Seu Criador uma vez que «a vida do homem provém de Deus, é dom seu, é imagem e figura d'Ele, participação do seu sopro vital» (EV 39), o ser humano, obra magnífica, querida e sonhada por Deus, tem uma especial dignidade pelo que «defender e promover, venerar e amar a vida é tarefa que Deus confia a cada homem, ao chamá-lo enquanto sua imagem viva a participar no domínio que Ele tem sobre o mundo» (EV 42).

---

<sup>116</sup> Conselho Pontifício "Justiça e Paz", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, § 113.

<sup>117</sup> Cf. EV 42: «Chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo (cf. *Gn* 2, 15), o homem detém uma responsabilidade específica sobre o *ambiente de vida*, ou seja, sobre a criação que Deus pôs ao serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida».

#### 1.4. Orientações decorrentes do Evangelho da Criação

Depois da abordagem às narrativas da criação de Gn 1 e Gn 2, torna-se evidente que falar de criação:

tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado (...) a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal (LS 76).

Falar da criação é compreendê-la como «a grande catedral de Deus. É o sacrário de Deus, um santuário natural, onde Deus está verdadeiramente presente»<sup>118</sup>, pelo que não só não é possível deixar de «reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade» (LS 12) como também se reflete na sua obra suprema, o ser humano, fruto do Seu pensamento amoroso a quem oferece, gratuitamente, o dom da vida conferindo-lhe uma dignidade inigualável, a qual:

*é o bem mais precioso* que o homem tem [...]. A dignidade da pessoa aparece em todo o seu fulgor, quando se consideram a sua origem e o seu destino: criado por Deus à Sua imagem e semelhança [...]. Em virtude da sua dignidade pessoal, o ser humano é *sempre um valor em si e por si*, e exige ser considerado e tratado como tal, e nunca ser considerado e tratado como um objecto que se usa, um instrumento, uma coisa (CL 37).

Assim, o respeito e o cuidado pelo outro implica que o ser humano veja o outro como seu semelhante, um outro igual a si, com a mesma dignidade, com o mesmo valor e não como meio para alcançar vantagem ou visto com indiferença, pois isso é negar o sentido da criação, é repudiar a origem da bondade e do amor com que tudo foi criado, razão pela qual o ser humano deve promulgar pelo bem-estar e pela felicidade do seu semelhante o que alcança com o cuidado, a proteção e o desenvolvimento da criação, o que, conseqüentemente, também é zelar, proteger e desenvolver a criação, ao estabelecer com a natureza também uma relação de respeito e cuidado, dado que tudo está interligado, isto é:

no mundo não há nada isolado; todos os seres estão articulados entre si, numa interdependência orgânica. Enquanto a natureza depende significativamente da humanidade para a sua prosperidade, a própria humanidade não pode desenvolver-se de

---

<sup>118</sup> J. Tolentino Mendonça, *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não crentes*, (Prior Velho: Paulinas, 2ª edição, 2011), 88.

forma sustentável independentemente da natureza. E o ponto de união de todos eles é o ser humano que [...] olha responsabilmente para a natureza como parte de si mesmo<sup>119</sup>.

Deste modo, os relatos bíblicos da criação, enquanto construção antropológica que manifesta a centralidade da dignidade humana, revelam que «a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra» (LS 66), que o ser humano deve "alimentar" e desenvolver, com bondade e amor, para viver o projeto de amor e felicidade que Deus "planeou" para si, sendo chamado, assim, à comunhão universal. Por isso, não é de estranhar que "dominar", "cultivar" e "guardar" encerrem em si uma relação de harmonia que o ser humano deve promover com todas as criaturas e com tudo o que foi criado - uma vez que «a relação que o homem tem com Deus é que determina a relação do homem com os seus semelhantes e com o seu ambiente»<sup>120</sup>, - desenvolvendo uma relação de reciprocidade responsável com os outros e com a natureza até porque não é o dono da criação, dado que a terra já existia, foi-lhe dada<sup>121</sup>, pelo que:

a criação não é uma propriedade da qual nos possamos apoderar como nos apraz; e ainda menos será uma propriedade apenas de alguns, poucos: a criação é um dom, é um dom maravilhoso que Deus nos deu, para que nós *cuidemos dela e a utilizemos para proveito de todos, sempre com grande respeito e gratidão* [...] porque, se nós destruirmos a criação, a criação destruir-nos-á!<sup>122</sup>.

No entanto, tal «não significa igualar todos os seres vivos e tirar ao ser humano aquele seu valor peculiar» mas «também não requer uma divinização da terra que nos privaria da nossa vocação de colaboradores com ela» (LS 90).

Como tal, deve o ser humano colaborar e dar continuidade à ação criadora de Deus sem nunca esquecer que:

vivemos na casa comum como uma família humana e na biodiversidade com as outras criaturas de Deus. Como *imago Dei*, imagem de Deus, somos chamados a cuidar e

---

<sup>119</sup> Vaz, "Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si*", 11.

<sup>120</sup> Conselho Pontifício "Justiça e Paz", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, "Proteger o ambiente", § 464.

<sup>121</sup> Cf. LS 67.

<sup>122</sup> Papa Francisco, *A Nossa Mãe Terra. Uma leitura cristã do desafio do ambiente* (Prior Velho: Paulinas, 2020), 32-33; o Papa Francisco concretiza, ainda, esta ideia com o recurso a um ditado espanhol que diz «Deus perdoa sempre, nós, homens, perdoamos algumas vezes, mas a criação nunca perdoa, e se nós não a guardamos, ela destruir-nos-á» .

respeitar todas as criaturas e a nutrir amor e compaixão pelos nossos irmãos e irmãs, especialmente pelos mais fracos, à imitação do amor de Deus por nós<sup>123</sup>.

O ser humano que cuida, protege, conserva, melhora, transforma e sente preocupação com a criação experiencia o ser imagem de Deus e compreende o chamamento divino presente nas palavras "dominar", "cultivar" e "guardar". Mas vai mais além... vive concretamente o respeito por todos os seres, e, como tal, a preocupação, a responsabilidade, o cuidado e a proteção também com os seres humanos pois a benção e o mandato divinos não legitimam quaisquer tipos de exploração prepotente do ser humano face aos recursos naturais, aos outros seres e ao seu semelhante. A vocação de guardar a criação é, como nos diz o Papa Francisco:

pura e simplesmente, humana, diz respeito a todos [...] é ter respeito por cada criatura de Deus e pelo ambiente em que vivemos. É guardar as pessoas, ter solicitude por todos, por cada pessoa, com amor, sobretudo pelas crianças, pelos velhos, por aqueles que são mais frágeis e que muitas vezes se encontram na periferia do nosso coração. [...] No fundo, tudo está confiado à guarda do homem e é uma responsabilidade que nos diz respeito a todos<sup>124</sup>.

Assim, a comunhão universal a que o ser humano é chamado traduzir-se-á na procura e na promoção da justiça, da caridade, da solidariedade e da fraternidade, onde nada nem ninguém fica de fora<sup>125</sup>, e onde «a dádiva da terra com os seus frutos pertence a todo o povo» (LS 71).

A preocupação que o ser humano tem com o meio ambiente está (deverá estar) igualmente unida ao amor pelo outro consubstanciada num compromisso efetivo e contínuo pela promoção do bem comum; só há autêntica e íntima união com os seres da natureza se há, no coração do ser humano, preocupação e compaixão para com seu semelhante<sup>126</sup> visto que «tratar com cuidado a Terra e as coisas predispõe para ser gentil com as pessoas, como o respeito pela vida e pela dignidade humana gera respeito pela

---

<sup>123</sup> Papa Francisco, *Audiência geral por ocasião do 50.º Dia Mundial da Terra*, acessado a 03/08/2020 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco\\_20200422\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200422_udienza-generale.html).

<sup>124</sup> Papa Francisco, *A Nossa Mãe Terra. Uma leitura cristã do desafio do ambiente*, 29-30.

<sup>125</sup> Cf. Papa João Paulo II, *Carta Encíclica Centesimus Annus*, acessado a 20 de agosto de 2020 em [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html), 31: «Deus deu a terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém»; Papa Francisco, *Carta Encíclica Laudato Si'*, 93.

<sup>126</sup> Cf. LS 91.

natureza»<sup>127</sup>, ou seja, «se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude» (LS 11).

Daqui decorre que «Deus dá-nos tudo para recriarmos o mundo infinitamente, a começar por aquele que nos é mais próximo. Deus abre portas novas neste mundo através da nossa colaboração com a sua vontade. [...] Qual é a vontade de Deus? A vontade de Deus é o Amor»<sup>128</sup>, sendo que:

o amor pela vida e o respeito pela pessoa na sua totalidade é o pressuposto para se viver serenamente o ambiente como dom de Deus. [...] Portanto, não nos podemos preocupar apenas com o nosso próprio *eu* [...]; é necessário uma verdadeira educação para a cultura do encontro<sup>129</sup>.

Concluimos, então, que o "Evangelho da Criação" propõe-nos olhar, à luz da fé, com atenção, carinho e ternura para a beleza da criação e:

- contemplar nela, à semelhança dos autores das narrativa da criação do Livro do Génesis, a presença e a bondade de Deus, origem e fim da existência humana e do universo;
- vislumbrar nela o amor de Deus que criou o ser humano à Sua "imagem e semelhança", obra magnífica de Deus, detentor de uma sublime dignidade que o distingue das demais criaturas, chamado a ser o intermediário entre os demais seres e Deus;
- viver a comunhão com Deus, com o próximo (com quem se descobre pessoa), e com a terra da qual faz parte e da qual é guardião e administrador.

Porque «somos chamados a tornar-nos os instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude» (LS 53), ao ser humano é solicitado que cuide da natureza com a mesma bondade do Criador, defenda a dignidade do próximo, com particular ênfase para os mais frágeis, e promova a fraternidade, o bem comum e a justiça como forma de "dominar, cultivar e guardar" a criação.

---

<sup>127</sup> Vaz, "Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si*", 12.

<sup>128</sup> J. Tolentino Mendonça, *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não crentes*, 93.

<sup>129</sup> Bruno Peixoto, "Para uma ecologia do coração. Uma viagem pela *Laudato Si*", *Itinerarium*, ano 62, n.º 214 (2016): 44.

É com esta primícia presente que partimos, no ponto seguinte deste capítulo, para a análise da ecologia integral na *Laudato Si'*, onde, numa perspetiva holística, o cuidado da Casa Comum se pauta nas diferentes dimensões e nas quais o ser humano tem (sempre) um papel preponderante.

## 2. Ecologia Integral na *Laudato Si'*

Falar de ecologia integral na Carta Encíclica *Laudato Si'* é ter consciência que tudo está interligado; a nossa Casa Comum não consiste, apenas e tão só, na natureza, no "meio ambiente", isto é, na ecologia ambiental embora seja

frequente pensar a ecologia referindo-a apenas ao meio ambiente com os diferentes problemas de poluição, escassez de recursos naturais, diminuição da biodiversidade e o perigo de extinção de espécies vegetais e animais, juntando-se a discussão sobre os supostos "direitos dos animais"<sup>130</sup>.

Porém, «tal é francamente pouco e redutor se não for inserido num contexto muito mais vasto e implicativo de todos os factores»<sup>131</sup>. Deste modo, não podemos esquecer que o ser humano também faz parte da Casa Comum e que as suas ações afetam tudo e todos os que o rodeiam, pelo que, conseqüentemente, também ele é afetado pelos problemas de índole ambiental, económica, social e cultural que minam a sua vida e para os quais há que estar atento e procurar encontrar resposta sem que se tenha em consideração qualquer tipo de "requisito" para tal, pois o ser humano tem uma dignidade especial que:

constitui o *fundamento da igualdade de todos os homens entre si*. Daí, a absoluta recusa de todas as mais variadas formas de discriminação que, infelizmente, continuam a dividir e a humilhar a família humana, desde as raciais e económicas às sociais e culturais, das políticas às geográficas, etc. Toda a discriminação é uma injustiça absolutamente intolerável, não tanto pelas tensões e conflitos que pode gerar no tecido social, quanto pela desonra feita à dignidade da pessoa [...]. Fundamento da igualdade de todos os homens entre si, a dignidade pessoal é, ao mesmo tempo, o *fundamento da participação e da solidariedade dos homens entre si*: o diálogo e a comunhão têm a sua raiz última naquilo que os homens "são", antes e mais ainda do que naquilo que eles "têm" (CL 37).

<sup>130</sup> Gabriel José Falcão, "Ecologia integral, Ecologia do homem", *Itinerarium*, ano 62, n.º 214 (2016): 20.

<sup>131</sup> Falcão.

O Santo Padre João Paulo II reforçava, assim, a importância de se respeitar, defender e promover os direitos da pessoa humana. No entanto, e apesar da sua universalidade, a dignidade humana continua a ser continuamente colocada em causa em virtude de um crescente individualismo e indiferença face às necessidades do outro uma vez que:

o nosso tempo valoriza a cultura do aparecer, do parecer, do ter, do ser reconhecido, do ser belo, saudável, famoso, celebridade. A excessiva valorização do Eu abre a porta a individualismos desenfreados em que a única medida de tudo e de todos é o meu EU, o meu bem-estar, a minha realização, acima de tudo, acima de todos, custe o que custar<sup>132</sup>.

Deste modo, a indiferença generalizada «é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil.» (LS 25). Mais, o descaso pelas necessidades dos mais frágeis traduzida na exploração desregrada e pífida da natureza, e da pessoa humana, consubstancia um atentado não só à Terra como à vida e à dignidade de cada ser humano.

Assim, porque tudo está interligado e reconhecendo-se a ação humana como origem da crise ecológica, é imprescindível reconhecer que uma decisão que se tome, por exemplo de cariz económico, terá repercussões não só no ambiente como também nas dimensões cultural e social do ser humano, em particular na vida quotidiana dos mais frágeis pelo que «não se pode mais pensar que um ato não tenha consequências maiores do que aquelas que imediatamente se percebem. Um estilo de vida de um determinado indivíduo ou nação influi no estilo de vida de outros indivíduos e de outras nações»<sup>133</sup>.

Cuidar e proteger a natureza, a terra, é cuidar e proteger a vida humana, é assumir efetivamente o respeito pelo outro, pela dignidade do outro, pelo bem-estar do outro o que se torna, consequentemente, o bem de todos. Neste sentido,

a Ecologia integral recorda o elemento humano e o elemento não humano que se implicam numa estreita relação. O sistema humano não é indiferente ao sistema ambiental, e vive-versa, pois ambos mutuamente se implicam e condicionam: cuidar de um é proteger o outro<sup>134</sup>.

Todavia, vivemos numa sociedade que foi perdendo gradualmente os valores, onde o individualismo, o egoísmo e a indiferença face ao outro ganham terreno, esquecendo a igualdade entre os homens, a dignidade e o valor da vida de cada pessoa, o que resulta,

---

<sup>132</sup> Isabel Varanda, “Direitos Humanos e Evangelização”, *Memória*, ano 12, vol. 12 (2005): 220.

<sup>133</sup> Falcão, "Ecologia integral, Ecologia do homem", 21.

<sup>134</sup> Falcão, 20.

em grande parte, das transformações que ao longo dos tempos se têm vindo a verificar, nomeadamente com a inovação e o desenvolvimento tecnológico, e com a globalização que tem provocado mudanças ao nível económico, social, cultural e religioso, e, simultaneamente, na natureza, onde a ação humana continua a provocar a sua deterioração, com cada vez maior gravidade, o que se reflete na vida das pessoas, com maior incidência na esfera pessoal dos mais pobres, de onde se conclui que:

o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De facto, a deterioração do meio ambiente e da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do Planeta (LS 48),

pelo que «não podemos deixar de reconhecer que *uma verdadeira abordagem ecológica se torna sempre uma abordagem social*, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*» (LS 49).

Hoje tem-se a certeza que «a qualidade da vida das pessoas depende da qualidade do ambiente. A ecologia é do planeta mas também do humano, irremediavelmente ligado à casa comum. Inspira-o a zelar por ela»<sup>135</sup>. Ora, esta interdependência leva-nos a ter uma visão holística na abordagem dos atuais problemas da humanidade (como a existência de desigualdades, a injustiça, a indiferença, o egoísmo, a falta de solidariedade), cujo ponto fulcral é a dignidade da pessoa humana indo, assim, para além da ecologia ambiental, mas sem, no entanto, deixar de considerar o valor intrínseco e o respeito por tudo o que foi criado.

Por isso, ao contrário do que inicialmente foi designada, a *Laudato Si'* não é uma encíclica "verde" mas uma encíclica social, «é um manifesto de "vida boa" para todas as criaturas. É um manifesto de não resignação e de não passividade. É um manifesto de responsabilidade»<sup>136</sup> pois adota essa perspetiva abrangente, sistémica e integral abordando «de forma articulada e sempre interdependente o ambiente com o social, com o mental, com o cultural, com o quotidiano e com o espiritual»<sup>137</sup>.

Ao versar sobre o cuidado da casa comum partindo da (dignidade da) pessoa humana e da sua relação com a criação, a *Laudato Si'* tem um pendor antropológico que apela a

<sup>135</sup> Vaz, "Ecologia integral a partir de Gn 1", 63.

<sup>136</sup> Isabel Varanda, "*Laudato Si*. «Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS §67)", *Semanário Ecclesia*, 1485 (2015): 40.

<sup>137</sup> Leonardo Boff, "O desafio ecológico à luz da *Laudato Si'* e da COP 21 de Paris", *Revista Eclesiástica Brasileira*, 76, 301 (2016): 29.

um novo humanismo que elimine o antropocentrismo exacerbado que, hoje, instrumentaliza e degrada tudo o que está à volta do ser humano, pelo que «não se pode prescindir da humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia» (LS 118), ou seja, «o futuro do ser humano e do planeta em que habita, com a sua diversidade de ecossistemas e de culturas, passará pela prática de uma antropologia relacional (integral) que tenha em conta a reciprocidade entre todos os seres vivos»<sup>138</sup>.

Como tal, o Papa Francisco chama a atenção para a necessidade das pessoas se unirem em prol da defesa e do cuidado com a Casa Comum no intuito de promover verdadeiras mudanças que respeitem a natureza e a dignidade humana, apelando a uma colaboração concertada e à cultura do encontro pela vivência efetiva da solidariedade, da fraternidade e da justiça, dado que existe uma única e complexa crise socioambiental que exige uma abordagem integral, isto é, que não se fique pela ecologia ambiental mas que também inclua as dimensões humana e social<sup>139</sup>; torna-se, pois, premente um diálogo sério, responsável e abrangente «com todos os cidadãos do mundo, para lá das religiões, das geografias, das políticas e das culturas»<sup>140</sup> para encontrar soluções responsáveis, concretas e efetivas para o desenvolvimento sustentável da nossa casa comum, o que é possível dado que «a humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum» (LS 13).

Com a encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco «assume um novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, influenciando-se umas às outras»<sup>141</sup> sendo a novidade a proposta de «uma ecologia que, nas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia» (LS 15).

Atendamos, de seguida e sem perder do horizonte a máxima que tudo está interligado, às diferentes dimensões da ecologia integral explanadas na *Laudato Si'*: a ecologia ambiental, económica, social, cultural, da vida quotidiana que se encontram em estreita relação umas com as outras e, conseqüentemente, com o princípio do bem comum e com a justiça intergeracional.

---

<sup>138</sup> Martins, "Para uma ecologia integral - acentuações de *Laudato Si'*", 177.

<sup>139</sup> Cf. LS 139 e 137.

<sup>140</sup> Varanda, "*Laudato Si'*. «Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS §67)", 37.

<sup>141</sup> Leonordo Boff, "Ecologia Integral. A grande novidade da *Laudato Si'*", acedido a 09/06/2019 em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543662-ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-qnem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-especial-com-leonardo-boff>.

## 2.1. Ecologia ambiental, económica e social

Entendendo-se o meio ambiente como «a relação entre a natureza e a sociedade que o habita» (LS 139), o que o torna património coletivo da responsabilidade de todo o ser humano, compreende-se que com ele estejam intimamente relacionadas as realidades económica e social dado que a questão ambiental está intimamente ligada aos contextos humanos uma vez que o Homem está integrado, faz parte da natureza; não se pode compactar estas diferentes dimensões pela relação de interdependência que existe entre elas, razão pela qual a abordagem aos problemas de cariz ambiental, económico e social e a correspondente procura de soluções terá de ser global com vista a não só cuidar da natureza mas também, e acima de tudo, devolver a dignidade aos mais pobres. Neste sentido, a procura de soluções deve, tem de contemplar a justiça social centrada na opção pelos pobres pois:

o problema ambiental não pode ser separado da situação de pobreza em que vivem tantos dos nossos contemporâneos. Ambas as realidades estão tragicamente relacionadas, donde não será possível a solução dos desequilíbrios ecológicos se não se enfrentarem diretamente as formas de pobreza existentes no nosso planeta<sup>142</sup>.

Assim, «visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros» (LS 42) para cuidar e proteger uma casa que nos foi dada, como dom, antes da nossa existência; esse reconhecimento deve nortear a utilização, por parte do ser humano, dos recursos naturais que tem de ser feita na medida das suas necessidades e com parcimónia, não só porque cada coisa possui um valor em si mesmo, independente do seu uso, como também para assegurar a sua, e conseqüentemente, a nossa existência: «na natureza, o crente reconhece o resultado maravilhoso da intervenção criadora de Deus, de que o homem se pode responsabilmente servir para satisfazer as suas legítimas exigências [...] no respeito dos equilíbrios intrínsecos da própria criação» (CV 48).

O progresso e o desenvolvimento tecnológico não são colocados em causa, até porque:

a tecnologia não é um mal em si. Pelo contrário, ela é fruto da criatividade e inventividade humana a serviço de nosso bem estar, e não há como não louvar, diz o

---

<sup>142</sup> Falcão, "Ecologia integral, Ecologia do homem", 18.

Papa, o progresso no campo da medicina, comunicações, engenharias etc [...]. Quando bem orientada, a tecnologia pode produzir coisas maravilhosas a serviço de todos<sup>143</sup>.

Todavia, o Papa Francisco alerta para o paradigma tecnocrático e para o antropocentrismo desordenado que se interligam gerando desigualdades e injustiça sociais e contribuindo para a degradação ambiental. Deste modo, importa ter em consideração que «a dignidade da pessoa, valor inalienável da vida humana, não pode ser esquecida aquando da evolução tecnológica, com tudo o que essa evolução possa ter de bom»<sup>144</sup>.

Hoje, não é de todo viável considerar o processo de desenvolvimento e crescimento económico isoladamente sem atender às vertentes social e ambiental, caso contrário «um desenvolvimento tecnológico e económico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não se pode considerar progresso» (LS 194) razão pela qual:

o reconhecimento da dignidade humana, universalmente formulada pela Declaração dos direitos humanos, sem esquecer os próprios deveres do homem para consigo mesmo, para com o próprio Deus e para com toda a obra da criação, está na base de um verdadeiro progresso que nunca é algo meramente técnico ou tecnológico, mas integral<sup>145</sup>.

Ou seja, a noção de progresso acarreta um aumento real e efetivo da qualidade de vida humana para todos, em particular para os mais desfavorecidos e pobres da sociedade, pelo que «o respeito pela pessoa humana enquanto tal, nos seus direitos básicos e inalienáveis em ordem ao desenvolvimento integral do homem, é o critério também da ecologia»<sup>146</sup>.

No entanto, assistimos, por um lado, a um crescimento cada vez maior e mais rápido do consumo, marcado pela lógica da compra, do uso e do deitar fora, fomentando a "cultura do descarte", onde ganham protagonismo os que têm maior poder económico-financeiro causando desigualdades sociais que, muitas vezes, desembocam em conflitos e violência. Como refere Jean Baudrillard, vivemos no "tempo dos objetos" o qual reflete a consequente deterioração das relações humanas:

---

<sup>143</sup> Gilmar Zampieri, "Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum - um guia de leitura", *Teocomunicação* 46, n.º 2 (2016): 10, <https://doi.org/10.15448/1980-6736.2016.1>; neste sentido ver também EG 52.

<sup>144</sup> Luís Mota, "Ecologia do ser humano - Laudato Si'", *Itinerarium*, ano 62, 214 (2016): 33.

<sup>145</sup> Falcão, "Ecologia integral, Ecologia do homem", 13-14.

<sup>146</sup> Falcão, 13.

À nossa volta, existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objectos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia humana. Para falar com propriedade, os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas sim por *objectos*. [...] Vivemos o tempo dos *objectos*: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Actualmente, somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as civilizações anteriores eram os objectos, instrumentos ou monumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas<sup>147</sup>.

Por outro, constatamos a maximização do lucro num mercado especulativo que, em nome desse mesmo lucro e na prossecução de interesses económicos, provoca exclusão social e agrava as situações já existentes de precariedade em que «grandes massas da população vêem-se excluídas e marginalizadas [...]». O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois deitar fora» (EG 53), e onde a natureza é assumida como um meio para satisfação dos interesses próprios, dado que «dentro do esquema do ganho não há lugar para pensar nos ritmos da natureza» pois «quando se fala em biodiversidade, no máximo, pensa-se nela como um reservatório de recursos económicos que poderia ser explorado» (LS 190), ignorando-se o valor intrínseco de cada coisa e a própria dignidade humana, o que conduz a uma crise ambiental, social, e, acima de tudo, humana:

Estamos a viver um momento de crise; vemo-lo no meio ambiente, mas principalmente no homem. A pessoa humana está em perigo: isto é certo, hoje a pessoa humana está em perigo, eis a urgência da ecologia humana! E o perigo é grave, porque a causa do problema não é superficial, mas profunda: não é só uma questão de economia, mas de ética e de antropologia. A Igreja ressaltou isto diversas vezes; e muitos dizem: sim, é justo, é verdade... mas o sistema continua como antes, porque o que domina são as dinâmicas da economia e das finanças carentes de ética. O que manda hoje não é o homem, mas o dinheiro, é o dinheiro que manda! E Deus, nosso Pai, confiou a tarefa de conservar a terra não o dinheiro, mas a nós: aos homens e às mulheres; somos nós que temos esta tarefa! No entanto, homens e mulheres são sacrificados aos ídolos do lucro e do consumo: é a "cultura do descarte"<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> Jean Baudrillard, *A Sociedade de Consumo* (Lisboa: Edições 70, 1981), 15-16.

<sup>148</sup> Papa Francisco, "Audiência geral de 05 de junho de 2013", acedido a 03 de agosto de 2020, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2013/documents/papa-francesco\\_20130605\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html).

Tal resulta grandemente do facto da política estar "refém" da economia, que atenta somente para o lucro, fomentando o consumo, originando desigualdades sociais não só pelo facto do poder económico e financeiro estar nas mãos de uma minoria, como também, para maximizar os custos de produção, promove não só a degradação ambiental como gera desemprego e agrava situações de precariedade da maioria, afetando os mais pobres. Isto é, os problemas ambientais decorrentes do consumo desenfreado repercute-se nos locais mais pobres causando danos de cariz ambiental (com o esgotamento dos recursos naturais) bem como danos humanos consubstanciados no empobrecimento das pessoas e no desemprego<sup>149</sup>.

É, pois, imperativo que a atividade socioeconómica, que tem no centro o ser humano<sup>150</sup>, se mostre sensível para a situação dos mais pobres bem como para a degradação da natureza adotando uma atitude conciliatória e não considerem que a degradação ambiental se resolverá com medidas económicas as quais já deram provas da sua ineficácia agravando, até, situações já de si calamitosas. Assim, «o primeiro capital a preservar e valorizar é o homem, a pessoa, na sua integralidade» (CV 25).

Tal como está explanado no Compêndio da Doutrina Social da Igreja, «uma economia respeitosa do ambiente não perseguirá unicamente o objetivo da maximização do lucro, porque a proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios»<sup>151</sup> pelo que uma ecologia económica tem, obrigatoriamente, de ter em consideração e de forma conjunta, o desenvolvimento humano e a proteção do meio ambiente, obrigando, dessa forma, a uma mudança nos estilos de vida que promova a dignidade humana, com opção preferencial pelos mais pobres, e valorize a natureza e as relações entre as pessoas dado que «a abertura a um "tu" capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana [...]. Com efeito, não se pode propor uma relação com o ambiente prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus» (LS 119).

Interligada com a ecologia ambiental e económica, surge, conseqüentemente, como indispensável uma ecologia social que tem implicações ao nível das instituições (como a família e a escola) que devem exercer um papel educativo no âmbito da formação de consciências responsáveis no uso e no cuidado das coisas e dos demais seres vivos:

---

<sup>149</sup> Cf. LS 51.

<sup>150</sup> Cf. GS 63: «Também na vida económica e social se devem respeitar e promover a dignidade e a vocação integral da pessoa humana e o bem de toda a sociedade. Com efeito, o homem é protagonista, o centro e o fim de toda a vida económico-social».

<sup>151</sup> Conselho Pontifício "Justiça e Paz", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, § 470.

a ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas (...). Ela vem acrescentar à dimensão das relações homem-natureza a dimensão homem-a-homem, de corpo-a-corpo, de coração-a-coração. [...] Assim, a perda de relações harmoniosas e fecundas com a natureza, com os outros e consigo mesmo provoca rupturas que se radicalizam na crise ecológica propriamente dita, crise nas relações entre o homem e a natureza, na crise da interioridade (radicalizada no individualismo e no relativismo contemporâneos) e na crise da alteridade<sup>152</sup>.

Deste modo, há que procurar o esforço pela obtenção de consensos para fazer frente à crise ecológica numa perspectiva integral, adotando medidas efetivas para alcançar o bem comum global, incentivando e fomentando as boas práticas e as iniciativas pessoais e coletivas, promovendo a adoção de decisões cujo processo deve ser transparente, debatendo-se pelo desenvolvimento social e pela concretização do bem comum.

## **2.2. Ecologia cultural**

Repensar a relação do ser humano com o meio ambiente implica ter em consideração que a natureza comporta e transmite também uma identidade cultural razão pela qual há que ter em consideração que na análise das questões ambientais não se destrua a cultura de um determinado local, a identidade de um determinado povo. Ou seja, nas palavras do Papa Francisco, «a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade» pelo que «pede que se preste atenção às culturas locais» (LS 143) dado que a degradação do meio ambiente, fruto da sua exploração incessante, pode destruir os meios de subsistência e os recursos sociais que, ao longo dos tempos, ancoraram uma identidade cultural, um sentido existencial conduzindo ao seu desaparecimento o que pode ser mais grave do que a extinção de uma espécie animal ou vegetal<sup>153</sup>.

Considerando que a cultura expressa diferentes formas do ser humano se relacionar e compreender a natureza, organizar a relação com os outros e com a transcendência, e de lhes atribuir significado, consubstanciando um modo de vida que reflete maneiras de pensar, de agir e de sentir, reconhece-se que o património natural tem também associado um património histórico, cultural e artístico, o qual revela uma identidade comum de um local, de um povo cuja originalidade deve ser salvaguardada e integrada:

---

<sup>152</sup> Varanda, "A Salvação Ecológica", 116.

<sup>153</sup> Cf. LS 145

é a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças compartilhadas. Deste modo a diferença, que pode ser uma bandeira ou uma fronteira, transforma-se numa ponte [...]. A própria identidade cultural aprofunda-se e enriquece-se no diálogo com os que são diferentes, e o modo autêntico de a conservar não é um isolamento que empobrece (QA 37).

No entanto, a globalização tende a promover uma homogeneização das culturas conduzindo a que a diversidade cultural seja remetida para segundo plano camuflando a riqueza que as diferentes culturas oferecem à Humanidade uma vez que «perde-se o significado profundo da cultura das diversas nações, das tradições dos vários povos, no âmbito das quais a pessoa se confronta com as questões fundamentais da existência» (CV 26).

Um estilo de vida mormente consumista, que degrada o meio ambiente entendendo-o como fonte económica - cujos recursos a explorar são inesgotáveis - direcionada para a satisfação de interesses individuais, «tende a desprezar as culturas locais que fazem a riqueza da diversidade cultural mundial»<sup>154</sup> refletindo a falta do sentido de pertença a uma família universal.

Uma «economia globalizada danifica despidoradamente a riqueza humana, social e cultural» (QA 39), provocando um empobrecimento humano com a perda de valores e das raízes culturais que são referência enquanto identidade e sentido de dignidade, cessando, assim, também a transmissão de uma sabedoria que passou de geração em geração<sup>155</sup> pelo que a degradação do meio ambiente acarreta também uma degradação da identidade cultural, com maior enfoque para as culturas cujos povos identificam a sua própria existência e dignidade com os elementos naturais criados por Deus. A este propósito, veja-se o exemplo das comunidades aborígenes para quem «a terra não é um bem económico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores» (LS 146).

Isto implica que, para salvaguardar e preservar as culturas originárias que têm inerente a si uma identidade e um sentido de existência, seja necessário «pensar novas formas de promover a consciência da história comum, a percepção do seu sentido e a apropriação dos valores nela construídos»<sup>156</sup>.

<sup>154</sup> Zampieri, "Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum - um guia de leitura", 12.

<sup>155</sup> Cf. QA 30.

<sup>156</sup> Jorge Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*, (Prior Velho: Paulinas, 2015), 132.

Por isso, o Papa Francisco considera que as soluções não podem refletir meros modelos uniformes sem qualquer tipo de intervenção das culturas locais sendo imprescindível

assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento de um grupo social supõe um processo histórico, no âmbito de um contexto cultural, e requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais, *a partir da sua própria cultura*. Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano<sup>157</sup>.

Deste modo, procurando-se o desenvolvimento integral humano, não se pode deixar de reconhecer a importância da cultura na vida do ser humano pois ela, nos seus diversos aspetos, é constitutiva da experiência humana<sup>158</sup>. Assim, «devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum»<sup>159</sup> desenvolvendo uma mudança no modo de vida e encontrar na natureza a beleza e a diversidade dum património cultural comum que não pode ser visto duma perspectiva utilitarista e economicista sob pena de se perder uma identidade cultural que, em diversos casos, fundamenta a dignidade humana e dá sentido à vida.

### **2.3. Ecologia da vida quotidiana**

Dissemos que, na *Laudato Si'*, o Papa Francisco propõe uma ecologia integral que coloca o Homem na centralidade de tudo em função da sua vocação e na relação com a realidade que o rodeia; por isso, porque importa uma abordagem que abarque as dimensões humanas e sociais, não é de estranhar que a vida quotidiana, o dia a dia do Homem, seja o lugar de reflexão no âmbito do cuidado da casa comum e onde se desenvolve a ecologia integral a qual «exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia» (LS 225).

---

<sup>157</sup> Bergoglio, 144.

<sup>158</sup> Cf. VD 109.

<sup>159</sup> Carta da Terra, Preâmbulo, Haia, 2000, acedido em 05 de maio de 2019, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Ecidadania/Areas\\_Tematicas/echarter\\_portuguese.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Ecidadania/Areas_Tematicas/echarter_portuguese.pdf).

Mais do que olhar crítico e prático sobre atitudes "verdes", a ecologia da vida quotidiana implica o reconhecimento, a adoção e a efetiva realização de pequenos gestos quotidianos que advêm de um estilo de vida que encerra em si aquelas dimensões promovendo modos de estar e de habitar na casa comum que contemplem o desenvolvimento humano integral e, como tal, a dignidade da vida humana. Esses gestos simples, mas transformadores, «restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo» (LS 212).

Assim, o Papa Francisco inicia a sua abordagem referindo que o verdadeiro progresso implica uma melhoria na qualidade de vida humana, nomeadamente nos ambientes em que as pessoas vivem os quais influenciam a forma de viver, sentir e agir<sup>160</sup>. Num olhar positivo e valorativo do que já existe, é realçada a forma, como mesmo em meios degradados quer do ponto de vista ambiental, urbanístico e humano, as pessoas desenvolvem relações humanas de amizade e fraternidade com as demais, criando laços de convivência e de pertença, cuja criatividade e generosidade, no meio da adversidade, dá alento e procura viver e fazer viver os outros dignamente afastando o egoísmo e o individualismo que brotam, de forma célere, da precariedade extrema geradora de violência; tal revela que «ainda é possível optar pelo cultivo da amabilidade; há pessoas que o conseguem, tornando-se estrelas no meio da escuridão» (FT 222). É, pois, imprescindível:

não perder a oportunidade de uma palavra gentil, de um sorriso, de qualquer pequeno gesto que semeie paz e amizade. Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo (LS 230).

A propósito da malha urbanística, há que acolher o apelo feito para que se tenha em consideração a harmonia com o ambiente e a qualidade de vida das pessoas, promovendo o encontro e a ajuda mútua, não só no processo de desenvolvimento urbanístico habitacional, aspeto central da ecologia humana e extremamente relevante para a dignidade das pessoas, como na projeção dos espaços comum que devem ser meio de integração num "nós" melhorando o sentido de pertença de todos e não apenas de alguns<sup>161</sup> levando-nos a afirmar, com o Papa Francisco:

---

<sup>160</sup> Cf. LS 147

<sup>161</sup> Cf. LS 150-152.

como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo fator de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro! (EG 210).

Esta perspectiva inclusiva deve estender-se às áreas rurais (quase sempre com poucos recursos e pouco desenvolvidas) onde reina a indiferença e, como tal, a dignidade humana é esquecida, evidenciando-se um elevado número de pessoas que vive sem expectativas de terem uma vida digna. «O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas» (EG 67) pelo que se revela imperioso estreitar laços para que, ao pensar-se de modo global, se atue localmente para promover o desenvolvimento humano das pessoas que vivem nessas regiões. Neste sentido, devemos ter sempre presente que:

o mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos. Por conseguinte, como comunidade, temos o dever de garantir que cada pessoa viva com dignidade e disponha de adequadas oportunidades para o seu desenvolvimento integral (FT 118).

Por outro lado, relacionarmo-nos com o meio ambiente, com os outros e com Deus comporta um outro aspeto, de importância basilar, da natureza humana: o corpo, dom de Deus, que possibilita o encontro com o outro e com o que rodeia o ser humano, o qual também é preciso cuidar e respeitar razão pela qual:

o modo como o ser humano acolhe, experimenta e cuida do seu corpo é reflexo e expressão do seu cuidado em relação ao meio ambiente. Defender e promover a integridade da natureza não podia deixar de ter, conseqüentemente, a sua tradução antropológica, cuidando e promovendo o próprio corpo como dom de Deus e bem ecológico<sup>162</sup>.

Numa cultura em que o fundamental é o visível, é o exterior, é o que é imediato e rápido, onde a aparência supera o real<sup>163</sup>, «aprender a aceitar o próprio corpo, cuidar

---

<sup>162</sup> Martins, "Para uma ecologia integral - acentuações de Laudato Si'", 178-179.

<sup>163</sup> Cf. EG 62.

dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana» (LS 155).

Mostra-se, por isso urgente, uma alteração de mentalidade; essa «mudança, que deve ser sistémica (política, económica, social, cultural, espiritual, ética, educacional,...), passa pelo concreto das atitudes quotidianas de cada um de nós»<sup>164</sup> e que encontra ancora, desde logo, no papel fundamental da família dado que:

na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida [...]. A família é o lugar de formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal» onde «pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia (LS 213).

Assim, importa uma revisão e uma mudança efetiva de hábitos e estilos de vida, mormente direcionados para o consumo em que «a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento» (LS 222), para modos de vida centrados no ser humano e no respeito pela natureza para viver em plena harmonia com tudo o que foi criado reconhecido como dom do amor de Deus num «regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos» (LS 222).

#### **2.4. O princípio do bem comum**

Referirmo-nos ao princípio do bem comum implica, desde logo, compreender que nele está subentendido o respeito pela dignidade humana e que dele é inseparável qualquer abordagem à ecologia humana<sup>165</sup> uma vez que consiste no «conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (GS 26) sendo cada vez mais universal dado que diz respeito a todo o género humano:

---

<sup>164</sup> Martins, "Para uma ecologia integral - acentuações de Laudato Si'", 188.

<sup>165</sup> Cf. LS 156-157.

"ao lado do bem individual, existe um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. É o bem daquele 'nós-todos' [...]. Não é um bem procurado por si mesmo, mas para as pessoas que fazem parte da comunidade social [...]. Numa sociedade em vias de globalização, o bem comum e o empenho a seu favor não podem deixar de assumir as dimensões da família humana inteira" (CV 7).

Desta forma, a construção do bem comum é da responsabilidade de todos, é um dever de cada um não só defender os direitos da pessoa humana como procurar criar condições para o seu desenvolvimento pleno pelo que «o empenhamento de todos, sem egoísmos, é condição essencial para se obter o bem, a que todos são chamados, e a felicidade, a que aspiramos»<sup>166</sup>.

Embora todos sejam responsáveis, compete não apenas às pessoas, individualmente consideradas, a prossecução do bem comum com vista ao desenvolvimento humano de todos, mas também, e em especial, ao Estado<sup>167</sup>:

O cuidado e a promoção do bem comum da sociedade compete ao Estado. Este, com base nos princípios de subsidiariedade e solidariedade e com grande esforço de diálogo político e criação de consensos, desempenha um papel fundamental - que não pode ser delegado - na busca do desenvolvimento integral de todos (EG 240).

O princípio do bem comum «deve ter como centro a pessoa humana, que tem uma dignidade única e irrepetível, e concretiza-se no destino universal dos bens e na solidariedade entre todas as pessoas de boa vontade»<sup>168</sup> pautando, por isso, todo o agir humano pela busca de uma sociedade mais fraterna e mais solidária, em que todos os seres humanos têm igual dignidade, reconhecendo-se o outro como um outro "eu", alargando, assim, horizontes para um bem maior que traz benefícios para todos e que a todos inclui e não apenas alguns<sup>169</sup>; neste sentido, «a "opção pelos pobres" enquanto promoção do bem de todos sem exclusão nem desigualdades, é a opção pela justiça do bem comum, é o primeiro dever dos cidadãos para que ninguém fique à margem do bem comum»<sup>170</sup>, é fundamento ético para a concretização do bem comum.

---

<sup>166</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, "Carta pastoral Responsabilidade solidária pelo bem comum", aceso a 05 de dezembro de 2019, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/responsabilidade-de-solidaria-pelo-bem-comum/?highlight=responsabilidade%20solid%C3%A1ria%20pelo%20bem%20comum>.

<sup>167</sup> Cf. CIC § 1910; Conselho Pontifício "Justiça e Paz", *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, § 168.

<sup>168</sup> Francisco José Senra Coelho, "Da «Pacem in Terris» à «Laudato Si'»", *Biblica*, 25, n.º 25 (2016): 5.

<sup>169</sup> Cf. EG 235-236.

<sup>170</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, "Carta pastoral Responsabilidade solidária pelo bem comum", 15.

No entanto, apesar de estarmos unidos por laços invisíveis que nos impulsionam a respeitar o outro e tudo o que foi criado compreendendo-nos como parte integrante de uma grande família onde todos estão em estreita relação uns com os outros e com o que está ao seu redor, participando e contribuindo para o desenvolvimento humano integral, para o seu bem-estar, ou seja, para o bem de todos, «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade» (CV 19).

Ainda assim, «quando falamos em cuidar da casa comum, que é o Planeta, fazemos apelo àquele mínimo de consciência universal e preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas» sendo que «requer-se este mesmo comportamento para reconhecer os direitos de todo o ser humano» (FT 117). É, no fundo, um apelo à fraternidade e à solidariedade, enquanto participação na comunhão orientada para o desenvolvimento humano, para o reconhecimento da dignidade da pessoa humana que vai para além dos simples e esporádicos gestos de generosidade<sup>171</sup>; é promover «*uma nova mentalidade*, que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos e cada um, acima da apropriação dos bens por parte de alguns»<sup>172</sup> posse essa que só se compreende se visar a sua administração com vista ao bem comum, ao benefício de todos, para o seu desenvolvimento integral dado que a natureza não pode ser objeto de apropriação pessoal pois é património comum de toda a humanidade<sup>173</sup>, ou seja:

Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos [...]. Por esta razão, quem usa desses bens, não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si mas também aos outros (GS 69).

Decorre daqui que princípio do bem comum implica sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, querer o bem do outro, levando-nos a abandonar o individualismo que nos autorreferencia, através de uma mudança no estilo de vida que se compromete com o verdadeiro desenvolvimento humano:

o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma *cultura do cuidado* que permeie toda a sociedade. [...] Desta forma, cuida-se do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres,

---

<sup>171</sup> Cf. EG 188.

<sup>172</sup> Bergoglio, "*Educar para uma esperança ativa*", 71.

<sup>173</sup> Cf. Coelho, "Da «Pacem in Terris» à «Laudato Si'»", 7.

com um sentido de solidariedade que é, ao mesmo tempo, consciência de habitar numa casa comum que Deus nos confiou (LS 231-232).

O compromisso pelo bem comum está, pois, alicerçado no encontro e no cuidado com a natureza e com os outros, o que implica reconhecer a gratuidade do dom recebido do amor de Deus, e, como tal, reconhecer-se em comunhão com todas as criaturas o que encerra em si, conseqüentemente, o cuidado com a criação, onde assume especial relevância a preocupação com os mais pobres, reconhecendo-se como responsável por cuidar, proteger, guardar da obra da criação, revelando «consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir» (LS 220).

Deste modo, «o amor ao outro, por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos» (FT 94).

## **2.5. A justiça intergeracional**

Como já se referiu anteriormente, «o meio ambiente é um bem coletivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos» (LS 95) pelo que ele é também das gerações vindouras e não (apenas) de quem habita o presente. Não há desenvolvimento sustentável nem prossecução do bem comum sem que se tenha em consideração que a responsabilidade que o ser humano tem de cuidar, preservar, proteger e aperfeiçoar a criação implica uma solidariedade intergeracional, a qual acarreta o compromisso efetivo de que se habite agora e sempre com a dignidade que cada um merece pois tal é «uma responsabilidade que temos para com os pobres, as gerações futuras e a humanidade inteira» (CV 48).

A nossa casa comum é "propriedade" de todos e, como tal, há que garantir que cada ser humano vive dignamente nela e encontre todas as condições para ser e viver feliz no tempo presente e futuro. Não é possível relacionarmo-nos com a terra, e com os outros, sem que compreendamos que ela nos foi dada, que não é nossa mas de Deus que nela "colocou" o ser humano como seu colaborador; neste sentido, «a terra é uma herança comum, é de todos, inclusive, das gerações futuras. Não podemos admitir que a terra

seja propriedade de alguns em vista ao seu bem individual. O critério da relação com a terra não pode ser utilitarista»<sup>174</sup>.

Todavia, o egoísmo e o individualismo que hoje se manifestam na vivência comum, com a prossecução da satisfação imediata das necessidades individuais, leva-nos a concluir pela incapacidade de se atender ao desenvolvimento humano não só dos que hoje se encontram em situações de precariedade e exclusão social como, por isto mesmo, ao das gerações futuras; tal é fruto da «deterioração ética e cultural que acompanha a deterioração ecológica» (LS 162) e é patente até no consumo exacerbado dos pais que coloca em risco e prejudica o futuro dos filhos. Não podemos escamotear que «o ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do Planeta que o estilo de vida atual - por ser insustentável - só pode desembocar em catástrofes» (LS 161) pelo que importa compreender que o meio ambiente deve ser cuidado e que a sua conservação depende da geração presente:

o ambiente situa-se na lógica da recepção: é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte. Daí a enorme responsabilidade quanto ao uso e usufruto dos bens comuns ambientais em cada presente histórico. As gerações futuras têm o direito de receber o ambiente em melhores condições do que as situações em que as gerações anteriores viveram. Pelos princípios da solidariedade e da subsidiariedade, todos os cidadãos [...] são responsáveis pela conservação cuidadosa da dimensão ambiental do bem comum<sup>175</sup>.

Assim, há que valorizar e aperfeiçoar tudo o que foi criado com vista também às gerações futuras, pelo que «os projectos para um desenvolvimento humano integral não podem ignorar os vindouros, mas devem ser animados pela solidariedade e a *justiça entre as gerações*» (CV 48).

A exigência dessa solidariedade intergeracional determina que o ser humano opere uma mudança no seu modo de vida, deixando de se colocar no centro e abandone, como prioritários, os seus próprios interesses e desperte para o que é mais relevante na sua missão de corresponsável pela criação<sup>176</sup>.

Segundo o Papa Francisco, «cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir

---

<sup>174</sup> Zampieri, "Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum - um guia de leitura", 14.

<sup>175</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, "Carta pastoral Responsabilidade solidária pelo bem comum", 20.

<sup>176</sup> Cf. LS 122.

a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras» (LS 67), ou seja, a nossa colaboração no cuidar e no guardar a Terra implica uma utilização consciente e responsável dos recursos naturais para salvaguardar a continuidade e a bondade da criação, de modo a não deixá-la depauperada às novas gerações<sup>177</sup>, e para contribuir para que quem, aqui e agora, habita a nossa casa comum viva dignamente (a preocupação com as gerações vindouras não nos deve fazer esquecer os que no presente precisam de ser cuidados e protegidos) do mesmo modo que se espera, e se quer, que as gerações futuras assim a habitem.

Porque, como cristãos que somos, instrumentos de Deus, «amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades» (EG 183), devemos ser nós «os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder [...] porque isto interpela o sentido da nossa passagem por esta Terra» (LS 160).

A título de conclusão deste capítulo, a mensagem bíblica apresenta-nos Deus como Criador mas não faz do ser humano uma mera criatura; ele é a Sua obra-prima a quem atribuiu a majestosa missão de cuidar, proteger, preservar, no fundo, de continuar e melhorar a obra da Criação tendo sempre presente que o bem-estar do ser humano está numa relação de interdependência com o demais criado. No entanto, tal foi-se desvanecendo com a promoção de estilos de vida, que ao longo do tempo se transformaram e onde o consumo desregrado gerou e acentuou desigualdades e exclusão com impacto na natureza, no intuito de satisfazer as necessidades do ser humano; a este propósito, relembremos as palavras de Jean Baudrillard: «Era uma vez um Homem que vivia na Raridade. Depois de muitas aventuras e de longa viagem através da Ciência Económica, encontrou a Sociedade da Abundância. Casaram-se e tiveram muitas necessidades»<sup>178</sup>.

As escolhas que o ser humano faz afeta não só a Terra como também, e sobretudo, as pessoas, em particular os mais desfavorecidos. Há, pois, que viver no quotidiano, enquanto cocriador na obra da Criação, o respeito pela natureza e pela dignidade humana adotando estilos de vida que promovam o bem comum. E esta consciência não

---

<sup>177</sup> Cf. CV 50.

<sup>178</sup> Baudrillard, *A Sociedade de Consumo*, 98.

tem implicações apenas no presente; o desenvolvimento de ações que promovam a sustentabilidade da Casa Comum assegura também o futuro da Humanidade.

Dado que a EMRC, inserida no sistema educativo, «responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários»<sup>179</sup>, ela

promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva<sup>180</sup>.

Ou seja, a EMRC tem como finalidade, para além do posicionamento pessoal face ao fenómeno religioso, o agir com responsabilidade e coerência<sup>181</sup> nas situações do quotidiano da realidade em que os alunos se encontram, de modo a promover efetivamente a participação ativa, a vivência do princípio do bem comum e o respeito pela Casa Comum na sua integralidade. Neste sentido, o capítulo seguinte consubstancia uma proposta que visa conhecer e identificar os valores evangélicos que estão no cerne do agir cristãos mas cuja aplicação "prática" é universal na promoção e defesa da dignidade humana e no cuidado da Casa Comum.

---

<sup>179</sup> Assembleia da República Portuguesa, "Lei de Bases do Sistema Educativo", art.2º §4, acedido a 08 de outubro de 2018, <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>.

<sup>180</sup> Assembleia da República Portuguesa, art.2.º §5.

<sup>181</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de EMRC*, 5.

### **CAPÍTULO 3 - CONTRIBUTOS DA EMRC PARA A PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA E O CUIDADO DA CASA COMUM**

A Carta Pastoral *Responsabilidade solidária pelo bem comum* da Conferência Episcopal Portuguesa, já citada anteriormente, diz-nos que «a dignidade da pessoa humana é um valor universal, base de todos os outros princípios orientadores de compreensão do ser humano em relação com os outros seres humanos da comunidade»<sup>182</sup> e que a educação tem a nobre missão de «suscitar e favorecer a harmonia pessoal dos educandos»<sup>183</sup>. Neste sentido, e com vista a capacitar os alunos para um verdadeiro equilíbrio ecológico onde se conjugam os diferentes contextos, «o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus» (LS 210), a disciplina de EMRC visa, como já anteriormente o referimos, dotar os alunos de instrumentos que lhes permita amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, adotando comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação pelo que importa «reordenar os itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão» (LS 210). Para tal, torna-se relevante que os alunos compreendam que a criação não é um acontecimento acabado; pelo contrário, ela é um "acontecimento" em constante transformação, e que cada um é corresponsável, é colaborador de Deus nesta magnífica obra, pelo que deve cuidar e respeitar todas as coisas criadas, todos os seres vivos, usar os recursos naturais com prudência e parcimónia, na medida do que é necessário, não esquecendo, em momento algum, que o ser humano também é criação e que tudo está interligado:

a relação do homem com o mundo não é acidental ou mesmo arbitrária, na medida em que não pode não estar no mundo, a terra que pisa, o ar que respira, o alimento que o sustenta. Tudo isto é mundo com que se relaciona em elemento constitutivo da identidade humana. [...] Ambiente e homem são, por isso, duas realidades interligadas<sup>184</sup>.

À primeira vista, parece que a Sagrada Escritura, e em concreto o Livro do Génesis, não revela qualquer questão ecológica e os consequentes problemas éticos, sociais e

---

<sup>182</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta pastoral Responsabilidade solidária pelo bem comum*, 6.

<sup>183</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, 24.

<sup>184</sup> Falcão, "Ecologia integral, ecologia do homem", 20.

humanos que inquinam o respeito pela Criação e, como tal, também o respeito pela dignidade humana. Todavia, realizada uma análise hermenêutica responsável, e atendendo ao facto das narrativas da criação procurarem, com recurso à linguagem simbólica que catapulta o leitor para o tempo primordial, iluminar o presente e o futuro "explicando" a complexidade do mundo e das realidades humanas dando sentido à existência presente, podemos concluir que ela nos "fala" e indica critérios, itinerários de descoberta da existência do problema ecológico como, acima de tudo, ajuda a refletir no sentido de encontrar eventuais respostas, apresenta proposta para iluminar a procura de soluções.

Assim, sem cair numa explanação extremamente catequética, é importante explorar as narrativas da criação de modo a conduzir os alunos a esses itinerários para que, como verdadeiros "co-criadores", reconheçam não só a necessidade de cuidar do ambiente como de cuidar do outro igual a si, que tem a mesma dignidade.

Para tal, há que educar para um estilo de vida sóbrio, simples, contemplativo das maravilhas criadas e, simultaneamente, aberto para a vivência da fraternidade, para a prossecução do bem comum, aberto, pois, ao outro, de modo particular para os mais pobres, isto é, educar para uma forma renovada de nos relacionarmos com o Mundo e com o outro:

a espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e na capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos [...] encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto com a natureza, na oração (LS 222-223).

A disciplina de EMRC pode consubstanciar «um espaço de encontro, de motivação vivencial e de desafio»<sup>185</sup>, i.e., pode dar o seu contributo para a valorização da dignidade da pessoa humana, para que os alunos se compreendam como colaboradores na criação sensibilizando-os para o exercício de uma cidadania plena, para serem, com a sua participação ativa, promotores e construtores do bem comum. Neste sentido, apresenta-se uma proposta de trabalho do tema "Criação, um acontecimento inacabado".

---

<sup>185</sup> João Lourenço, "Dimensão profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais proféticos da EMRC", *Pastoral Catequética*, ano 10, n.º 31/32 (2015): 129.

## 1. Uma (pequena) reformulação à “Criação: um acontecimento inacabado”

Como refere Isabel Varanda, «a criação não está terminada [...]. Pertence à criatura, que Deus saudou como muito boa, continuar a obra do Criador, não como conservador; antes como co-criador»<sup>186</sup>. Esta afirmação surge-nos como mote para abordarmos o subtema que se apresenta no Manual sob o título "Criação: um acontecimento inacabado".

Diz-nos António Estanqueiro que «crianças e adolescentes precisam de desenvolver competências (conhecimentos, capacidades e atitudes) para enfrentar os grandes desafios do presente e do futuro»<sup>187</sup> referindo que tais competências - sociais, de onde destacamos a empatia e a cooperação - são passíveis de, através da educação, serem adquiridas e aprimoradas pelo que os professores devem promover «o desenvolvimento de competências sociais dos alunos, dentro e fora das aulas, aproveitando os conteúdos programáticos das disciplinas que lecionam e as atividades extracurriculares que coordenam»<sup>188</sup>.

Neste sentido, e considerando que a escola tem um papel fundamental no despertar da reflexão e da crítica sobre a realidade para um compromisso verdadeiro e efetivo, «torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores» (EG 64) de modo a concretizar ações efetivas na defesa da Casa Comum.

Como tal, a disciplina de EMRC é um "lugar" privilegiado para ajudar a fazer crescer, no íntimo de cada aluno, essas competências e valores inerentes. Assim, e a propósito do tema que abordamos, somos interpelados a, enquanto educadores, «assumir o desafio de *contribuir para uma nova sabedoria ecológica que entenda o homem no mundo e que respeite o próprio homem, que é parte do mundo*»<sup>189</sup> e podemos concretizá-lo fazendo, também, desabrochar e crescer a empatia e a cooperação para que, na relação com o que o rodeia, cada aluno se entenda como instrumento essencial na e para a mudança do paradigma ecológico.

---

<sup>186</sup> Isabel Varanda, "Uma verdade (in)conveniente e a missão da Igreja", *Vida Católica*, 3ª série, Ano 10, n.º 29 (2008): 256.

<sup>187</sup> António Estanqueiro, "Competências Sociais", acessado a 13 de setembro de 2021, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/competencias-sociais>.

<sup>188</sup> Estanqueiro.

<sup>189</sup> Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*, 161.

Por outro lado, atendendo a que o Programa da disciplina de EMRC e o Manual foram elaborados antes da Carta Encíclica *Laudato Si'* e sendo este um instrumento de trabalho que pode ser complementado, cada professor deve, no âmbito da sua leção, "atualizá-lo". É certo que o novo Manual, entretanto publicado, faz referência à *Laudato Si'*; no entanto, parece-nos que devia ter ido mais além da (única) referência a este valiosíssimo documento do Magistério da Igreja, referência essa que alude ao modelo que é São Francisco de Assis.

Parece-nos que a abordagem ao tema "cuidar da criação" deve ir para além do elencar as "crises" que assolam o planeta provocadas pelo ser humano. A EMRC não deve ser mais uma disciplina que evoque, no âmbito do programa curricular, essas mesmas crises (usando as denominações do Manual: crise do ambiente, crise energética e crise de matérias-primas o que, salvo melhor entendimento, parece-nos não sairmos da crise ambiental), mas tem de ser uma disciplina diferenciadora, não só na forma como aborda a questão mas, acima de tudo, como fomenta e estimula uma atitude reflexiva, uma atitude crítica e transformadora da realidade circundante.

Por isso, e porque a *Laudato Si'* é um documento que enriquece qualquer perspetiva perante os desafios ecológicos, propõe-se a sua introdução na dinâmica de aula subjacente à forma como cada um pode colocar os seus dons ao serviço dos outros, ou seja, como ser colaborador de Deus na obra da criação. E fazemo-lo com a planificação de duas aulas no intuito não só do conteúdo a trabalhar em aula mas, principalmente, para promover a reflexão crítica sobre o estado da Casa Comum, nas diferentes perspetivas no âmbito da ecologia integral, como também procurar suscitar a curiosidade para a leitura da Carta Encíclica sobre o cuidado com a Casa Comum do Papa Francisco.

Sem esquecer a importância de esclarecer corretamente o que se entende com a expressão "dominar a terra", que deverá ser o momento primordial da aula e ponto de partida para a reflexão crítica, a planificação destas duas aulas visa acima de tudo, para além do referido no parágrafo anterior, envolver os alunos na problemática ecológica numa perspetiva humanizadora, enquanto elementos ativos para a promoção e vivência dos valores evangélicos da fraternidade e do respeito pela criação onde ganha relevância a opção preferencial pelos mais pobres reconhecendo-lhes dignidade enquanto pessoa humana.

Assim, adaptou-se a planificação usada aquando da Prática de Ensino Supervisionada. Para além do recurso ao método expositivo, uma vez que «a exposição oral é uma forma eficaz de ajudar os alunos a obterem o conjunto de informações cujo conhecimento é considerado importante»<sup>190</sup>, ou seja, ajuda-os «a adquirirem, assimilarem e reterem novas informações, alargarem as suas estruturas conceptuais e desenvolverem determinados hábitos de escutar e de pensar acerca da informação»<sup>191</sup>, introduz-se o trabalho em grupo com vista a melhorar não só o desempenho escolar de cada aluno, pois a cooperação existente entre os diferentes membros do grupo possibilita que tanto os bons alunos como os menos bons potenciem as suas capacidades/desempenho escolar, como também as suas competências sociais pois, ao colaborarem uns com os outros, «dá a oportunidade aos alunos com diferentes experiências e condições para trabalharem interdependentes em tarefas comuns e aprenderem a valorizar os outros»<sup>192</sup> promovendo-se, assim, a tolerância e a consolidação das relações interpessoais positivas através da escuta ativa que tem de imperar para que, juntos, alcancem os objetivos propostos. Ao ser pedido aos alunos que abordem, primeiramente em grupo e depois em turma, a ecologia integral através da *Laudato Si'* tal implica um maior envolvimento da sua parte o que acarretará uma aprendizagem significativa e efetiva; deste modo, a aprendizagem colaborativa, «ajudando a promover o comportamento cooperativo e a desenvolver melhores relações grupais entre os alunos, está simultaneamente a ajudar os alunos na sua aprendizagem académica»<sup>193</sup>.

Apresenta-se, então, a planificação das duas aulas que versam sobre "Criação: um acontecimento inacabado".

---

<sup>190</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*, 256.

<sup>191</sup> Arends, 257.

<sup>192</sup> Arends, 345.

<sup>193</sup> Arends, 349.

**Sumário: A Criação como um acontecimento inacabado. Colaborar com Deus na Criação.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação Formativa
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<b>6.</b> Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação	Como se colabora com Deus na obra da criação	Acolhimento, sumário e resumo da aula anterior	5'	PPT+PC/Datashow	O professor está atento a:
			<b>Observação de imagens:</b> - diálogo exploratório	10'		Participação
			<b>Trabalho em grupo:</b> - explicação da atividade proposta	5'		Guião
			- constituição dos grupos	2'		Motivação
			- início dos trabalhos (seleção números <i>LS</i> , reflexão e preparação da apresentação)	25'		Caderno
Elaboração da síntese final da aula	3'	Caderno	Participação e Motivação			

**Proposta de Síntese:** O ser humano é chamado a ser colaborador de Deus pelo que tem como missão cuidar, proteger e melhorar a criação.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

- Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem. (CFQ, CN, Geog, EF, TIC, CD)

### Descrição sumária da aula:

O sumário é registado no quadro após o acolhimento aos alunos.

Após o resumo da aula anterior, que faz ponte para a presente aula, apresentam-se imagens apelando à interpretação dos alunos de forma a conceberem que cada pessoa é colaboradora na obra da Criação e que deve colocar-se (seus dons) ao serviço de todos e de tudo, prosseguindo-se com a explicação do termo "Ecologia" e sobre a forma como o ser humano está a tratar a Casa Comum culminando com a apresentação de um diapositivo que resume os diferentes atentados ambientais à Criação. A explicitação do que significa "dominar a terra" surge, pois, na sequência.

De forma a consciencializar os alunos das consequências que os atos do ser humano têm na Criação, é apresentada, através de fotografias, a instalação *Over Flow* de Tadashi Kawamata (MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia) que pretende dar uma perspetiva da poluição existente no mar, nomeadamente ao largo da costa portuguesa, numa visão conjunta acima e por baixo do mar. Tal serve-nos de mote para, alertando para os problemas ecológicos (sem nos determos muito uma vez que também são abordados noutras disciplinas), introduzir a expressão "Ecologia Integral" do Papa Francisco explicitando o seu conceito e, deste modo, fazer uma primeira abordagem à Carta Encíclica *Laudato Si'*.

No intuito de familiarizar os alunos com a Carta Encíclica *Laudato Si'* e suscitar curiosidade para a sua leitura, a aula prossegue com um trabalho em grupo que, com base num guião a disponibilizar pelo professor, consistirá:

- na escolha, por cada grupo, de dois dos doze números selecionados e previamente afixados pela sala de aula (propõe-se que escolham um de seis do Capítulo IV "Uma Ecologia Integral", e um de seis do Capítulo VI "Educação e Espiritualidade Ecológica", a saber e a título exemplificativo: 139, 145, 151, 157, 158, 159, 208, 211, 217, 220, 225 e 230);
- na reflexão sobre os mesmos, com base nos conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores sobre a mensagem presente nas narrativas da criação e sob a perspetiva, daí decorrente, de ser colaborador de Deus na criação e do cuidado dos mais desfavorecidos (dignidade humana);
- e na preparação da apresentação dessa reflexão, que será partilhada na aula seguinte ficando ao critério de cada grupo a forma como o fará.

A aula termina com o registo da síntese nos respetivos cadernos.

**Sumário: Colaborar com Deus na Criação. Apresentação dos trabalhos dos alunos.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50'	Recursos	Avaliação Formativa
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<b>6.</b> Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação	Como se colabora com Deus na obra da criação	Acolhimento, sumário e resumo da aula anterior	5'	PC/Datashow/ Quadro	O professor está atento a:
			<b>Trabalho em grupo:</b> - apresentação das reflexões de cada grupo - diálogo exploratório	30'		Participação, Empenho, Motivação, Criatividade
			Elaboração da síntese final da aula	10'		Cooperação, Argumentação
				5'	Caderno	Participação e Motivação

**Proposta de Síntese:** Porque tudo está interligado, o ser humano deve assumir comportamentos responsáveis para cuidar da criação e colocar os seus dons ao serviço de tudo e de todos.

**APRENDIZAGENS ESSENCIAIS:**

O aluno deverá ser capaz de:

\* Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem. (CFQ, CN, Geog, EF, TIC, CD)

### **Descrição sumária da aula:**

O sumário é registado no quadro após o acolhimento aos alunos.

De modo muito breve, far-se-á a ponte da aula anterior com a presente aula, iniciando-se a apresentação, por parte de cada grupo, das suas reflexões sobre os respetivos números da Carta Encíclica *Laudato Si'*. Cada grupo tem a liberdade de, em cinco minutos, apresentar as suas reflexões recorrendo aos recursos que bem entender e que julgue o mais motivador para os colegas.

Embora planificado como sendo um segundo momento no tempo de aula, o diálogo exploratório pode ocorrer aquando da partilha das reflexões para um maior envolvimento de todos os alunos e para que, no fim da aula, a síntese seja também reflexo do trabalho colaborativo entre todos.

A aula termina com o registo da síntese nos respetivos cadernos.

**Nota:** não sendo suficiente o tempo da aula, concluir-se-ão as apresentações na aula seguinte cujo conteúdo planificado para a mesma - Cântico das Criaturas de São Francisco -, sendo o epílogo da Unidade Letiva, pode ligar e concluir o "estudo" da *Laudato Si'*

A planificação destas duas aulas, parece-nos, serem adequadas não só à abordagem do tema "Criação: um acontecimento inacabado" como também no que diz respeito à aplicação dos conhecimentos adquiridos e consolidados pelos alunos, ao desenvolvimento da sua reflexão crítica e das suas competências de comunicação uma vez que se concretizam a meta e o objetivo específicos da aula, consubstanciado na aprendizagem essencial, aliados a estratégias de ensino orientadas para o Perfil do Aluno que envolvem a cooperação, a sistematização, a análise crítica, a comunicação e a criatividade, ou seja, a capacidade de trabalhar em grupo promovendo a escuta ativa, o respeito e a tolerância face às opiniões dos membros do grupo e às suas intervenções, a seleção de informação pertinente, a organização sistematizada da leitura, a sintetização e o registo do trabalho realizado, a análise de conceitos e o estabelecimento de relações intra e interdisciplinares, o conceber situações em que o conhecimento adquirido possa ser aplicado bem como estratégias a adotar face ao desafio colocado.

Neste sentido, o trabalho realizado em aula sobre a Carta Encíclica *Laudato Si* deverá (espera-se que possa) impulsionar os alunos a promoverem atividades que reflitam a importância de cuidar da Casa Comum<sup>194</sup>, com o propósito de sensibilizar a comunidade educativa para as diferentes questões ecológicas e para a urgência da mudança de estilos de vida para uma verdadeira ecologia integral, i.e., que vá para além da questão ambiental onde a solidariedade e a fraternidade se concretizam como expressão do reconhecimento da dignidade da pessoa humana.

Tendo em consideração o referido, e porque a EMRC visa a consciencialização e a participação ativa dos alunos na prossecução do bem comum e a valorização da dignidade humana, experienciando a "teoria" na vida quotidiana, e porque se mostra imprescindível «acrescentar à dimensão das relações homem-natureza a dimensão de homem-a-homem, de corpo-a-corpo, de coração-a-coração»<sup>195</sup>, e porque o ser humano é «um ser de cuidado, colocando cuidado em tudo o que projeta e faz»<sup>196</sup>, apresentamos, no ponto seguinte, uma proposta de um projeto interdisciplinar a dinamizar na escola mas que deve almejar sair do seu espaço: o Clube *Ger(a)ção!*

---

<sup>194</sup> Por exemplo, celebrar o Dia Mundial da Terra/Aniversário da *Laudato Si* efetivando-se ao nível da interdisciplinaridade onde, sem prejuízo das demais disciplinas/atividades extracurriculares, as disciplinas de EMRC e de Ciências Naturais podem trabalhar os respetivos conteúdos, ligando a espiritualidade e as ciências.

<sup>195</sup> Varanda, "A Salvação Ecológica", 116.

<sup>196</sup> Leonardo Boff, *Saber cuidar: Ético humano, compaixão pela Terra*, (Petrópolis: Editora Vozes, 1999), 35.

## 2. Um contributo da EMRC para a vivência da dignidade humana: Clube Ger(a)ção

«Ser educador é comprometer-se a trabalhar numa das formas mais importantes de promoção da pessoa humana e da sua dignidade. E ser educador cristão é fazê-lo a partir de *uma conceção do ser humano que tem algumas características que a distingue de outras perspetivas*»<sup>197</sup>.

Pelo que, com o cunho específico da Educação Moral e Religiosa Católica, mais do que transmitir conteúdos, importa a consciencialização para a necessidade de mudança, da adoção de novos estilos de vida com vista, no âmbito da formação integral de cada aluno, à aquisição de uma cultura ecológica que seja, também ela, integral pautando-se a mesma pelo reconhecimento da centralidade da pessoa humana, razão pela qual «o único motivo pelo qual temos de fazer algo no campo da educação é a esperança numa humanidade nova»<sup>198</sup>.

A escola tem um papel fundamental na formação da pessoa como cidadão responsável, livre e consciente na tomada das suas decisões, e em concreto no âmbito da proteção da Casa Comum; passa por ela educar para uma transformação nos hábitos e estilos de vida, como já sucede com o cuidado ambiental concretizado na prática da reciclagem, mas deve ir mais além abrindo horizontes para uma maior vivência da solidariedade, da fraternidade, do bem comum.

Cada vez mais intercultural, a escola é o espaço privilegiado para ir ao encontro do outro, para «*abrir os olhos para o que nos rodeia, no âmbito do quotidiano*»<sup>199</sup> e motivar os alunos para (pequenos grandes) gestos que consubstanciem o cuidado não só com o ambiente como também com os mais desfavorecidos ou esquecidos da sociedade, despertando neles o verdadeiro sentido da solidariedade e da fraternidade.

Como refere o Papa Francisco, «é muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas, até dar forma a um estilo de vida» (LS 211). No entanto, há quem perca a motivação face à inação dos outros, pelo que o Santo Padre acrescenta:

não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar;

---

<sup>197</sup> Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*, 154.

<sup>198</sup> Bergoglio, 155.

<sup>199</sup> Bergoglio, 130.

provocam, no seio da Terra, um bem que se tende a difundir sempre, por vezes invisivelmente. Além disso, o exercício destes comportamentos restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo (LS 212).

Imbuídos desta ideia e da que o homem, obra prima de Deus criado à sua imagem e semelhança, tem uma dignidade inigualável, há que buscar o desenvolvimento humano integral de todos os seres humanos, preferencialmente dos mais pobres. E nestes não se incluem somente os economicamente afetados e tidos como tal, mas também aqueles que, fruto das circunstâncias da vida, podem encontrar-se numa situação de precariedade "emocional", como por exemplo os mais idosos não tão poucas vezes sós e, muitos até, abandonados.

Porque «uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida» (LS 213), a promoção no espaço escolar de projetos que atendem ao desenvolvimento humano é deveras importante para, desde logo, fazer germinar nos alunos a vontade de intervir e de participar ativamente na prossecução do bem comum, e de modo especial junto dos que mais precisam de sentir a solidariedade, a justiça e a fraternidade nas suas vidas:

no coração de cada homem e mulher, habita o anseio duma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar. Na realidade, a fraternidade é uma dimensão essencial do homem, sendo ele um ser relacional. A consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura<sup>200</sup>.

Neste sentido, o Clube "*Ger(a)ção*" visa colocar em prática os valores evangélicos da fraternidade, do respeito pela dignidade humana e do cuidado com a criação, tendo em consideração o contexto social no qual a escola se situa, sendo no caso da escola onde a PES foi realizada: a existência de uma faixa populacional com carências económico-financeiras, e uma população maioritariamente envelhecida.

Com vista à promoção do bem comum e do cuidado com a Casa Comum, o Clube "*Ger(a)ção*" procura sensibilizar para a importância da participação ativa de cada

<sup>200</sup> Papa Francisco, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial da Paz de 2014*, acedido a 08 de agosto de 2021, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html)

pessoa no cuidado dos mais vulneráveis e com o Planeta através do envolvimento dos alunos e da comunidade educativa (e local, se possível) no desenvolvimento de ações concretas através da identificação de situações problemáticas e procura de soluções/estratégias. Como referiu Leonardo Boff:

precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta mutação faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança<sup>201</sup>.

Assim, o Clube "*Ger(a)ção*", tendo como meta o desenvolvimento da consciência e da responsabilidade social e ambiental com vista à construção de um futuro sustentável assente num trabalho colaborativo para o bem comum e no reconhecimento da dignidade humana, apresenta-se numa dupla vertente: (i) "gerar a ação", face a situações que é preciso dar resposta, procurando a sensibilização dos alunos para tal e dentro das possibilidades dos mesmos, como já acontece com as campanhas de solidariedade promovidas nas escolas; e (ii) "ligar gerações", através do contacto entre as diferentes gerações, isto é, promover as relações interpessoais entre os mais novos e os mais velhos.

Este projeto aspira ao desenvolvimento, como já se referiu, da participação ativa dos alunos junto da comunidade, para que, conscientes do seu papel enquanto membros de uma só família com um destino comum, sejam capazes de olhar a realidade circundante e, entendendo-se como agentes de transformação no mundo, coloquem os seus dons ao serviço dos outros e do bem comum. Ou seja, pretende-se o envolvimento dos alunos (mas também da comunidade educativa e da comunidade local) no desenvolvimento de ações concretas nas situações do quotidiano, partindo do diagnóstico/identificação das necessidades para encontrar estratégias que ajudem, senão a solucionar, a minorar as situações identificadas. E que o façam com total disponibilidade e gratuidade, isto é, com «a capacidade de fazer alguma coisa, pelo simples facto de serem boas, sem olhar a êxitos nem esperar receber imediatamente algo em troca [...], fazer o bem sem pretender outro tanto da pessoa que ajudamos» (FT 139-140).

Deste modo, no âmbito da dimensão "gerar ação" procura-se a defesa de condições dignas de vida, concretizada em ações de solidariedade e de voluntariado (por exemplo, desenvolvimento de campanhas de recolha de alimentos para famílias carenciadas, de

<sup>201</sup> Boff, *Saber cuidar: Ético humano, compaixão pela Terra*, 17-18.

material escolar para entregar a crianças, e a participação nas campanhas do Banco Alimentar), ou o cuidado com a Casa Comum, refletido na preocupação, por exemplo, com o espaço comum e a sua conservação promovendo-se ações de manutenção desses mesmos espaços. Mas podem ser promovidas outras ações/atividades no campo de ação dos Objetivos *Laudato Si'*, os quais:

redefinem e reconstróem a nossa relação uns com os outros e com a nossa casa comum. Sua abordagem holística leva em conta os limites planetários de todos os sistemas socioeconómicos e as raízes humanas da crise ecológica. Estes objetivos nos chamam a uma revolução espiritual e cultural para alcançar a ecologia integral<sup>202</sup>.

São Objetivos *Laudato Si'*: 1. Resposta ao clamor da Terra, 2. Resposta ao clamor dos Pobres, 3. Economia Ecológica, 4. Adoção de estilos de vida sustentáveis, 5. Educação Ecológica, 6. Espiritualidade Ecológica e 7. Envolvimento na comunidade e Participação ativa, não sendo de estranhar que estejam alinhados e estabeleçam uma relação de complementaridade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas<sup>203</sup>.

Assim, e como forma de sensibilizar todos os membros da comunidade local para as diferentes temáticas, podem ser desenvolvidas atividades ligadas, por exemplo, ao Dia Internacional da Tolerância, ao Dia Mundial dos Direitos Humanos, ao Dia Mundial das Religiões, ao Dia da Não Violência Escolar, ao Dia Internacional da Fraternidade Humana e ao Dia Mundial da Terra (aliando a ecologia ambiental ao princípio do bem comum).

No que se refere à vertente "ligar gerações", procura-se incentivar a proximidade entre gerações e, simultaneamente, reconhecer a dignidade humana de todas as pessoas em qualquer fase da sua vida. As gerações mais novas comportam uma esperança no que à construção de um amanhã mais humano, mais fraterno e mais justo diz respeito; porém, não pode ser esquecida a relevância dos mais velhos em razão da sua história:

---

<sup>202</sup> Plataforma de Ação *Laudato Si'*, acedida a 10 de março de 2022 em <https://plataformadeacao.laudatosi.org/objetivos-laudato-si>.

<sup>203</sup> Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas podem ser agrupados em cinco grandes áreas: os que se referem às Pessoas (erradicação da pobreza e da fome, promoção da dignidade e da igualdade), ao Planeta (consumo e produção sustentáveis, combate à mudança climática e gestão dos recursos naturais), à Paz (sociedades pacíficas, justas e inclusivas, livres do medo e da violência), à Prosperidade (realização pessoal, ao progresso económico e social) e às Parcerias (integração transversal, à interconexão e à mobilização conjunta em prol dos mais vulneráveis), em Objetivos De Desenvolvimento Sustentável, acedido a 29 de dezembro de 2021, <https://www.ods.pt/ods>.

o futuro do mundo está nesta aliança entre os jovens e os idosos. Quem, senão os jovens, pode agarrar os sonhos dos idosos e levá-los por diante? Mas, para isso, é necessário continuar a sonhar: nos nossos sonhos de justiça, de paz, de solidariedade reside a possibilidade de os nossos jovens terem novas visões e, juntos, construirmos o futuro. É preciso que testemunhes, também tu, a possibilidade de se sair renovado duma experiência dolorosa. E tenho a certeza de que não será a única, pois, na tua vida, terás tido tantas e sempre conseguiste triunfar delas. [...] Nisto se vê como os sonhos estão entrelaçados com a *memória*. Penso como pode ser de grande valor a memória dolorosa da guerra, e quanto podem as novas gerações aprender dela a respeito do valor da paz. [...] Recordar é uma missão verdadeira e própria de cada idoso: conservar na memória e levar a memória aos outros<sup>204</sup>.

Como tal, propõe-se o desenvolvimento de atividades que promovam a partilha de experiências, de memórias pelos mais velhos: curiosidades e testemunhos sobre o tempo em que, com a mesma idade dos alunos envolvidos, viveram, por exemplo, determinados acontecimentos históricos, podendo passar pela elaboração de "biografias" até porque os mais novos:

"por vezes, prestam pouca atenção à memória do passado donde provêm e, em particular aos numerosos dons que os seus pais e avós lhes transmitiram, à bagagem cultural da sociedade em que vivem. Ajudar os jovens a descobrir a riqueza viva do passado, fazendo memória e servindo-se deste para as próprias decisões e possibilidades, é um verdadeiro ato de amor para com eles, tendo em vista o seu crescimento e as decisões que deverão tomar" (ChV 187)<sup>205</sup>.

Outras atividades podem também ser desenvolvidas no intuito de estreitar das relações entre gerações onde cada pequeno gesto se revela de suma importância dado o número cada vez maior de idosos que estão sós e isolados. Como refere o Papa Francisco, «oxalá cada avô, cada idoso, cada avó, cada idosa - especialmente quem dentre vós está mais sozinho - receba a visita de um anjo!»<sup>206</sup>.

Para além do trabalho interdisciplinar, este projeto implica o contacto com a comunidade local pelo que a existência de uma Rede Social no município pode ser um parceiro relevante tal como outras Instituições que estejam no terreno sendo que, no

---

<sup>204</sup> Papa Francisco, "Mensagem para o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos", acedida a 10 de março de 2022, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2021/6/22/messaggio-giornata-nonni.html>.

<sup>205</sup> Cf. *Documento Final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 35.

<sup>206</sup> Papa Francisco, *Mensagem para o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos*.

caso concreto da escola onde a PES foi realizada, a Rede Social<sup>207</sup>, da qual o Agrupamento de Escolas da Damaia faz parte integrante, engloba várias instituições que estão no terreno como a Associação Cultural Moinho da Juventude, a Associação de Solidariedade Social Vencer - Casal Popular da Damaia, o Centro Social e Paroquial Nossa Senhora Mãe de Deus da Buraca (com duas das suas valências - o Centro Infantil São Gerardo e o Centro de Convívio destinado à população sénior), a Paróquia Santíssimo Redentor da Damaia e o Centro 6 de Maio que está a cargo das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário.

---

<sup>207</sup> «é um fórum de articulação e congregação de esforços baseados na adesão por parte das autarquias e de entidades públicas ou privadas com vista à erradicação ou atenuação da pobreza e da exclusão e à promoção do desenvolvimento social. Pretende-se fomentar a formação de uma consciência coletiva dos problemas sociais e contribuir para a ativação dos meios e agentes de resposta e para a otimização possível dos meios de ação nos locais. (...) A Câmara Municipal da Amadora aderiu ao Programa Rede Social em 2003, tendo por base o reconhecimento da riqueza e da diversidade do trabalho de várias Instituições sediadas no Município» acedido a 30 de agosto de 2021, <https://www.cm-amadora.pt/intervencao-social/rede-social.html> acedido.



Quadro 10: Apresentação-resumo do Clube Ger(a)ção

Conclui-se, desta forma, que o que se pretende com o Clube *Ger(a)ção* é que os alunos integrem as aprendizagens no serviço ao outro, isto é, que apliquem as aprendizagens adquiridas e as consolidem através do serviço ao próximo dando resposta às necessidades concretas da realidade circundante e o assumam como modo de vida. Mais do que educá-los com conteúdos programáticos, importa educá-los com valores como refere o Papa Francisco ao aconselhar que se institua:

uma educação fundamentada no pensar-sentir-fazer, ou seja, uma educação com inteligência, com o coração e com as mãos, as três formas linguagem. Educar para a harmonia destas três linguagens, a tal ponto que os jovens, rapazes e moças, possam pensar naquilo que sentem e fazem, sentir aquilo que pensam e fazem, e fazer aquilo que pensam e sentem<sup>208</sup>.

Educar para a adoção de pequenos gestos na vida quotidiana, que encerram em si modos de estar e de habitar na casa comum, no intuito de promover o desenvolvimento humano integral reconhecendo-se os alunos como parte da grande família humana e colaboradores na prossecução do bem comum, fomenta a aproximação e o estreitar de relações entre todos; isto implica sair de si mesmo, ir ao encontro do outro e colocar os seus dons ao serviço dos que mais necessitam. É querer e procurar o bem do outro e, conseqüentemente, o bem de todos pois «praticar o bem significa, antes de tudo, *desejar a justiça, respeitar a liberdade e a dignidade dos outros, sentir-se solidário com todos, sobretudo com os mais desprotegidos, assumir-se responsável pelo bem comum*»<sup>209</sup>; tal só se torna possível se alicerçado no amor compreendido como:

capacidade de doação da vida pelos outros ou aos outros, gratuitamente, desinteressadamente, para além de qualquer cálculo ou permuta. Trata-se de um valor exigente mas elevado, que a sociedade ocidental não pode descurar na educação das gerações vindouras<sup>210</sup>.

A disciplina de EMRC é lugar privilegiado para o encontro e vivência do amor como força motora na defesa do bem comum e na prossecução do respeito pela dignidade humana, e onde cada aluno se encontre com a sua vocação: ser cocriador na criação, ser corresponsável pela Casa Comum.

---

<sup>208</sup> Papa Francisco, *Discurso no Encontro com os Jovens durante a Visita Pastoral a Milão em 25 de março de 2017*, acedido a 29 de dezembro de 2021, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco\\_20170325\\_milano-ragazzi-cresima.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170325_milano-ragazzi-cresima.html).

<sup>209</sup> João Manuel Duque, "Sobre a educação integral do ser humano", *Pastoral Catequética*, ano 9, n.º 26 (2013): 18.

<sup>210</sup> Duque, 18-19.

## CONCLUSÃO

Dada a pertinência que a questão ambiental tem suscitado na atualidade, e partindo da experiência vivida com os alunos e da reflexão realizada no âmbito da PES, propusemos neste trabalho abordar a dignidade humana nas narrativas da criação e a ecologia integral que delas vislumbramos ser pensamento de Deus, bem como compreender como pode a disciplina de EMRC contribuir para a promoção do bem comum e, conseqüentemente, da dignidade humana.

Não há dúvida que os relatos da Criação "cantam" as maravilhas criadas por Deus, que muitos contemplam mesmo que não à luz da fé, e onde «cada coisa [...] até os seres humanos, vem carregada da excelência e de sentido, porque guarda em si a marca registada de Deus. Por isso, no final de cada dia da Criação o texto repete como um refrão: "E Deus viu que tudo era bom"»<sup>211</sup>.

Tudo o que foi criado por Deus revela beleza e a Sua bondade, revela o Seu grande amor que é plasmado em particular no ser humano. Cada pessoa é um ser extraordinário que tem em si a presença de Deus, e é nesse reflexo, no outro "eu", criado à imagem e semelhança de Deus, que o ser humano realiza a sua vocação de comunhão com Deus. Mas, também na relação com a natureza, com o mundo, o ser humano se realiza e comunica com o Criador, enquanto seu representante e como co-criador. Razão pela qual não pode deixar de se considerar que o cuidado da Casa Comum passa por uma visão holística e não compactada onde não haja o assumir de um protagonismo excessivamente "verde" em detrimento do ator principal cuja dignidade o torna corresponsável pela mais bela das criações. A preocupação com o meio ambiente tem de passar igualmente pelo amor ao outro igual a si com o assumir de atitudes concretas que visem o respeito pela dignidade da pessoa humana, o bem comum, a solidariedade, a comunhão fraterna.

Sob a batuta da Carta Encíclica *Laudato Si'*, inspirados pelo seu carácter humanista cujo princípio do bem comum é verdadeiro pilar da dignidade humana e pela primícia que tudo está intimamente ligado, continuamos a ser interpelados a ter consciência que as nossas ações extravasam a esfera individual cujos efeitos se fazem sentir a diversos níveis - ambiental, económico, social, cultural e humano - pelo que urge promover

---

<sup>211</sup> Leonardo Boff, *Ecologia. Grito da Terra, grito dos pobres* (São Paulo: Editora Ática, 2ª edição, 1996), 64.

mudanças no nosso modo de vida, adotando um estilo de vida sóbrio e a prática de pequenos gestos para que, de forma colaborativa e efetiva, o ser humano cumpra a sua vocação como cuidador, protetor da Casa Comum, no fundo, seja verdadeiro co-criador na obra da Criação. E o seja atendendo não apenas ao presente mas também ao futuro da Humanidade preservando e melhorando a Terra para as gerações vindouras.

Contribuindo a disciplina de EMRC para a formação integral dos alunos, deve ser motor de desenvolvimento humano, visível na vivência de uma cidadania ativa, isto é, deve promover o despertar da sua responsabilidade na transformação da realidade que o rodeia e da vida dos outros. Neste sentido, a especificidade que a Unidade Letiva revela, no âmbito da reflexão crítica sobre as questões fundamentais da vida humana, requer uma abordagem séria mas cuidadosa para que os alunos se compreendam, no que diz respeito à vocação do ser humano, como corresponsáveis pela realidade em que vive e onde cada um tem um papel fundamental na promoção do bem comum e no respeito da dignidade humana. Por isso, procurámos, com a proposta de itinerário destinada à sala de aula, "abrir" caminho para que, percebendo-se como colaborador na criação, enquanto acontecimento inacabado que pode ser melhorado para além de cuidado e preservado, suscite nos alunos a adoção de atitudes e comportamentos para a existência de uma verdadeira ecologia integral, bem como os motive para viver na prática, através do Clube *Ge(a)ção*, os valores da solidariedade, da fraternidade e o respeito pela dignidade humana.

Porque a prossecução do bem comum e a promoção da dignidade humana devem pautar o sentir e o agir humano no reconhecimento que o outro é um outro "eu", recordo que o Papa Francisco deseja:

que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. [...] Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos (FT 8).

Que as propostas que aqui se apresentaram, cuja exploração pode ser assegurada nos diferentes ciclos de ensino com a respetiva adaptação, possam ser um contributo para criar pontes para a vivência da fraternidade nas realidades circundantes de modo que possamos já não sonhar mas viver efetivamente como uma única Humanidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **1. SAGRADA ESCRITURA**

*Bíblia Sagrada*. Lisboa, Fátima: Difusora Bíblica, 2009.

### **2. DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA**

Bento XVI, Papa. *Carta encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Lisboa: Paulus, 2009.

——— *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. 2ª Edição. Lisboa: Paulus, 2011.

*Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Comissão Pontifícia Bíblica. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.

Comissão Teológica Internacional. *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*. Acedido a 18 de junho de 2019. [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html).

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*. 11ª Edição. Braga: Editorial A.O., 1987.

——— *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no Mundo Actual*. 11ª Edição. Braga: Editorial A.O., 1987.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta pastoral Responsabilidade solidária pelo bem comum*. Acedido a 05 de dezembro de 2019. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/responsabilidade-solidaria-pelo-bem-comum/?highlight=responsabilidade%20solid%C3%A1ria%20pelo%20bem%20comum>.

——— *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Acedido a 30 de dezembro de 2018. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade>.

——— *Nota Pastoral Cuidar da vida até à morte: Contributo para a reflexão ética sobre o morrer*. Acedido a 30 de junho de 2019. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/cuidar-da-vida-ate-a-morte-contributo-para-a-reflexao-etica-sobre-o-morrer>.

Conselho Pontifício Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São João do Estoril: Princípiã, 2005.

Francisco, Papa. *Audiência geral de 05 de junho de 2013*. Acedido a 3 de agosto de 2020. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130605\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html).

——— *Audiência geral por ocasião do 50.º Dia Mundial da Terra*. Acedido a 3 de agosto de 2020. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco\\_20200422\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200422_udienza-generale.html).

——— *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. Lisboa: Paulus, 2020.

——— *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Lisboa: Paulus, 2015.

——— *Discurso ao Parlamento Europeu proferido em 25 de novembro de 2014*. Acedido a 3 de abril de 2019. [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamentoeuropeo.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamentoeuropeo.html).

——— *Discurso no Encontro com os Jovens durante a Visita Pastoral a Milão em 25 de março de 2017*. Acedido a 29 de dezembro de 2021. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco\\_20170325\\_milano-ragazzi-cresima.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170325_milano-ragazzi-cresima.html).

——— *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Lisboa: Paulus, 2013.

——— *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Lisboa: Paulus, 2019.

——— *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia*. Lisboa: Paulus, 2020.

——— *Mensagem para o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos de 31 de maio de 2021*. Acedido a 10 de março de 2022. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2021/6/22/messaggio-giornata-nonni.html>.

——— *Mensagem para o XLVII Dia Mundial da Paz*. Acedido a 8 de agosto de 2021. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html).

——— *Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia de 27 de março de 2020*. Acedido a 21 de novembro de 2021. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200327\\_omelia-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html).

——— *A Nossa Mãe Terra. Uma leitura cristã do desafio do ambiente*. Prior Velho: Paulinas, 2020.

João Paulo II, Papa. *Carta Encíclica Centesimus Annus*. Acedido a 20 de agosto de 2020. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html)

——— *Carta Encíclica Evangelium Vitae sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. Braga: Editorial A.O., 1995.

——— *Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles Laici sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Acedido a 3 de agosto de 2020. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html).

### **3. OUTROS DOCUMENTOS**

Agrupamento de Escolas da Damaia. *Plano Plurianual de Melhoria*. Acedido a 28 de dezembro de 2021. <https://www.aedamaia.pt/index.php/agrupamento/documentos/plano-de-estudos-desenvolvimento-do-curriculo>

——— *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia. Uma escola de todos... a construir o futuro*. Acedido a 04 de outubro de 2018. [http://aedamaia.pt/media/media/Projeto\\_Educativo.pdf](http://aedamaia.pt/media/media/Projeto_Educativo.pdf).

Assembleia da República Portuguesa. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Acedido a 08 de outubro de 2018. <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>.

Câmara Municipal da Amadora. *II Plano Municipal para a Integração das Migrações da Amadora - 2018/2020*. Acedido a 24 de outubro de 2018. <http://www.cm->

amadora.pt/images/INTERVENCAO\_SOCIAL/REDE\_SOCIAL/PDF/2plano\_municipal\_integra\_migrantes\_2018\_2020.pdf.

Cordeiro, António, Fernando Moita, José Luís Dias e Margarida Portugal. *Quero Saber! Manual do Aluno de Educação Moral e Religiosa Católica do 7º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

*Carta da Terra*. Acedido a 5 de maio de 2020. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Ecidadania/Areas\\_Tematicas/echarter\\_portuguese.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Ecidadania/Areas_Tematicas/echarter_portuguese.pdf).

Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais: Ensino Básico*. Acedido a 29 de setembro de 2018. <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>.

Educris. *Gestão Anual do Programa*. Acedido a 30 de dezembro de 2018. [www.educris.com/v2/98-didatica-da-disciplina/878-gestao-anual-do-programa](http://www.educris.com/v2/98-didatica-da-disciplina/878-gestao-anual-do-programa).

——— *Ser Professor*. Acedido a 30 de junho de 2019. <http://www.educris.com/v3/120-perfil/919-ser-professor>.

Inspecção-Geral da Educação e Ciência. *Avaliação Externa das Escolas. Relatório do Agrupamento de Escolas da Damaia - 2013/2014*. Acedido a 8 de novembro de 2018. [http://www.igec.mec.pt/upload/AEE\\_2014\\_Sul/AEE\\_2014\\_AE-Damaia-Amadora\\_R.pdf](http://www.igec.mec.pt/upload/AEE_2014_Sul/AEE_2014_AE-Damaia-Amadora_R.pdf).

Ministério da Educação. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, coordenado por Guilherme d'Oliveira Martins. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017.

Organização das Nações Unidas. “Declaração Universal dos Direitos Humanos.” Acedido a 08 de junho de 2019. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

——— “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.” Acedido a 29 de dezembro de 2021. <https://www.ods.pt/ods>.

Plataforma de Ação Laudato Si'. Acedido a 10 de março de 2022. <https://plataformadeacaolaudatosi.org/objetivos-laudato-si>.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

#### **4. ESTUDOS E ENSAIOS**

Amaral, Maria João, Maria Alfredo Moreira e Deolinda Ribeiro. “O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo. Estratégias de supervisão.” Em *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*, organizado por Isabel Alarcão, 89-121. Porto: Porto Editora, 1996.

Alarcão, Isabel. “Ser Professor Reflexivo.” Em *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*, organizado por Isabel Alarcão, 171-89. Porto: Porto Editora, 1996.

Ambrosio, Juan. *Avaliar em EMRC. Pistas para um caminho*. Lisboa: texto não publicado para uso dos alunos da disciplina de Currículo, Planificação e Avaliação, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2018.

——— “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição 2014”. *Pastoral Catequética*, ano 10. n.º 31/32 (janeiro-agosto 2015): 63-81.

Arends, Richard. *Aprender a ensinar*. 7ª edição. Madrid: McGraw-Hill, 2008.

Baudrillard, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1981.

Bergoglio, Jorge Mario. *Educar para uma esperança ativa*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

Boff, Leonardo. *Ecologia Integral. A grande novidade da Laudato Si'*. Acedido a 9 de junho de 2019. <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543662-ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-qnem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-especial-com-leonardo-boff>.

——— *Ecologia. Grito da Terra, grito dos pobres*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

——— “O desafio ecológico à luz da Laudato Si' e da COP 21 de Paris.” *Revista Eclesiástica Brasileira*, 76. 301 (2016): 24-43.

——— *Saber cuidar: Ético humano, compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Carvalho, Cristina Sá. “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014.” *Pastoral Catequética*, ano 10. n.º 31/32 (janeiro-agosto 2015): 29-62.

- Coelho, Francisco José Senra. “Da «Pacem in Terris» à «Laudato Si'».” *Bíblica*, ano 25. n.º 25 (outubro 2016): 5-10.
- Couto, António. *Pentateuco. Caminho de vida agraciada*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- Duque, João Manuel. “Sobre a educação integral do ser humano.” *Pastoral Catequética*, ano 9. n.º 26 (maio-agosto 2003): 11-21.
- Estanqueiro, António. *Boas práticas na Educação. O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença, 2010.
- . *Competências Sociais*. Acedido a 13 de setembro de 2021. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/competencias-sociais>.
- Falcão, Gabriel José. “Ecologia integral, Ecologia do homem.” *Itinerarium* 62. n.º 214 (janeiro-abril 2016): 5-25.
- Grelot, Pierre. *Homem, quem és tu? As origens do homem (os onze primeiros capítulos do Génesis)*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1980.
- Lourenço, João. “Dimensão profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais proféticos da EMRC.” *Pastoral Catequética*, ano 10. n.º 31/32 (janeiro-agosto 2015): 121-131.
- Martins, António. “Para uma ecologia integral - acentuações de Laudato Si'.” Em *Eu vim para que tenham vida. A vida que brota de Deus no acontecer da história*, coordenado por José Eduardo Borges de Pinho, 167-194. Santuário de Fátima, 2017.
- Medeiros, Rui Machado e Maria Helena Pedrosa de Jesus. “O questionamento na sala de aula: sua relevância no desenvolvimento de estratégias de supervisão.” Em *Supervisão. Investigações em Contexto Educativo*, organizado por Isabel Alarcão, 389-413. Ponta Delgada: Universidade de Aveiro, Governo Regional dos Açores, Universidade dos Açores, 2005.
- Mendonça, José Tolentino. *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não crentes*. 2ª edição. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011.
- Moita, Fernando. “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual.” *Pastoral Catequética*, ano 9. n.º 26 (maio-agosto 2013): 53-74.

Mota, Luís. “Ecologia do ser humano - Laudato Si.” *Itinerarium* 62. n.º 214 (outubro 2016): 27-37.

Nunes, Tomaz Silva. “Missão e Singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica.” *Pastoral Catequética*, ano 7. n.º 19 (janeiro-abril 2011): 117-126.

Peixoto, Bruno. “Para uma ecologia do coração. Uma viagem pela Laudato si’.” *Itinerarium* 62. n.º 214 (outubro 2016): 39-52.

Ravasi, Gianfranco. *El Libro del Génesis: 1-11*. Barcelona: Heder, 1992.

Santiago, Rui. *Estou em crer. Conversas sobre o Símbolo dos Apóstolos*. 1ª edição. Porto: Tipografia Comercial, 2014.

Tavares, António Augusto. “A Criação do homem nos mitos de origem.” *Didaskalia* 8. n.º 1 (1978): 35-54.

Varanda, Isabel. “Direitos Humanos e Evangelização.” *Memória*, ano 12 (2005): 217-228.

——— “«Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS §67).” *Semanário Ecclesia*, n.º 1485 (junho 2015): 36-41.

——— “A Salvação Ecológica.” *Cadernos ISTA*, ano 6. n.º 11 (2001): 107-119. Acedido a 20 de janeiro de 2019. [http://www.ista.pt/1/upload/ista\\_11\\_2001](http://www.ista.pt/1/upload/ista_11_2001).

——— “Uma verdade (in)conveniente e a missão da Igreja.” *Vida Católica*, ano 10. n.º 29 (maio-agosto 2008): 248-263.

Vaz, Armindo. “Criação: o presente iluminado pelas origens.” *Didaskalia* 45. n.º 1 (2015): 225-248.

——— “Ecologia integral a partir de Gn 1.” *Theologica* 51. fascículo 1 (2016): 51-67.

——— *Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da Laudato Si’*. Acedido a 13 de outubro de 2018. <http://casacomum.pt/wp-content/uploads/2018/03/EcologiaBiblia-Macau-pArmVaz.pdf>.

——— “As narrativas bíblicas da criação.” *Memória*, ano 4. Vol.4 (1997): 115-177.

——— “Narrativa da criação: Mito e contemplação.” *Humanística e Teologia* 33. n.º 2 (2012): 157-178.

——— “No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação.” *Didaskalia* 37. n.º 1 (2007): 45-73.

——— “Origem da terra segundo a Bíblia - Mito e fé.” *Biblica* 50. n.º 290 (janeiro-fevereiro 2004): 36-42.

——— *Palavra viva, escritura poderosa: a Bíblia e as suas linguagens*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.

——— *O sentido último da vida projetado nas origens. Em vez de «a história de Adão e Eva»*. Marco de Canavezes: Edições Carmelo, 2011.

Zampieri, Gilmar. “Laudato Si’: sobre o cuidado da casa comum - um guia de leitura”. *Teocomunicação* 46, n.º 1 (novembro 2016): 4-23. <https://doi.org/10.15448/1980-6736.2016.1>